EXCLUSIVO **A REINVENÇÃO DE KAMALA HARRIS**

A NEWSMAGAZINE MAIS LIDA DO PAÍS HÁ 31 ANOS



WWW.VISAO.PT

VISÃO

HUGO VAN DER DING
"O MUNDO ESTÁ ESTE SÍTIO ESTRANHO EM QUE AS PESSOAS SAÍRAM DAS TABERNAS PARA AS REDES SOCIAIS"

CARLOS LOPES
AS HISTÓRIAS NUNCA CONTADAS

AMBIENTE
COMO O CLIMA NOS PÕE DOENTES

N.º 1642 . 22/8 A 28/8/2024

O AMOR ROMÂNTICO ACABOU?

Relações abertas, poliamor e outros modelos alternativos de relacionamento parecem estar em crescendo e são bem visíveis nas aplicações de encontros. A monogamia estará a ficar obsoleta? E o que acontece ao ciúme?



LOOK PHOTOS/FOTOBANCO.PT



MISSION ON EARTH *POLAR LIGHT*



OMEGA

×

swatch

Disponível apenas em lojas Swatch selecionadas

BIOCERAMIC
MOONSWATCH
COLLECTION

MISSION ON EARTH *LAVA*



Ω
OMEGA
×
swatch

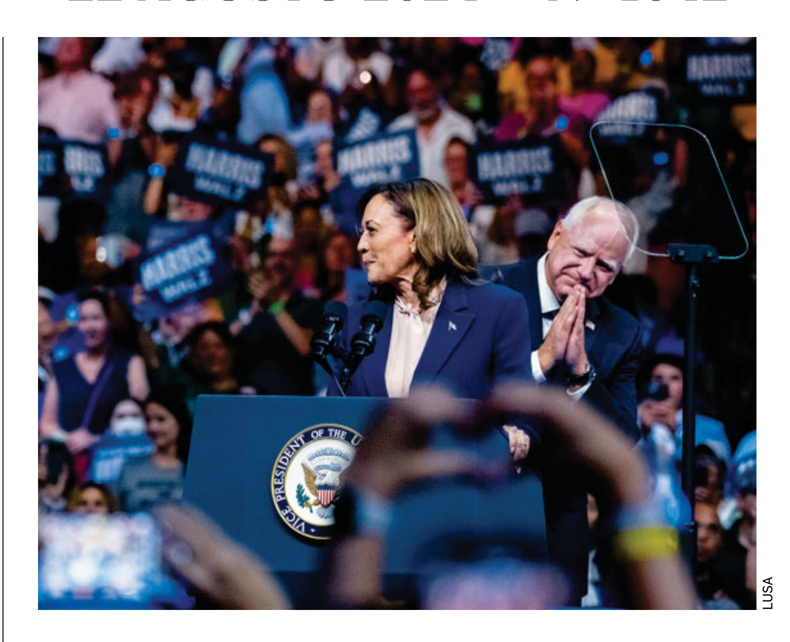
Disponível apenas em lojas Swatch selecionadas

VISÃO

22 AGOSTO 2024 — Nº 1642







LUSA



Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais.

www.visao.pt

ONLINE
Últimos artigos no site da **VISÃO**



Henrique Costa Santos
CAFÉ CENTRAL
Agora é que vai ser literacia



Gabriel Leite Mota
DA ECONOMIA, COM FELICIDADE
A importância do humanismo e da felicidade nas organizações



Margarida Davim
TUDO É POLÍTICA
Uma operação ao cérebro dos nossos filhos

SEAT IBIZA

8801 MYI

Skip the common*

Renting **185€/mês**



Campanha em Renting (Aluguer Operacional) para SEAT Ibiza 1.0TSI Style 95cv. 1ª Renda de 4.201,89€ + IVA. Contrato de 60 meses e 50.000 km através da marca registada e licenciada SEAT Financial Services, comercializado pela Volkswagen Renting Unipessoal, Lda. Sem despesas. Inclui manutenção completa, IUC, IPO, assistência em viagem, linha de apoio ao condutor 24 horas, seguro de avarias e seguro com danos próprios com franquia 4%. Serviço de seguro fornecido pelas companhias de seguros a identificar no processo de contratação. Válido para Particulares e Empresas até 30/9/2024. Limitado ao stock existente. Imagem não contratual. Consumo (l/100km): 5,0 – 5,7 (WLTP). Emissões CO_2 (g/km): 113 - 130 (WLTP).

*Evita o normal.



Um herói americano

Em vésperas da escolha de um novo Presidente dos EUA, revisitar a vida e a presidência de John Fitzgerald Kennedy é muito mais do que um simples exercício de memória. A nova edição da VISÃO Biografia, que já está disponível nas bancas, é inteiramente dedicada ao icónico Presidente norte-americano, uma personagem que revolucionou a forma de fazer política e de a comunicar. Na memória coletiva dos americanos, Kennedy mantém-se, consistentemente, em todos os estudos de opinião, como um dos cinco mais notáveis da História, e, de todos os citados, é o único que aparece, todos os anos, no top 5. Entre estes, é também o único que nunca ganhou nenhuma guerra pelas armas – mas os seus concidadãos sabem que ganhou várias pelas palavras. Revisitar a figura de JFK ajuda-nos ainda a estabelecer comparações entre a América de hoje, profundamente dividida e conflituosa, e aquela que JFK prometeu: jovem, idealista e em que tudo seria possível, desde que os norte-americanos estivessem dispostos a sonhar. Nos textos biográficos principais, o fio da narrativa é puxado atrás, às origens e aos bisavós Kennedy (paterno) e Fitzgerald (materno) que, fugindo de uma Irlanda devastada pela "grande fome da batata", em meados do século XIX, demandaram o Novo Mundo, estabelecendo-se na região de Boston. Mas os acontecimentos principais centram-se na vida do jovem Jack, desde o berço à sua participação, como herói de guerra, nas Ilhas Salomão, na II Guerra Mundial, à sua ascensão política meteórica e aos seus curtos, mas intensos, anos na Casa Branca: a luta pelos direitos cívicos, a conquista do Espaço, o início da Guerra do Vietname, o desastre da Baía dos Porcos, o tratado para o controlo dos testes nucleares, a crise dos mísseis de Cuba, a Guerra Fria e o atentado fatal. Onde se fala, também, da tragédia dos Kennedy, dos grandes políticos e ativistas contemporâneos e das relações com Salazar. Uma história sobre 50 dos mais interessantes anos do século XX, incluindo os 46 da vida do protagonista e os seus 15 de fulgurante carreira política. V visao@visao.pt

Subscreva as nossas newsletters

A melhor informação, gratuitamente, na sua caixa do correio.
www.visão.pt

ANTEVISÃO
VISÃO SETE
VISÃO PLUS
VISÃO VERDE

Nas bancas



ANIMAIS NOSSOS AMIGOS
Descobertas e curiosidades



AS MELHORES CRÓNICAS
Uma seleção *JL*, muitos anos de boa escrita



RIBERALVES
Os segredos do negócio do bacalhau

– CORREIO DO LEITOR



Parabéns pelo artigo, que bela ideia. Nova Iorque é magnética, sedutora.
– Violeta Sanches *Cascais*

PRÉMIO NOBEL
Um Prémio Nobel, o quanto antes, para as crónicas da nossa brilhante Dulce Maria Cardoso. Não foi por acaso que Annie Ernaux recebeu um, recentemente.
– Joaquim José Azevedo Moreira *Mouquim*

DESINFORMAÇÃO EM DIRETO
No texto de Rui Tavares Guedes [V1640] é referido o facto de a Rússia ter sido impedida de participar nos JO, não devia Israel ter sido alvo da mesma medida?
– Maria João Leite *Braga*

CORREÇÃO
Por lapso, na secção Periscópio, da edição n.º 1641, da semana passada, trocou-se o nome do presidente da Caixa Geral de Depósitos, Paulo Macedo, pelo do antigo ministro da Administração Interna, Miguel Macedo. Aos leitores e aos visados, as nossas desculpas.

Contactos
visao@visao.pt
As cartas devem ter um máximo de 60 palavras e conter nome, morada e telefone. A revista reserva-se o direito de selecionar os trechos que considerar mais importantes.

Morada
CORREIO: Av. Jacques Delors, Edifício Inovação 3.1, Espaço nº 511/512, 2740-122 Porto Salvo



As viagens de hoje são as memórias de amanhã.

Estamos de volta e vamos aproveitá-las juntos.



shellfirst.pt

EDITORIAL

Rui Tavares Guedes



— Diretor

Os incêndios previnem-se, porque está difícil combatê-los

Podemos passar horas e dias a discutir se foi fogo posto ou provocado por causas naturais, se os meios de combate aéreo foram acionados a tempo ou se a estratégia para conter as chamas não foi a mais adequada e até discorrer, longamente, sobre a necessidade de os responsáveis políticos, do País ou da região, se deslocarem ao local do sinistro, como se fossem chefes militares num campo de batalha.

Podemos fazer isso, mas temos de ter a certeza de que nenhum desses pontos de discussão terá consequências em relação aos incêndios florestais se continuarmos a pensar que o foco tem de estar no combate e não na prevenção.

Os incêndios florestais não ocorrem apenas por desleixo ou por falta de meios, como sugerem tantos debates intermináveis. Eles existem porque, em primeiro lugar, são naturais e até necessários para a regeneração das florestas. E ocorrem por influência de fatores climáticos, que determinam as características do combustível a longo prazo, e em consequência das condições meteorológicas, que afetam o comportamento do fogo a curto prazo. Dias de calor extremo, com vento, são mais propícios à deflagração de grandes incêndios, especialmente quando, ao longo dos últimos anos, se foi acumulando combustível nas matas e florestas, e se multiplicaram os meses com tempo quente e seco.

Não é preciso ter dotes de adivinho para perceber que há um cada vez maior risco de incêndio, especialmente nas regiões mais vulneráveis à sua ocorrência. Um estudo científico recente, publicado na *Nature Ecology & Evolution*, não deixa grande margem para dúvidas numa das suas conclusões: o ano mais quente jamais registado, o de 2023, foi também o mais extremo em termos de incêndios florestais. Tudo em consequência de um clima mais quente e seco, que fez soar os alarmes em várias latitudes: tanto nos países pobres como nos mais ricos e poderosos. Como, por aquilo que se tem observado, este 2024 caminha para ser considerado ainda mais quente do que o ano anterior, ninguém pode admirar-se com a ocorrência de mais e mais incêndios florestais.

Na Madeira, um incêndio como o que atingiu o território nos últimos dias já não pode ser considerado um fenómeno anormal nem sequer absolutamente excecional. Nos últimos 14 anos, segundo os registos mais fiáveis, a ilha foi afetada por, pelo menos, quatro grandes incêndios (nos anos de 2010, 2012, 2016 e agora o de 2024), que deixaram uma área ardida, de floresta e de mato, claramente superior aos dos outros anos "normais" do mesmo período.

Uma publicação oficial do Observatório Clima Madeira, com a chancela da Secretaria Regional da Agricultura, Pescas e Ambiente, é absolutamente clara e definitiva acerca da ameaça que paira sobre a ilha. Vale a pena reproduzir o primeiro parágrafo do capítulo dedicado às florestas: "O principal risco para a floresta na Região Autónoma da Madeira são os incêndios florestais que, nos últimos anos, têm atingido proporções catastróficas. O histórico recente é tão preocupante que, mesmo num cenário onde a vulnerabilidade futura não aumentasse, a necessidade de adotar medidas para a redução dos incêndios florestais continuaria a ser urgente, já que representam elevados danos."

O mesmo documento sublinha ainda que o risco de incêndio é potenciado, no caso da Madeira, não só pela persistência de altas temperaturas e de ventos fortes, mas também pelas condições estruturais das áreas florestais, em particular, o declive do terreno.

"Tanto a floresta Laurissilva como a floresta plantada encontram-se em áreas de acentuados declives, o que favorece a propagação do fogo, dificultando o seu combate", lê-se ainda na mesma publicação.

A experiência recente de incêndios nos EUA, no Canadá e na Austrália, todos países do G20, demonstra que os grandes incêndios são quase impossíveis de ser controlados – mesmo quando se têm dezenas de aviões ao serviço e os bombeiros mais bem treinados. Por isso, é cada vez mais importante apostar na prevenção, na identificação dos sinais de alarme e, em último caso, na eficácia dos serviços de proteção civil para evitar vítimas mortais ou grandes prejuízos materiais. É na ótica da preparação e da prevenção que o debate sobre os incêndios precisa de ser centrado. Até porque, não tenhamos dúvidas, há sempre um dia em que as florestas acabam por arder. Temos é de estar preparados para evitar que o incêndio fique incontrolável. rguedes@visao.pt

Na Madeira, um incêndio como o que atingiu o território nos últimos dias já não pode ser considerado um fenómeno anormal nem sequer absolutamente excecional



A forma como as empresas são avaliadas está a mudar.

Temos as soluções para classificar e identificar a performance de uma empresa nas vertentes ambiental, social e de governance.

INFORMA ESG Intelligence

- Score ESG
- Indicadores de Sustentabilidade
- Análise de Indicadores ESG
- D&B Risk Analytics ESG
- Análise ESG à carteira de fornecedores
- D&B ESG Ranking

SERVIÇO DE APOIO AO CLIENTE
808 29 30 29
apoio@informadb.pt
www.informadb.pt

INFORMA D&B
Edifício Atrium Saldanha,
Praça Duque de Saldanha, 1 - 3A
1050-094 Lisboa





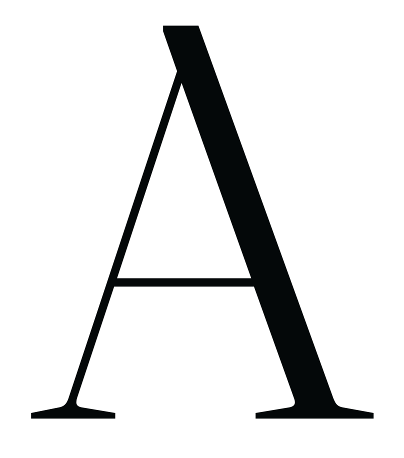
dun & bradstreet

Naide Gomes — Ex-atleta olímpica

“Há mais modalidades e mais atletas a investirem e obviamente que os resultados aparecem. Acredito piamente que Portugal tem talentos fora de série, a quem só é preciso dar oportunidades”

— **POR RUI ANTUNES** TEXTO E **LUÍS BARRA** FOTO





A detentora de mais recordes do atletismo nacional, no somatório de competições ao ar livre e em pista coberta, participou em três Jogos Olímpicos. Naide Gomes foi a Sydney 2000 em representação de São Tomé e Príncipe, onde nasceu, e representou Portugal em Atenas 2004 e em Pequim 2008, falhando Londres 2012, por lesão, antes de encerrar a carreira no ano anterior ao Rio de Janeiro 2016. Nunca ter subido ao pódio olímpico é a grande desilusão (foi sexta na Grécia, no heptatlo), mas colecionou mais de uma dezena de medalhas, entre Europeus e Mundiais. Aos 44 anos, a agora fisioterapeuta e personal trainer elogia o desempenho de Portugal em Paris 2024 e diz que há matéria-prima para ir mais além, mesmo tendo sido esta a melhor participação de sempre.

O que mais apreciou nestes Jogos?
Obviamente, os resultados dos portugueses. Foi uma das melhores participações de todos os tempos, senão a melhor, se não estou enganada. Para um país pequeno como o nosso, podemos estar superorgulhosos dos nossos atletas.

E mais?
Sigo muito o atletismo, mas este ano consegui acompanhar de perto a ginástica. A Simone Biles, a Rebeca Andrade... Foi fantástico. A rivalidade faz parte da competição, mas o companheirismo que elas demonstraram umas com as outras foi, para mim, o ponto mais alto. No desporto, não precisamos de ser inimigos, podemos dar-nos todos bem, e isso viu-se na ginástica. Por outro lado, nunca tinha visto ciclismo de pista, mas desta vez, porque tínhamos lá os portugueses, acompanhei do início ao fim. Desconhecia completamente as regras e passei a conhecer o básico da modalidade.

O mesmo se terá passado com a maioria dos portugueses.
Foi preciso eles ganharem a medalha de prata e depois a de ouro nuns Jogos Olímpicos, mas o Iúri Leitão já tinha sido campeão do mundo. Infelizmente, o nosso país funciona assim, é só pelos resultados e, se calhar, só nos Jogos Olímpicos, porque a tudo o resto que os atletas conseguem não se dá o devido valor.

Foram essas proezas no ciclismo de pista que mais a surpreenderam na equipa nacional?
Sem dúvida, porque eu sabia que a Patrícia Sampaio, se estivesse bem, conseguiria trazer uma medalha. A determinação com que ela entrou levou-me a pensar que poderia até chegar ao ouro. Não foi desta vez, mas acredito que poderá lutar por esse objetivo na próxima. De resto, não tive grandes surpresas, mas também achei incrível o resultado da Salomé Afonso nos 1 500 metros, mesmo não tendo conseguido o apuramento para a final. Acabou por fazer uma corrida brilhante e baixou, pela primeira vez, dos quatro minutos, realizando a segunda melhor marca nacional de todos os tempos [só atrás do recorde de Carla Sacramento]. Dos estrangeiros, gostava de destacar a campeã da maratona, a neerlandesa Sifan Hassan, refugiada da Etiópia, que também foi medalha de bronze nos 5 000 m e 10 000 m. Para mim, foi a figura destes Jogos Olímpicos.

Ela bateu o recorde olímpico da maratona, mas recordes do mundo caíram apenas 19. Algum a impressionou mais?
Talvez o do chinês Pan Zhanle na natação [46,40 segundos nos 100 m livres], até porque, segundo os nadadores, a pouca profundidade da piscina tornava quase impossível haver recordes do mundo.

E o de Armand Duplantis no salto com vara [6,25 metros]?
Esse já o esperava e acredito que ele pode saltar muito mais. Está só a fazer render os centímetros, um a um. É um atleta incrível.

Voltando aos portugueses, quem seguiu mais de perto?
Todos os do atletismo, sempre que passavam na televisão, e a Patrícia. Vibrei muito com ela porque a conheço. Sou fisioterapeuta no Sporting e trabalho muito com judocas, por exemplo o Jorge Fonseca e a Maria Siderot, que é muito amiga dela. A Patrícia vai lá muitas vezes e também fizemos um curso juntas no início deste ano.

De quê?
Foi um curso de Marketing e Empreendedorismo, através da Associação de Atletas Olímpicos. Mesmo estando a treinar, com estágios e tudo o mais, ela foi a mais aulas do que eu [*Risos*].

Portugal obteve o primeiro ouro fora do atletismo e os 14 diplomas abrangeram seis modalidades. É sinal de que o desporto nacional está, aos poucos, a tornar-se mais eclético nos bons resultados?
É um sinal, sim, muito embora ainda haja poucos apoios. Mas, com o que existe, há mais modalidades e mais atletas a investirem e obviamente que os resultados aparecem. Acredito piamente que Portugal tem talentos fora de série, a quem só é preciso dar oportunidades.

A que apoios se refere?
Por exemplo, é muito difícil um atleta de alta competição fazer a sua formação universitária. Passei por isso. Foi muito difícil terminar o curso enquanto estava no ativo, porque não havia a possibilidade de conciliar os estudos em função dos treinos, dos estágios, das competições, das viagens, como se faz nos Estados Unidos.

Que medida poderia ajudar?
Um acordo com as universidades para que haja uma turma ou um professor que permita fazermos as disciplinas quando temos disponibilidade para as encaixar na atividade desportiva. Haveria muito mais atletas a investir.

Os centros de alto rendimento, de novo em alta por causa do sucesso do ciclismo de pista, são um dos segredos das medalhas olímpicas?
Certamente são um dos segredos. Havendo condições, é meio caminho andado para o sucesso. O de ciclismo de pista é em Anadia, nem sempre fica perto de casa, mas chama mais pessoas para a modalidade.

O de canoagem é em Montemor-o-Velho, o que também implica dias longe da família, sempre que há estágios.
Tem de se mudar a vida toda para se conseguir treinar neste tipo de complexo. O Fernando Pimenta tocou nesse ponto. Fiquei muito triste por ele. Pelo trabalho que tem vindo a desenvolver e pelos resultados que tem alcançado, merecia ganhar o ouro. Ao vê-lo a chorar, percebo-o perfeitamente. Passamos anos e anos a dedicar-nos, abdicamos de estar com a família e não vamos às festas de aniversário, em detrimento do nosso sonho, e depois, na hora H, as coisas não acontecem como desejávamos. É muito frustrante.

Esperava mais de atletas como ele, Jorge Fonseca ou Diogo Ribeiro, tendo em conta o que já atingiram?
Os Jogos Olímpicos são os Jogos Olímpicos, há imensos atletas com o mesmo objetivo. E há dias e dias. Estive lá e não poderei nunca, de maneira alguma, julgar um atleta. Eu também era favorita, líder do ranking mundial, e falhei. Que moral tenho para lhes apontar algo? Nem pensar. Quero é dizer-lhes que este correu mal, mas continuem a acreditar e a trabalhar, que outros sonhos virão. Só estar lá já é uma vitória que não é para todos. Obviamente, eles sentem a frustração. Mais do que ninguém, queriam melhores resultados, e não há quem sofra o que eles sofrem.
Como se lida com a desilusão de não conquistar uma medalha, tendo esse legítimo objetivo?
Eu rodeei-me de pessoas positivas, principalmente a minha família e o meu treinador, que acreditavam em mim e não iam criticar-me. Foi um ponto de partida, porque eu própria tive de me reerguer e acreditar nas minhas capacidades. Não podia, de maneira nenhuma, ser definida por aquele momento. Falhei comigo própria, mas não podia castigar-me a esse ponto. Custou imenso, mas, enquanto temos saúde e duas pernas, toca a andar e vida para a frente.
Esse momento, para si, chegou em Pequim 2008, quando falha a final do salto em comprimento, tendo a melhor marca mundial do ano. Recebeu muitas críticas?
Os portugueses foram muito bonzinhos comigo. Há muita gente que não sabe, porque eu não quis arranjar desculpas, mas um mês antes eu tinha partido o calcanhar, tanto que pensámos em não ir. Com os médicos, foi decidido fazermos tratamentos na aldeia olímpica e tomar a medicação, mas eu não conseguia treinar nem andar, por causa das dores. Para espanto de todos, uma ressonância magnética revelou outra fratura no mesmo pé. Tudo isto mexeu muito comigo. Saber que o sonho estava tão perto e que, se calhar, não ia conseguir. No dia da qualificação, deram-me anestesia e estava sem dores, mas, em vez de ter estado focada no meu objetivo, nos dias que antecederam a prova, o meu foco era se devia ou não competir.
Para superar Pequim, apontou à medalha nos Mundiais do ano seguinte. Acabou desiludida com o quarto lugar, mas viria a receber o bronze por essa prova dez anos depois, por desqualificação da segunda classificada, devido a doping. Tarde demais?
Três semanas depois de Pequim, tive de sair do poço para voltar a competir em meetings. No fim da época, havia a finalíssima desses meetings, que valia um prémio chorudo de 70 mil dólares. Mesmo lesionada, ganhei-o, mas, se me perguntar se o trocaria pela medalha olímpica, obviamente que sim. Reergui-me, mas até hoje lembro-me de tudo, não há como esquecer. Entretanto, nos Mundiais de 2009, teria dado jeito a medalha de bronze. O tico e o teco andaram aqui na minha mente a debaterem-se com dúvidas sobre se conseguiria chegar à final. Acabei por fazer excelentes saltos e chorei porque não deram para a medalha, mas não foi traumatizante. Quando, em 2019, fui recebê-la a Doha, não teve o mesmo sabor. Tenho-a guardada, mas não me diz nada. Só a aceitei porque considero importante repor a verdade.
Cada vez mais atletas de topo admitem que precisam de ajuda psicológica para ultrapassar fases de maior desgaste mental. Alguma vez lhe aconteceu?
Olhando para trás agora, sinceramente, gostaria de ter sido ajudada, mas no meu tempo não havia esta oferta. Não se ouvia falar muito do psicólogo. Hoje em dia, todos os atletas são acompanhados o ano inteiro, em treino e em competição. Só no final da minha carreira é que a federação começou a disponibilizar e recorri a essa ajuda porque tinha rompido o tendão de Aquiles a dois meses dos Jogos de Londres 2012, fui três vezes operada, as dores continuavam e todos os dias saía de casa a pensar se valia a pena todo aquele sofrimento para tentar estar no Rio de Janeiro 2016. Foi muito importante para me ajudar a acabar com o martírio. Gostaria de sair pela porta grande, nos Jogos Olímpicos, mas não estava em condições.

> **O Estado devia oferecer uma casa a cada campeão olímpico. Era meio caminho andado para se dedicarem a 100%. Para deixarem de pensar como é que vão pagar uma casa se tiverem uma lesão grave**

Guarda alguma mágoa por nunca ter conquistado uma medalha olímpica?
[*Hesita.*] Não é mágoa, mas sinto que tinha todas as condições para a conquistar. Trabalhei tanto para a conseguir que era um prémio que podia ter dado a mim mesma e ao meu treinador. Devia isso a mim e a ele. Não consegui, paciência, consigo estar bem comigo própria. Há muito mais na vida do que medalhas olímpicas.
Como qualifica o quinto e o sexto lugares do Afonso Vilaça e do Ricardo Baptista no triatlo ou o quinto lugar do Gabriel Albuquerque na ginástica de trampolins e da dupla Carolina João e Diogo Costa na vela?
Excelentes. Alguns foram dos melhores resultados de sempre, sem esquecer a Vanessa Fernandes no triatlo, por isso estão de parabéns. São miúdos que foram para lá sem medo, que lutaram de igual para igual e que alcançaram belíssimos feitos. Quem dera a muita gente.
Portugal valoriza excessivamente as medalhas ou o quarto lugar é mesmo o primeiro dos últimos?
É o primeiro dos últimos e não é valorizado, mas as pessoas têm de ter noção de que ser quarto nuns Jogos Olímpicos é excelente. Obviamente que toda a gente só quer medalhas, os próprios atletas quando o assumem já estão a matar os outros resultados, mas é excelente. Há muitos atletas a trabalhar para viver esses momentos, e a sorte também conta.
Pedro Pichardo, prata em Paris, referiu que falta cultura desportiva em Portugal e deu o exemplo do campeão olímpico dos 200 metros, Letsile Tebogo, que conquistou o primeiro ouro para o Botswana e foi recebido com uma enchente num estádio de futebol. Entende a mensagem dele?
Entendo plenamente. O nosso país tem cultura futebolística. O resto não importa muito. Nos Jogos Olímpicos, lá se lembram que afinal temos outros

atletas. Enquanto não mudarmos isso, não há volta a dar. Mas, por exemplo, a Patrícia foi muito bem recebida e os ciclistas de pista tiveram uma chegada apoteótica no Norte. Também foi a primeira medalha de ouro para o Botswana e é normal que o povo fique em delírio.

O Estado português atribui 50 mil euros aos campeões olímpicos. É um prémio adequado?
Devia oferecer uma casa a cada campeão [*Risos*]. Era meio caminho andado para eles se dedicarem a 100%. Para deixarem de pensar como é que vão pagar uma casa se tiverem uma lesão grave. Termos uma vida estável, sem pensar nestes cenários, é uma mais-valia.

Poucos países oferecem uma casa.
Claro que 50 mil euros é uma grande ajuda, mas hoje em dia sabemos que não paga uma casa. É preciso ser-se muito bom atleta, ganhar várias medalhas, ter patrocinadores, e só assim é que se consegue. Além da casa, temos de pagar tudo o resto e pensar no futuro, porque a carreira acaba cedo. É muita coisa.

Pensava muito no pós-atletismo?
Pensava, tanto que nunca larguei os estudos. Tinha ganhado algumas medalhas e algum dinheiro, mas pensava que um dia isso acabava e depois o que é que eu ia fazer? Claro que por mim faria atletismo até aos 80 anos, mas tive de me precaver e um dos meus objetivos de vida foi sempre tirar um curso superior. No caso, de Fisioterapia.

Que é, precisamente, a sua área profissional, agora.
Além de mãe de dois meninos com 6 e 8 anos, sou fisioterapeuta e personal trainer. Como fisioterapeuta, trabalho no gabinete médico do Sporting, com atletas das modalidades. Para mim, é gratificante poder contribuir para os ajudar, também, do ponto de vista motivacional.

Agate de Sousa falhou a final do salto em comprimento em Paris, com uma marca muito abaixo do seu melhor. Ficou aquém das expectativas?
As marcas, por vezes, não interessam muito. Ali, naquele momento, é que temos de fazer acontecer. Se não estou inspirada e tudo corre mal, não há medalhas para ninguém. Ela tem muitos Jogos Olímpicos pela frente, é uma atleta fantástica. Dias antes da prova, falei com o treinador dela para desejar boa sorte e ele explicou-me que ela estava com uma lesão muscular, por isso dou-lhe os parabéns por ter tentado. É continuar o trabalho.

Acredita que será ela a roubar-lhe o recorde nacional do comprimento?
Acredito, sim. É uma questão de tempo. Se eu gostaria? Não. Mas os recordes são para ser batidos e eu quero é ver atletas portugueses a superarem-se nos palcos internacionais.

Termino com uma pergunta de algibeira: Quem é a atleta portuguesa detentora de mais recordes nacionais no atletismo?
Não sou eu?

É a Naide, sim. E quem se segue, já agora?
A Fernanda Ribeiro?

Não. Carla Sacramento.
Ainda cheguei a competir com ela e creio que a última competição em que estivemos juntas foi em 2002, em Munique. rantunes@visao.pt



EDIÇÃO MENSAL GRATUITA, EXCLUSIVA PARA INVISUAIS

Porque é bom ler

Com o apoio de:























Papel fornecido por:

















Para mais informações: **frc6@sapo.pt** ou ligue **913 998 221**



7 PONTOS DA SEMANA



FILIPE LUÍS*



LUÍS BARRA

A caça ao pensionista

O primeiro-ministro, Luís Montenegro, ataca a *rentrée* com três medidas, anunciadas na Festa do Pontal, o evento anual do PSD que, a meados de agosto, no Calçadão de Quarteira, costuma agitar a agenda política do verão. Os trabalhos de Montenegro, que aí vêm, são exigentes, mas, das três iniciativas anunciadas, há uma, o suplemento a pagar aos pensionistas, que visa "entalar" o PS, "proibindo" os socialistas de discordar de um "bodo" tão inesperado quanto extemporâneo (este tipo de prestação social, por ser extraordinária, costumava fazer-se em tempos extraordinários, como os da pandemia ou do surto inflacionista). Na verdade, as outras duas medidas, um passe único de 20 euros para andar de comboio e a abertura de novas vagas de Medicina em duas universidades que ainda não tinham o curso, destinam-se mais a embrulhar o pacote – para não parecer que tudo se resume a uma medida eleitoralista destinada aos reformados – do que a produzir verdadeiros resultados práticos. Com efeito, o passe é redundante: quem precisa de andar de comboio já dispõe de um passe e, no caso do passe único, válido para outros meios de transporte. Não vai tirar uma "segunda via". E quem usa serviços como o Intercidades – ou, pelo menos, a maioria dos seus utilizadores – fá-lo de forma não quotidiana, e mais vale tirar bilhete. Relativamente às vagas de Medicina, é uma medida que ainda tem de passar por várias fases – António Costa, em tempos, anunciou esta mesma iniciativa… –, nomeadamente, a aprovação dos cursos: em que condições são ministrados e quem os administra? Sendo que só produziria efeitos, na oferta de clínicos, daqui a uma década. De qualquer modo, mesmo que isto não avance, ninguém vai lembrar-se da promessa. Esqueçam: não é isso que vai resolver os problemas imediatos do SNS. De forma que o suplemento extraordinário, anunciado para outubro, para as pensões mais baixas, que vai dos 100 euros, para as "mais altas das mais baixas", até aos 200 euros, para as mesmo baixas, é uma medida imediata e visível, que pretende produzir resultados a curto prazo. Não é um aumento de pensões, mas uma prestação "*one shot*", única, tirada da folga que o Governo de Montenegro dizia que Medina não tinha deixado (custa 400 milhões)… Já tínhamos percebido, na campanha eleitoral, que estava aberta "a caça ao pensionista" (uma numerosa faixa da população que tende a votar e não a abster-se), numa luta desesperada entre o PS, que julga ter ali uma coutada eleitoral exclusiva, e o PSD, que pretende recuperar a mesma coutada que, antes dos cortes de Passos Coelho, já tinha sido sua. Assim, a jogada de Montenegro procura atingir dois objetivos: primeiro, demonstrar aos pensionistas que as "declarações de amor" em campanha têm sequência, mesmo quando já se obteve o prémio (o Governo). Segundo, precaver o futuro próximo, não vá o Orçamento ser chumbado e o País ser precipitado em novas eleições.

O argumentário posterior ao anúncio da medida, nomeadamente a troca de (demagógicas) acusações entre o primeiro-ministro em exercício (Paulo Rangel substitui Montenegro nas férias) e Pedro Nuno Santos, comprova toda esta novela de faca e alguidar: Pedro Nuno acusa o Governo de enganar os pensionistas – queria ver-se era um aumento sustentado das pensões! – e Rangel fica "chocado" por o PS "discordar" [*sic*] desta medida de carácter social. No final, o que interessa é que quem tem pensões baixas terá um pequeno alívio – o resto são jogos florais.

*Subdiretor
fluis@visao.pt

50

NÚMERO

golos

Este foi o registo das primeiras duas jornadas da Liga Portugal Betclic. Um razoável desempenho dos ataques, que resulta numa média de cerca de 2,8 golos por jogo, não se tendo registado qualquer empate a zero. Mais: das 18 equipas, metade marcou nos dois jogos.

URGÊNCIAS

Menos maternidades no futuro?

Pela primeira vez, a ministra da Saúde, Ana Paula Martins, admitiu a concentração dos serviços de Obstetrícia. A ideia tinha sido adiantada, há poucos dias, pelo diretor-executivo do SNS, António Gandra d'Almeida. A ministra admite avançar, caso seja esse o "entendimento da Comissão Independente para o acompanhamento do Plano de Urgência para a Saúde". E garante que as eleições autárquicas – que acontecem no próximo ano – não vão impedir que sejam tomadas as medidas, "em diálogo com os autarcas" e apelando "ao esforço de todos". E acrescentou: "O *timing* é aquele a que chegámos, com um SNS com apenas 40% dos obstetras ao seu serviço, não há outro momento..."



ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

LA VUELTA

Os nossos 15 minutos de fama

Esta foi a semana para ver, ao vivo, em Portugal, três etapas da Volta a Espanha em Bicicleta, uma das três grandes provas do circuito internacional. O ciclista português João Almeida (na foto), 4.º classificado no Tour de França deste ano, é um dos favoritos à vitória final. As regiões de turismo e as autarquias investiram cerca de dois milhões de euros para ter La Vuelta por cá: a prova tem transmissão televisiva para 190 países, estimando-se uma audiência superior a 500 milhões de espetadores. Os serviços de segurança proporcionados por PSP e GNR são pagos pela organização. Está comprovado que as transmissões televisivas das voltas a Espanha e a França estão diretamente relacionadas com o incremento do turismo nesses países.



FRASE

"Há um conjunto de abutres políticos que se querem aproveitar, treinadores de bancada que nunca estiveram no fogo"

MIGUEL ALBUQUERQUE
Presidente do Governo Regional da Madeira



INCÊNDIOS

Já chegaram à Madeira

Várias frentes ativas e populações deslocadas de suas casas. Este ano, o pesadelo dos incêndios já chegou à Madeira, o que nos diz muito sobre verões rigorosos e alterações climáticas. Locais como Ribeira Brava, Curral das Freiras, Encumeada, Serra d'Água ou Paul da Serra viram arder quase dez mil hectares.



GAZA

A hora da paz?

Um acordo em três fases: cessar-fogo para entrega progressiva de todos os reféns do Hamas; retirada, em seis semanas, do exército israelita de Gaza e entrada de auxílio humanitário; e reconstrução de Gaza. Apresentado há um mês, o Plano Biden pode ter sido agora aceite por Benjamin Netanyahu, segundo revelou o secretário de Estado Antony Blinken, que se deslocou a Israel e, quando fechávamos esta edição, se encaminhava para o Catar, para preparar nova ronda de negociações, e para onde, garantiu, Israel enviará uma delegação. "Agora, a bola está do lado do Hamas", disse o responsável norte-americano. Será desta?...

Oleksandr Syrskyi
Bom filho a casa torna

O comandante-chefe das Forças Armadas ucranianas foi quem decidiu invadir a região de Kursk, levando assim a guerra à Rússia. Há aqui um travo a ironia – o tenente-general nasceu perto de Moscovo, no território que é hoje russo

— POR LUÍS RIBEIRO

As raízes "russas"

Oleksandr Syrskyi nasceu há 59 anos a cerca de 100 quilómetros de Moscovo, na pequena aldeia de Novinki (uma só rua e 15 habitantes, segundo o censo de 2010), na *oblast* de Vladimir, na então União Soviética. Etnicamente russo, acompanhou o pai, militar, quando este foi destacado para Kharkiv, República Socialista Soviética da Ucrânia, em 1980, tinha Oleksandr 15 anos. Após completar os estudos secundários, seguiu para Moscovo, onde ingressou na Escola Superior de Comando de Armas Combinadas, a principal instituição de formação militar da URSS (e ainda hoje da Rússia). Aí se graduou em 1986.

Experiência

Syrskyi é um oficial com uma longa experiência em zonas de conflito. Participou, por exemplo, na Guerra do Afeganistão (que a URSS perdeu, ao fim de quase dez anos de hostilidades). Caída a União Soviética, voltou à Ucrânia, quando a sua unidade foi destacada para a *oblast* de Kharkiv. Aí se tornou oficial superior. Em 1996, formou-se na Universidade de Defesa Nacional da Ucrânia, em Kiev. Entretanto, casou-se com uma ucraniana (com quem tem dois filhos). Quando rebentou a guerra no Donbass, em 2014, Syrskyi destacou-se em batalha, a comandar unidades antiterrorismo, foi promovido a major-general e recebeu a Ordem Militar de Bohdan Khmelnytsky.

A chegada ao topo

Aquando da invasão russa de larga escala, em fevereiro de 2022, Syrskyi (coronel-general, sendo o único ucraniano com esta patente) já era comandante das Forças Terrestres das Forças Armadas da Ucrânia há dois anos e meio. Foi nessa qualidade que organizou a defesa bem-sucedida de Kiev, provavelmente a vitória mais importante da Ucrânia, ao garantir que a Rússia não conseguiria decepar a liderança ucraniana. Meses mais tarde, liderou a contraofensiva de Kharkiv, desbaratando o exército russo e recapturando 12 mil quilómetros quadrados de território.



A surpresa

Em fevereiro deste ano, Zelensky elevou Syrskyi a comandante-chefe das Forças Armadas, afastando o general Valerii Zaluzhnyi (a quem atribuiu o galardão de Herói da Ucrânia e destacou como embaixador no Reino Unido). Syrskyi entrou num momento difícil, com a torneira de ajuda americana fechada devido a um impasse no Congresso e a Ucrânia remetida a tentar conter o avanço russo. O seu momento chegaria a 6 de agosto, quando o exército por si comandado entrou por Kursk adentro, levando a guerra à Rússia e capturando centenas de prisioneiros de guerra pelo caminho. Os pais de Oleksandr Syrskyi continuam a viver na Rússia.

Velho Continente

Nos últimos 30 anos, a população europeia decresceu e envelheceu, fazendo jus à alcunha do continente

— POR MARGARIDA VAQUEIRO LOPES

A população europeia era, em janeiro de 2023, de 745,8 milhões de pessoas, segundo estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU). Esse número resvalou ligeiramente para 745,6 milhões em julho do mesmo ano, com as mulheres a representarem 52% da população total – 385,4 milhões

CRESCIMENTO (A VERDE) E DECRÉSCIMO (A VERMELHO) POPULACIONAL, NA EUROPA, ENTRE 1990 E 2023

80 60 40 20 0 -20 -40%

Islândia +52%

Apesar do decréscimo global da população – sobretudo devido à quebra da taxa de natalidade – importa referir que houve avanços significativos em termos de saúde. Nomeadamente no que toca à **mortalidade infantil**, que tombou de 12,9 mortes por cada mil crianças, em 1990, para 3,4 mortes em cada mil, em 2023

A ONU estima que em 2023 o número de migrantes que chegaram à Europa tenha ultrapassado os 1,5 milhões, um valor que compara com um fluxo negativo – ou seja, mais gente a sair do que a entrar - de 540 mil pessoas em 1950. A **idade média da população** era, no ano passado, de 42,2 anos, face a uma idade média de 27,6 em 1950

Noruega +30%
Finlândia +12%
Suécia +23%
Estónia -13%
Letónia -29%
Lituânia -23%
Irlanda +48%
Holanda +20%
Dinamarca 19%
Bélgica +18%
Reino Unido +20%
Rússia -2%
Bielorrússia -11%
Polónia +2%
Alemanha +6%
POPULAÇÃO QUE MAIS CRESCEU
Luxemburgo +74%
Rep. Checa +5%
Eslováquia +5%
Ucrânia -28%
POPULAÇÃO QUE MAIS DECRESCEU
Moldova -31%
Azerbaijão +43%
França +17%
Suíça +32%
Áustria +19%
Hungria -7%
Roménia -17%
Eslovénia +6%
Geórgia -30%
Croácia -19%
Sérvia -14%
Bulgária -23%
Espanha +23%
Itália +4%
Bósnia e Herzegovina -28%
Turquia +56%
Grécia 0%
Arménia -17%
Montenegro +2%
Albânia -14%
Kosovo -14%
Macedónia do Norte -11%
Chipre +71%

Portugal +4%

O aumento de população resultou, sobretudo, do **aumento do saldo migratório**, que em 2023 foi de mais de 155 mil pessoas – já o saldo natural continuou negativo, nos -32 596, segundo dados do INE. Ainda assim, no ano passado o País registou um **ligeiro acréscimo da natalidade**: o número médio de filhos por mulher em idade fértil aumentou para 1,44 filhos, contra 1,42 em 2022

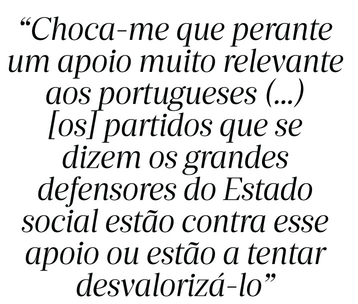
❶ Andorra +54%
❷ Mónaco +28%
❸ Liechtenstein +37%
❹ São Marino +44%
❺ Malta +45%

FONTE Departamento de Assuntos Económicos e Sociais da ONU

MT/VISÃO

O choque das pensões

O Governo anunciou um suplemento até 200 euros para reformados que será pago em outubro. A medida vai custar 400 milhões de euros



"Choca-me que perante um apoio muito relevante aos portugueses (...) [os] partidos que se dizem os grandes defensores do Estado social estão contra esse apoio ou estão a tentar desvalorizá-lo"

PAULO RANGEL
MNE



"Chocados estamos nós com a desonestidade política de um MNE que devia medir cada palavra usada. O PS (...) disse que se o Governo quisesse apoiar de forma estrutural os pensionistas, teria feito um aumento permanente"

PEDRO NUNO SANTOS
Secretário-geral do PS

INDISCRETOS

Inês Sousa Real, a amiga das cobras

Pedro Nuno Santos visitou a Feira Medieval de Silves, no Algarve, e numa das tendas do evento deixou-se "decorar" com cobras ao pescoço. Apesar da aparente timidez na relação com os répteis, o secretário-geral do PS já deveria saber que quem se mete com animais... é "mordido" pelo PAN. "É caso para dizer que não havia mesmo necessidade... Os animais selvagens não são adereço e têm direito a estar no seu *habitat* natural. Já vai sendo altura de pararmos de normalizar a sua detenção e utilização para fins económicos ou de entretenimento", escreveu, na rede social X, Inês Sousa Real. E pensou, aliviado na altura, Pedro Nuno Santos que se tinha safado do... veneno.



Carlos Moedas em duas rodas

Ainda há quem diga que as pessoas não mudam. Mudam, sim, senhor. E, algumas, até mudam muito. Quem não se recorda do mal-estar provocado pelo recém-eleito presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carlos Moedas, que, ao tomar posse do cargo, pensou destruir a ciclovia da Avenida Almirante Reis, e travou a construção de novas vias para bicicletas até que fossem conhecidos os resultados de uma auditoria a toda a rede ciclável da capital. Agora, e depois de prometer construir mais 90 quilómetros de ciclovias até 2025, Moedas vibrou com a passagem da Volta a Espanha em bicicleta por Lisboa. "A Vuelta começou!", escreveu, na rede social X. O autarca parece motivado para pedalar para um segundo mandato.

O primeiro-ministro--talismã

Pelos vistos, não foi por acaso que o primeiro-ministro, Luís Montenegro, se vestiu a rigor para acompanhar a participação dos atletas portugueses nos Jogos Olímpicos de Paris. Aos mais desatentos, Hugo Soares recordou que esta foi "a primeira vez que um primeiro-ministro foi talismã nos Jogos Olímpicos, e que trouxe com ele uma medalha de ouro e uma medalha de prata". O líder parlamentar do PSD lamentou este facto não ter sido "amplamente noticiado como devia" pela comunicação social portuguesa, que, do ponto de vista de Hugo Soares, parece ter andado a perder tempo com os feitos dos ciclistas Iúri Leitão e Rui Oliveira. Como se estes tivessem feito tudo sozinhos... **J.A.S.**

15 MINUTOS DE FAMA



Amor à Rússia

O comentador político Alexandre Guerreiro destacou-se pelas posições pró-russas na TV, mas, agora, é na rede social X que divulga as suas opiniões. Visivelmente incomodado com a incursão ucraniana em Kursk, Guerreiro abriu, esta segunda-feira, a porta da mãe-Rússia a todos os interessados: "Mais do que proteger a Rússia da ameaça preconizada pela NATO, Putin promulgou hoje um diploma em que se propõe a salvar a civilização ocidental: quem quiser salvar-se da distopia em que se está a tornar o Ocidente pode requerer proteção temporária na Federação Russa", anunciou. Desconhece-se o número de portugueses interessados nesta tentadora "salvação".

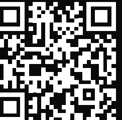
DREAMMEDIA®

A NOVA GERAÇÃO DE PUBLICIDADE EXTERIOR CHEGOU AOS AÇORES.

MAIS QUALIDADE. MAIS VISIBILIDADE. MAIS IMPACTO.

Nos Açores, cada ilha é uma sinfonia de cores e paisagens, um poema escrito pelas mãos da natureza. Este arquipélago, conhecido como o jardim secreto do Atlântico, revela-se agora sob um novo prisma de inovação e conectividade. A DREAMMEDIA chega a São Miguel comprometida em promover uma comunicação mais vibrante, mais sustentável e profundamente enraizada na cultura local.

SAIBA MAIS



A ameaça do vírus da mpox

Surto em África é motivo de alerta. Autoridades europeias atentas

— POR JOANA LOUREIRO



Atento, mas sem recorrer a dramatizações. O Comité de Segurança da Saúde da Comissão Europeia (HSC, na sigla original) reuniu-se na segunda-feira, 19, com o Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças (ECDC) e a Agência Europeia de Medicamentos (EMA), para discutir a evolução da situação da doença mpox na União Europeia (UE) e a eventual necessidade de outras medidas conjuntas.

Este encontro surge na sequência do anúncio da Organização Mundial da Saúde (OMS), a 14 de agosto, de voltar a considerar a doença como emergência internacional de saúde pública, face ao aumento dos surtos em África e à existência de uma nova estirpe do vírus (denominada Ib ou 1b), supostamente mais transmissível e mais letal, sobre a qual ainda há pouca investigação.

No entanto, as autoridades sanitárias europeias concluíram que não há necessidade de impor controlos nas fronteiras a viajantes provenientes de zonas de maior risco de mpox, nem de iniciar a vacinação contra o vírus para a população em geral.

Os alertas aumentaram quando foi anunciado o primeiro caso da variante Ib na Europa, mais concretamente na Suécia, em meados deste mês. Na semana passada, o ECDC afirmou que "é altamente provável que a UE/EEE [União Europeia e Espaço Económico Europeu] tenha mais casos importados de mpox causados pela clade I (termo utilizado para nova forma do vírus), atualmente a circular em África. No entanto, a probabilidade de transmissão sustentada na Europa é muito baixa, desde que os casos importados sejam diagnosticados rapidamente e medidas de controle sejam implementadas".

"Hoje falei com o ministro dos Assuntos Sociais e da Saúde Pública da Suécia, Jakob Forssmed, para discutir os últimos desenvolvimentos após a notificação do caso mpox clade I na Suécia. A vigilância e a preparação são de extrema importância", já tinha escrito Stella Kyriakides, comissária europeia para a Saúde e Segurança Alimentar, na rede social X (antigo Twitter), garantindo que "a UE continuará a prestar todo o apoio necessário", perante eventuais importações de mpox.

E POR CÁ?

Em Portugal, segundo informação da Direção-Geral da Saúde (DGS), "desde a deteção, a 3 de maio de 2022, dos primeiros casos de mpox, e até 31 de julho de 2024, já foram confirmados 1 197 casos: 953 casos reportados entre maio de 2022 e maio de 2023 e 244 casos notificados no sistema SINAVE entre junho de 2023 e julho de 2024". Em julho de 2024 (após a ausência de notificação de casos entre maio e junho), foram reportados três novos casos, todos na região Norte, aparentemente sem associação entre si, dois deles com história de viagens ao estrangeiro no período de incubação da doença. Relativamente a agosto, não foram fornecidos dados (só serão conhecidos nas primeiras semanas de setembro). "Todos são da clade IIb do vírus monkeypox, não tendo sido identificado nenhum caso pela clade I", acrescenta

> As diferenças relativamente à Covid-19 são significativas, uma vez que a mpox não é provocada por um vírus respiratório e, aparentemente, há pouca transmissibilidade de quem está infetado sem sintomas

Mutação A presença de uma variante mais transmissível e mais letal na Suécia fez soar os alarmes



a entidade portuguesa. Para o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, "é claro que é essencial existir uma resposta internacional coordenada para travar este surto e salvar vidas". Políticas de vigilância eficazes, testes laboratoriais, investigação epidemiológica e capacidades de rastreamento de contactos deverão conter o perigo.

As diferenças relativamente à Covid-19 são significativas, uma vez que a mpox não é provocada por um vírus respiratório e, aparentemente, há pouca transmissibilidade de quem está infetado sem sintomas. "Com base no que sabemos, o vírus é transmitido principalmente através do contacto pele com pele, e pele que apresenta lesões da doença, incluindo durante as relações sexuais", afirmou Hans Kluge, diretor da OMS na Europa. As formas de controlar esta doença infecciosa são conhecidas. Assim, é improvável que enfrentemos uma nova pandemia global.

O PROBLEMA AFRICANO

Embora o episódio sueco desperte o mundo desenvolvido, os riscos são desproporcionalmente maiores no continente africano. O epicentro do atual surto é a República Democrática do Congo (RDC), onde se concentram 96% dos casos e mortes – o país relatou mais de 16 mil mortes em 2024, sendo 70% de pessoas com menos de 15 anos.
Os números escondem a verdadeira dimensão do problema, uma vez que a testagem e a confirmação em laboratório são deficientes, sobretudo nas zonas rurais. Existem 13 países africanos afetados, nove deles pela primeira vez com casos confirmados de mpox, incluindo alguns que fazem fronteira com a RDC (Burundi, República Centro-Africana, Congo, Ruanda e Uganda), bem como o Quénia.

Nas últimas décadas, têm existido surtos ocasionais de mpox, sobretudo na RDC, na Nigéria e noutros países africanos. O episódio mais aflitivo ocorreu em maio de 2022, quando a doença se espalhou por múltiplos países, mas neste caso tratava-se da variante II, com uma menor taxa de mortalidade – abaixo de 1%, enquanto na variante I oscila entre 1% e 10% (os dados mais recentes na RDC apontam para 4% nesta subvariante Ib). A 23 de julho de 2022, a OMS declarou pela primeira vez o surto como uma emergência internacional de saúde pública. Na altura, foram assinalados mais de 95 mil casos, que causaram mais de 150 mortes em países não endémicos.

Na semana passada, Jean Kaseya, diretor-geral do Centro Africano de Controle e Prevenção de Doenças, afirmou que o continente necessitaria de dez milhões de vacinas para ultrapassar a mpox, mas estão apenas garantidas 200 mil doses da empresa dinamarquesa Bavarian Nordic, graças a um acordo coordenado com a Comissão Europeia. São históricas as dificuldades nos acessos às vacinas, em comparação com as amplas reservas dos países desenvolvidos. No passado, os apelos a doações não foram eficazes. Vejamos quão generosa a comunidade internacional se mostrará agora.

"Este não é apenas um assunto africano. A mpox é uma ameaça global, uma ameaça que não conhece fronteiras, etnia ou credo", apontou Kaseya, em conferência de imprensa.

jloureiro@visao.pt

O CENÁRIO PORTUGUÊS

Baixos números da vacinação em Portugal entre pessoas elegíveis

A DGS adianta ainda que, "desde o início da disponibilidade de vacinas (16 de julho de 2022) até ao final de julho de 2024, foram vacinadas 9 391 pessoas; das 16 706 inoculações, 15 400 (92%) ocorreram em contexto de pré-exposição" – ou seja, os indivíduos foram vacinados preventivamente e não após terem estado em contacto com casos suspeitos ou confirmados. Em 2024, apenas foram vacinadas 1 135 pessoas, apesar das campanhas feitas pela autoridade de saúde portuguesa.
A DGS recomenda a vacinação preventiva da população com maior risco de infeção (os critérios de elegibilidade estão concretamente definidos – por exemplo, quem tenha múltiplos parceiros sexuais ou um diagnóstico de infeção sexualmente transmissível recente) e reforça a necessidade de vacinação pós-exposição de todos os contactos de casos suspeitos ou confirmados, disponibilizando na sua página online uma lista de locais onde é possível fazer o agendamento de vacinação nas diferentes regiões do País.
A única vacina que se encontra autorizada em Portugal é, curiosamente, contra a varíola, constituída por vírus vaccinia modificado, de modo a estimular o sistema imunitário, não provocando doença, com provas de elevada eficácia também contra a mpox e um bom perfil de segurança.



JEAN-MARC BOUJU/AFP PHOTO/AP STAFF/AFF

20 DE AGOSTO DE 1994

Inferno no Ruanda

Jean-Marc Bouju, fotógrafo francês radicado em Los Angeles, hoje com 63 anos, foi dos primeiros jornalistas a chegar a Kigali, capital do Ruanda. Há 30 anos, quase um milhão de tutsis e hutus moderados seriam massacrados pela maioria da população hutu durante 100 dias, no que ficaria conhecido como o Genocídio do Ruanda. A lente de Bouju captou o desespero de crianças refugiadas ruandesas a implorarem aos soldados do Zaire (hoje República Democrática do Congo) que as deixassem atravessar uma ponte que separava os dois países, onde as suas mães já estavam, antes de fecharem a fronteira. A imagem receberia o Prémio Pulitzer a 18 de abril de 1995.

— POR SÓNIA CALHEIROS

MORTES

Gena Rowlands

Musa do realizador e ator John Cassavetes, com quem foi casada até ficar viúva, em 1989, a atriz teve uma carreira de mais de seis décadas. Juntos, eles foram os pioneiros de um cinema independente nos EUA, demonstrando que, no país de Hollywood, era possível fazer filmes sobre pessoas autênticas. *Uma Mulher sob Influência* (1974), *Noite de Estreia* (1977) e *Gloria* (1980) são apenas algumas das suas melhores representações. A geração mais nova conheceu-a em *O Diário da Nossa Paixão* (2004), dirigida pelo filho, Nick Cassavetes. Morreu no passado dia 14, com 94 anos e doença de Alzheimer diagnosticada há cinco.

Alice Pinto Coelho

No final de agosto reabrirá o bar por si fundado em 1972, com o marido, Luís Pinto Coelho, e que geria desde 1974 – o Procópio, junto ao Jardim das Amoreiras, em Lisboa. Muito sociável e *bonne vivante,* foi sempre uma exímia anfitriã da elite cultural e artística da capital. Morreu no dia 16, com 86 anos.

Ana Faria

Com os seus três filhos, em 1984, formou o grupo Queijinhos Frescos. Antes editou o disco *Brincando aos Clássicos,* dedicado à música erudita. Com Heduíno Gomes, em 1986, fundava o mítico grupo Onda Choc, inesquecível para quem cresceu nessa década. Morreu no dia 17, com 74 anos.

Silvio Santos

Empresário e comunicador brasileiro, Senor Abravanel fundou o canal Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Apresentou o programa de variedades homónimo durante 60 anos, desde 1963. Morreu no dia 17, vítima de broncopneumonia. Tinha 93 anos.



1935-2024

Alain Delon
O mais belo patife do cinema

Em 1957, o caçador de talentos que rondava o Festival de Cannes quis levá-lo para Hollywood: reconhecera um diamante em Alain Delon, 22 anos, olhos azuis e arrogância implacáveis. Tinha a combinação de beleza e cicatrizes que arrasta a *gravitas* para o ecrã: filho de suburbanos divorciados, educado por pais adotivos ceifados num acidente, o padrasto obrigou-o a ser aprendiz de talhante antes de ser expulso de vários colégios por mau comportamento. Aos 17 anos, já belo como um Apolo, escapou-se para a Marinha francesa, onde passou 11 meses na prisão por mau comportamento. Foi porteiro, criado de mesa, vendedor, e imaginou-se na América quando o produtor David O. Selznick lhe ofereceu um contrato – desde que ele aprendesse a falar inglês. Mas os papéis de assassino, de duro, de Tom Ripley, começaram a cair-lhe aos pés em França e em Itália, e Alain Delon vestia bem essa gabardine. Antonioni filmou-o como um corretor sem alma n'*O Eclipse* (1962), Visconti eternizou-o como o superficial Tancredi em *O Leopardo* (1963), Romy Schneider transfigurou-o no eterno sedutor perigoso (os atores viveram um amor jovem perseguido por paparazzi).
A monotonia do sucesso transformou-o num valor seguro em filmes menores, thrillers e até num *Astérix e os Jogos Olímpicos* (2008) em que Delon se fez César. Na vida real, o belo patife levantou ondas: era amigo de um gangster acusado de assassínio, apoiou a extrema-direita, deslizava para o verbo sexista, mesmo quando dizia dever tudo às (muitas) mulheres da sua vida. Quando Cannes lhe atribuiu uma Palma de Ouro honorária em 2019, os críticos apontaram-lhe os elogios a Le Pen pai, que ele achava "sincero"... Os anos grisalhos, Delon passou-os na modorra civilizada da Suíça, à frente de uma empresa de mimos de luxo. Mas os herdeiros, o também belo Anthony, Anouchka e Alain-Fabien, acusaram a última companheira do pai de o ter sequestrado nestes últimos anos. Um fim mais felliniano do que viscontiano. Alain Delon, que partiu no passado dia 18, aos 88 anos, teria preferido um duelo. **S.S.C.**

DIGITAL • DIGITAL • DIGITAL • DIGITAL • DIGITAL • DIGITAL •

ASSINATURA DIGITAL

EM PRIMEIRA MÃO, ONDE QUER QUE ESTEJA

LEIA GRÁTIS

DURANTE 6 MESES









VÁ DE FÉRIAS DESCANSADO,

COM TODA A LEITURA NA PONTA DOS DEDOS

TODAS AS OPÇÕES EM

LOJA.TRUSTINNEWS.PT



DIGITAL • DIGITAL • DIGITAL • DIGITAL • DIGITAL • DIGITAL •


JOSÉ CARLOS CARVALHO

Sebastião Palha

“Pus um implante coclear, para pertencer ao mundo dos ouvintes, e por pouco não morri”

O psicólogo, de 33 anos, que nasceu com surdez profunda, numa família de ouvintes, relata como, à conta de um esforço tremendo – que implicou risco de vida –, se ancorou nesses dois mundos, trabalhando agora para os aproximar

Quando tinha 1 ano e meio, diagnosticaram-me surdez profunda, tendo eu nascido numa família toda ela de ouvintes. O diagnóstico já veio tarde. Na altura, os médicos até acharam que havia a hipótese de ser autista, porque não respondia às interações. Depois veio a descobrir-se que, na verdade, era surdo profundo.

Em bebé, colocaram-me um aparelho auditivo, e a minha mãe, doméstica, aprendeu rapidamente a língua gestual portuguesa, para comunicar comigo, tornando-se mesmo fluente. Embora também a tivesse aprendido, o meu pai, gestor agrícola, não era tão fluente como a minha mãe.

Até que fui para uma escola de referência para alunos surdos, em Benfica, Lisboa. Nessa escola, que frequentei até ao 4º ano, tive professores que comunicavam comigo por língua gestual, a minha primeira língua. No programa da escola, havia duas sessões de terapia da fala por semana, o que os meus pais acharam pouco. Por isso, puseram-me a

fazer mais duas sessões semanais, fora da escola. Assim aprendi a falar. Depois também aprendi a leitura labial.

Posso dizer que não tive uma infância diferente das dos outros. Na escola, conseguia expressar-me e compreender. Em casa também conseguia fazer isso. Tinha amigos surdos, na maior parte. Como amigos ouvintes, tinha os meus primos e um ou outro amigo que, fora da escola, conhecia nas férias. Mas quem eu preferia mesmo eram os meus amigos da escola, com os quais me conectava com muita facilidade.

Quando acabei o 4º ano, fui para uma escola regular. Aqui é que senti uma grande diferença. De repente, estava numa escola em que não havia língua gestual, não havia amigos que falassem a minha língua e, embora já conseguisse oralizar, não me sentia nada à vontade com a minha oralidade. Era obrigado a fazer um esforço muito maior para poder comunicar. Foi um choque: senti-me uma espécie de extraterrestre por não me encontrar no meu *habitat* natural, que era o mundo dos surdos, como acontecia na escola de referência.

Foi uma fase muito difícil. Não tinha grande experiência de estar com pessoas ouvintes, tirando em minha casa e com a minha família. Conheciam-me desde pequeno, sabiam estar comigo e eu com eles. Eram afetivos e sensíveis. Agora numa escola enorme e regular, era muito difícil manter essa ponte.

Entretanto, no 6º ano, mudei de escola, não estava a aguentar estar ali, passava os dias a chorar. Foi mesmo muito difícil para mim a adaptação ao mundo dos ouvintes. Mas quando fui para outra escola regular, as coisas começaram a melhorar. Também porque já começava a saber como me integrar e me adaptar. Comecei a ter amigos ouvintes. No 8º ano, ganhei força e pensei: "Sou surdo, diferente, tenho de procurar uma forma de trabalhar com isto. Não posso continuar a sofrer ou a não decidir bem."

Voltando um pouco atrás – quando acabei o 4º ano, houve a hipótese de passar para outra escola de referência para alunos surdos. Os meus pais visitaram-na e não encontraram o nível de exigência que queriam para mim. Decidiram, por isso, inscrever-me numa escola regular, para me integrar no mundo ouvinte, e para aprender a escrever e a ler bem. Acharam que ia potenciar mais as minhas capacidades e que, a longo prazo, seria melhor para mim.

"SENTIA-ME A FLUTUAR"

Entrei na Universidade de Lisboa, para tirar Psicologia, mas tive medo de que eles não tivessem cuidado comigo. Por isso, optei por uma faculdade privada, o ISPA [Instituto Superior de Psicologia Aplicada]. Como era mais pequena, achei que, se calhar, se preocupariam mais comigo. Mas também achava que não ia conseguir tirar o curso.

E aconteceu uma surpresa. Estava muito bem preparado – valeu a pena o percurso que tinha feito até ali. Durante três anos, não fui às aulas teóricas. Os auditórios eram enormes, não tinha intérprete, não conseguia acompanhá-las. Ia para a biblioteca ler livros uns atrás dos outros, o que exigiu de mim um esforço muito maior. Quando foi para tirar o mestrado, em Psicologia da Educação, estava tão exausto que pedi ao responsável pedagógico que, dessa vez, a faculdade se adaptasse a mim. Então, puseram uma mesa em "1", para eu poder acompanhar toda a gente, nem que fosse por leitura labial, e ser mais fácil para mim a participação na aula.



A minha decisão de pôr o implante coclear teve dois lados. Um negativo, porque a tomei achando que eu é que estava mal, eu é que tinha o problema e tinha de o resolver, para me tornar 'oficialmente' ouvinte. Na parte positiva, elevou a minha qualidade de vida. Isto sem falar nas experiências únicas, como, por exemplo, ouvir a minha respiração, o mar, a música, o vento...



Aos 20 anos, entretanto, apercebi-me de que não sentia uma verdadeira pertença a nenhum dos mundos – nem ao dos ouvintes, nem ao dos surdos. Sentia-me a flutuar sem ter uma âncora, em grande instabilidade. Isso levou-me, em 2014, aos 23 anos, a tomar a decisão mais difícil da minha vida: resolvi pôr um implante coclear. Por pouco não morri. Fui submetido a três intervenções cirúrgicas, com duas infeções pelo meio, uma das quais por uma bactéria hospitalar. O que me sucedeu é muitíssimo raro. Demorei um ano para ativar o implante, quando o normal é essa ativação acontecer um mês após a operação.

Essa minha decisão teve dois lados. Um negativo, porque a tomei achando que eu é que estava mal, eu é que tinha o problema e tinha de o resolver, para me tornar "oficialmente" ouvinte. Na parte positiva, elevou a minha qualidade de vida – hoje ouço muito melhor, falo muito melhor, é-me muito mais fácil acompanhar reuniões, e por aí fora. Isto sem falar nas experiências únicas que a partir daí vivenciei, como, por exemplo, ouvir a minha respiração, o mar, a música, o vento...

Hoje sinto que faço parte da comunidade, embora, por acaso, tenha as duas culturas: a dos surdos e a dos ouvintes. Tendo duas línguas, posso estar nesses dois mundos, e o meu principal objetivo profissional é ajudar a criar uma ponte entre as duas comunidades – que continua a não existir e ainda é um grande desafio. V jjunior@visao.pt

Depoimento recolhido por J. Plácido Júnior

Provas de superação

Calor e vento forte alimentaram um incêndio durante vários dias e, em simultâneo, a montanha crescia para os ciclistas. Caos e desordem contra a violência em contraponto com a poesia de uma Lua especial, muito grande e brilhante



JAVIER LIZON



HOMEM DE GOUVEIA

FUNDÃO PORTUGAL
A 3.ª etapa da Volta a Espanha em Bicicleta, 191,2 km entre Lousã e Castelo Branco, contou com o apoio dos bombeiros para refrescarem os ciclistas. A prova seguiu para território espanhol

COPENHAGA DINAMARCA
O céu noturno voltou a iluminar-se com a primeira super-Lua azul de 2024, a primeira de quatro consecutivas este ano. Aqui, vista de Kongekajen, uma das maiores luas cheias do ano esteve 22 mil quilómetros mais próxima da Terra e 15% mais brilhante do que o normal



THOMAS TRAASDAHL

RIBEIRA BRAVA **MADEIRA**

As chamas de um incêndio rural queimaram mais de sete mil hectares de vegetação na serra de Água, propagando-se à cidade vizinha de Câmara de Lobos. As 160 pessoas acudidas já regressaram a casa

MENTOR DAVID LORENS



PORT-AU-PRINCE **HAITI**

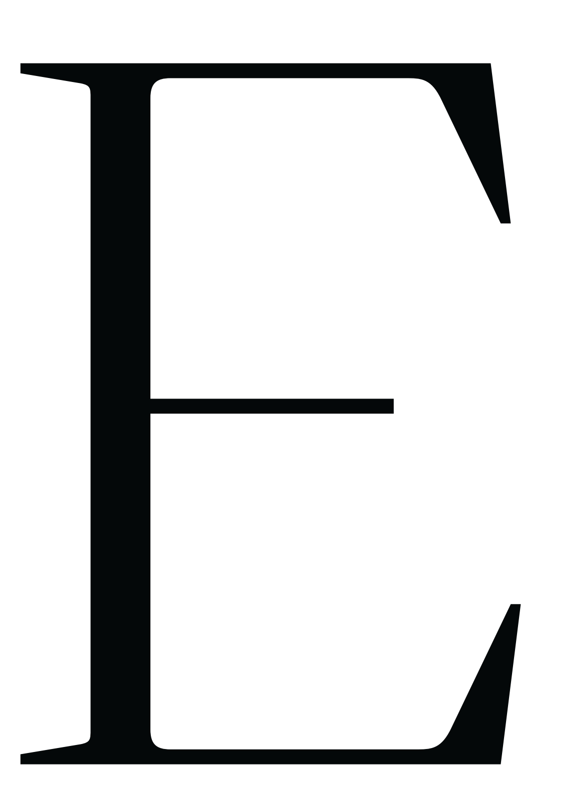
Os protestos tumultuosos continuam no bairro de Solino, onde manifestantes pacíficos apelam às autoridades para deter os gangues que assumiram o controlo de uma rota estratégica, incluindo a estrada que vai para o aeroporto internacional de Port-au-Prince

O AMOR SEM MONOGAMIA



A tendência está a espalhar-se pela sociedade, atravessa gerações e é bem visível nas aplicações de encontros: a exclusividade, nas relações, está a tornar-se obsoleta? Se podemos gostar de mais do que uma pessoa ao mesmo tempo, e assumir isso sem problemas com base na aceitação dos envolvidos, onde fica o mito do amor romântico dentro de um casal fechado sobre si próprio? E onde arrumamos o ciúme? Histórias do poliamor sob as suas múltiplas facetas

— POR **LUÍSA OLIVEIRA** TEXTO E **JOSÉ CARLOS CARVALHO** FOTOS



Estive há dias no Jardim Zoológico de Lisboa e parei extasiada junto à elegância dos flamingos cor-de-rosa. Quando desviei o olhar desta exuberante colónia pernalta, uma placa chamou-me a atenção ao anunciar que "o amor está no ar". Aprendi então o seguinte: "Nós somos animais monogâmicos, ou seja, os casais mantêm-se para toda a vida."

Curioso. Acabara de ler, no livro *Novas Formas de Amar*, da psiquiatra brasileira Regina Navarro Lins, que os estudos de etologia, biologia e genética não confirmam a monogamia como padrão dominante nas espécies, incluindo a humana.

Estaria eu maravilhada perante uma das poucas exceções da Natureza, no que toca à exclusividade de parceiros? É que, apesar de ser esse o comportamento "normalizado" dos seres humanos na nossa cultura, sabe-se hoje que se trata justamente de uma aquisição cultural, criada há cerca de cinco mil anos, a par do aparecimento da propriedade privada.

Nessa altura, os homens, até então não monogâmicos, como dita a sua Natureza, ficaram obcecados com a ideia de obter a certeza da paternidade, por causa das heranças. Ninguém queria deixar os terrenos, ou animais, a um filho que não fosse do próprio sangue e essa segurança só era possível se houvesse exclusividade sexual – por parte da mulher, claro.

Daí em diante, a situação só piorou para elas. Na Roma antiga, o marido tornava-se dono e senhor na hora do casamento. Na Idade Média, entre os séculos V e XIV, o sexo ilícito era crime público, até ao extremo de ter sido inventado o cinto de castidade que aprisionava a mulher a um determinado homem, detentor da chave que o abriria para que pudesse usá-la.

Na Renascença, a coisa não ficou de feição: até ao século XVI, qualquer ato sexual fora do contrato matrimonial era considerado ilegal. Os infratores sofriam fortes punições, com destaque para o género feminino, que se via humilhado publicamente em caso de prevaricação.

Embora tenha aparecido um pequeno balão de oxigénio com o Iluminismo, gerando-se algumas mudanças nas atitudes e nos comportamentos sexuais, o século XIX ficou marcado pelo pudor e verificaram-se bastantes retrocessos. A sexualidade voltou a ser reprimida – para a mulher o sexo só era válido com o marido e servia

Com o surgimento da propriedade privada, o ser humano, até então não monogâmico, ficou obcecado com a ideia de obter a certeza da paternidade, por causa das heranças



Anarquia relacional
Estas quatro parceiras afetivo-românticas, Marco Graça, Andreia Correia, João Pinheiro e Teresa Simões, na casa dos 30, seguram a bandeira que simboliza a forma de estabelecerem relações

apenas para procriar. O prazer ficava, evidentemente, fora desta equação e era procurado nos bordéis, pelos homens.

A seguir à I Guerra Mundial, a honra masculina dependia da conduta feminina, que deveria ser contida. Quando se determinou que quem ama de verdade só sente desejo por essa pessoa (se tal não acontecer, algo vai mal), nasceu o conceito de traição, que também pode ser chamada infidelidade ou adultério, para usar termos mais bíblicos.

Esperava-se que, com a libertação sexual das últimas décadas e com a emancipação feminina, a questão da exclusividade fosse quebrar. Antes pelo contrário: com o amor a ditar a escolha do parceiro para casar (em vez da conveniência do passado), até as mulheres passaram a exigi-la aos homens, realidade até então impensável. Regina Navarro Lins defende, no livro citado, que é o "medo da solidão e do desamparo que leva ao controlo".

Já a antropóloga americana Helen Fisher, que se dedica há décadas a estudar a ciência do amor romântico, congratula-se que a nossa tendência para as relações extraconjugais seja o "triunfo da Natureza sobre a cultura". Seres humanos – 1, flamingos cor-de-rosa – 0.

ATRAÇÃO POR OUTRA PESSOA?

Fazemos um "corta!" para regressarmos ao século XXI, ano 2024. Já não

A verdade das coisas

Há muitas ideias erradas acerca dos relacionamentos não monogâmicos consentidos. Vamos corrigir algumas?

O oposto de monogamia não é a poligamia
O oposto de monogamia é a não monogamia, em que os relacionamentos são consentidos e acordados previamente entre os envolvidos, que estão sempre em pé de igualdade – na poligamia, as relações podem ser de dominação, nomeadamente o clássico do homem com as duas famílias.

Os relacionamentos não monogâmicos não existem apenas para se ter sexo desenfreado
Quem procura o chamado sexo desenfreado normalmente fica solteiro para poder estar com pessoas diferentes todos os dias, sem qualquer tipo de ligação. Nas relações não monogâmicas há pactos e compromissos acerca do que todos decidirem e isso pode incluir sexo desenfreado ou não.

As pessoas não monogâmicas são mais cuidadosas em relação às doenças sexualmente transmissíveis
No que toca à saúde sexual, as relações não monogâmicas consensuais são melhores do que andar a enganar o parceiro sem o outro saber. Há até evidência científica a demonstrar que as pessoas em relacionamentos abertos usam mais vezes o preservativo com as suas parcerias do que os ditos monogâmicos em situação de infidelidade.

Os não monogâmicos também constituem família
Se os filhos fruto de uma relação monogâmica desconhecem como é a vida sexual dos pais, por que haveria de ser diferente nestes casos? No entanto, uma criança que cresce num ambiente não monogâmico vai acabar por considerar isso natural, pois não tem preconceitos. Muitas vezes, as parcerias de ambos os pais também se tornam significativas para os miúdos, alargando-se assim a rede de apoio.

Existem menos mentira nas relações não monogâmicas
A não verdade está presente em todos os relacionamentos, mas, neste caso, ao suprimir-se da equação as mentiras que têm a ver com as traições ou os flirts, diminui-se muito esse problema.

Para não nos perdermos na tradução

O mundo não monogâmico tem uma linguagem muito própria que pode tornar-se impercetível a quem não a domina. Aqui fica um glossário, em colaboração com o grupo ativista PolyPortugal, para ajudar à compreensão dos termos

— TRISAL
Relacionamento, comummente afetivo-sexual, a três, com ou sem exclusividade entre os envolvidos.

— UNICÓRNIO
Pessoa, frequentemente mulher bissexual ou pan, cobiçada por casais compostos de homem heterossexual, mulher bissexual ou bicuriosa.

— QUADRISAL
Relação entre quatro pessoas, em que se desenvolvem dinâmicas entre todas as partes envolvidas, tendo cada uma relações individuais com as outras e com o quadrisal como um todo.

— *SWING*
Prática entre casais, na qual momentaneamente se trocam parceiros com outros casais em contexto sexual.

— PARCERIA
Termo utilizado para descrever pessoas com quem se relacionam frequentemente, mas não exclusivamente de forma afetivo-sexual.

— CASAL PRIMÁRIO
Casal que pratica a hierarquia relacional e retém privilégios na sua parceria, adicionando à sua dinâmica pessoas externas que devem respeitar esses privilégios.

— RELAÇÃO ABERTA
Define a dinâmica de um casal que concorda em ter encontros sexuais sem envolvimento romântico com outras pessoas – em separado ou em conjunto.

— *DON'T ASK, DON'T TELL*
Acordo em que se decide não perguntar e não reportar nada sobre outros relacionamentos.

— POLIAMOR
Capacidade de amar várias pessoas ao mesmo tempo, desenvolvendo vínculos afetivos complexos, com consentimento informado da parte de todas as pessoas envolvidas.

— SOLOPOLI
Pessoa que se tem a si própria como relação principal.

— ANARQUIA RELACIONAL
Aplicação dos princípios anárquicos aos relacionamentos, procurando abolir opressões, poder sobre as outras pessoas e maximizar a autonomia e a liberdade, dentro do respeito da autonomia e da liberdade alheias. Neste contexto, deixa de ser preciso categorias – cada relação é única e os seus termos são ditados apenas pelas pessoas envolvidas. Não há hierarquia nas relações.

— POLIFIDELIDADE
Pessoas não monogâmicas que assumem relacionamentos de exclusividade entre várias parcerias.

— MONOGAMIA EM SÉRIE
Estar continuamente em relacionamentos exclusivos, de curta ou mais longa duração.

— POLISSATURAÇÃO
Sensação de assoberbamento. Não tem a ver com a quantidade de parcerias que se mantêm, mas com a intensidade e a sensação de perda de controlo no que toca à disponibilidade.

estou no zoo, em frente a belos flamingos monogâmicos, mas na plateia do teatro José Lúcio da Silva, em Leiria, à espera que as luzes se apaguem para entrarem em cena Diogo Faro, 36 anos, e Joana Brito Silva, 30, vestidos de Adão e Eva, para mais uma exibição da peça *Querido, Quero Beijar Outras Pessoas*. Num registo satírico, em que interpelam diretamente o público, vão falando disto de ser não monogâmico, baseado na sua própria experiência.

Durante três anos, foram um casal e experimentaram esta forma de estar numa relação. Resultou tão bem que até se dedicaram a produzir esta peça sobre o tema quando perceberam como o assunto interessava a muita gente. E nem eram, como esperavam, só pessoas de esquerda, da comunidade LGBT+ ou da idade deles, eram curiosos de várias classes, credos e faixas etárias. Sempre mais mulheres do que homens.

A plateia em Leiria está, de facto, lotada e muitos são os aplausos quando os atores os pedem enquanto resposta positiva à pergunta que dirigem aos que aqui se encontram sentados: "Quem é que já sentiu atração por outra pessoa?"

Diogo e Joana nunca viveram juntos, mas tiveram diversas parcerias ao longo do relacionamento de três anos. "Tudo isto implicou honestidade e comunicação – muita conversa à medida que conhecíamos outras pessoas", lembra Joana, agora que já não são namorados. "Este tipo de relação também ajuda a que os finais sejam mais pacíficos."

Diogo gosta de salientar que este assunto não é sobre a quantidade de pessoas com quem se está, mas sim sobre uma "tentativa de desconstrução do modelo a que sempre fomos sujeitos".

Apesar de, nesta noite, em Leiria, terem recebido ameaças de invasão do teatro por parte do grupo de extrema-direita conservadora Habeas Corpus, e de terem sido acionadas medidas extraordinárias de segurança, o espetáculo sobre a liberdade amorosa, que já vai numa dezena de exibições é, por norma, muito mais bem recebido do que mal. E provavelmente tem ajudado alguns a saírem do armário da monogamia, com frases como esta, ditas em palco: "Traição é sobre expectativas. É controlar o comportamento dos outros quando o que não conseguimos controlar são as nossas inseguranças."

MAIS VISIBILIDADE, POR FAVOR

Da investigação que fez sobre poliamor, em 2009, a propósito do seu mestrado em Ciências da Comunicação, Daniel Cardoso, 37 anos, hoje professor na Universidade Lusíada, concluiu que a honestidade, o consentimento, a abertura, a preocupação com a ética e a autonomia eram as preocupações centrais de quem participou no seu estudo. E tudo isso se mantém atual e talvez até acentuado, pelo aumento de casos. Descobriu também, na altura, que o mundo da não monogamia consentida é quase infinito, com uma panóplia de opções *tailor made*, com uma linguagem muito própria (*ver caixa Para não nos perdermos na tradução*).

Só amigos? Ana, Diogo, João, Fernanda e Natacha desenvolvem entre si afetos, que vão de amizade com benefícios a relacionamento platónico, como um namoro sem a parte sexual



"Apesar de o assunto ter evoluído e de haver mais visibilidade e literacia, ainda assim estamos perante experiências de discriminação, que podem afetar a saúde física e mental. Isso acontece por parte de pessoas que têm visões conservadoras do que são os relacionamentos e a família, de uma forma geral", explica.

Aliás, Daniel consegue dissecar, com base no seu trabalho académico, de onde vêm esses argumentos: da superioridade ontológica, que determina que o amor "a sério" só pode ser vivido entre duas pessoas; do receio da destruição da sociedade, através da degeneração moral do tecido social e do fim da família; e da negatividade sexual, baseada na premissa de que "fazer sexo com muitas pessoas é mau, uma falha moral e até patológico". Nenhum destes receios tem algum fundamento real, conforme afirma o académico.

"A monogamia é estatisticamente incomum e isso pode avaliar-se pelas taxas de infidelidade não consentida que se situam entre 50% e 75%, dependendo dos países. Portugal está dentro destes números", assegura o especialista. Mas não existem modelos ideais, até porque os dados apurados até ao momento não mostram que haja diferenças em termos de felicidade, de estabilidade ou de satisfação relacional. "Todos podem correr bem ou correr mal, depende daquilo que as pessoas querem."

As taxas de infidelidade não consentida situam-se entre 50% e 75% dos casais, dependendo dos países. Portugal está dentro destas médias

LARGAR A PRIMAZIA DO CASAL

A relação de Mariana Silva, 34 anos, e Bruno Matos, 35, tem corrido bem, embora já tenha passado por vários formatos. A brincar, a brincar, estão juntos há quase duas décadas, a última das quais em versão não monogâmica. Pelo meio, durante a pandemia e quando ainda faziam um trio com Cris Deolindo, formaram o *Rambóia com Moderação*, que se materializou num podcast e numa página no Instagram, na tentativa de fazer face à escassez de conteúdos nacionais sobre a matéria. Em português do Brasil, pelo contrário, o assunto está muitíssimo bem esmiuçado.



Teatro Em palco, Diogo Faro e Joana Brito Silva falam despudoradamente sobre todas as questões que envolvem a não monogamia, baseados na relação que mantiveram durante três anos



O casal, casado mesmo de papel passado ("se fosse hoje, já não o faríamos") há nove anos, evoluiu para esta nova vida depois de Mariana ter entrado no mundo dos conteúdos mais disruptivos por via da leitura. Ela propôs, ele aceitou e depois estabeleceram regras muito apertadas, como não poder haver emoções envolvidas nos encontros de cada um ou a obrigatoriedade da mudança de lençóis se levassem outras pessoas para casa. Rapidamente, o contrato evoluiu, alargou-se, deixou de vez as amarras da monogamia, especialmente quando descobriram o espectro LGBT+.

"Regularmente sentamo-nos a discutir a relação, a dizer o queremos, e não é sempre o mesmo. Tem de haver fluidez, porque as pessoas mudam e as relações devem acompanhar essa mudança. Quanto mais comunicamos, mais confiança há. Esta é a base do nosso relacionamento", conta Mariana, sob a anuência de Bruno. Hoje, estão juntos, mas também estão com outras pessoas e até podem apaixonar-se por elas. "Largar a primazia do casal é o mais complicado. Assim como desconstruir a hierarquia do parceiro romântico que nos vai dar tudo e colmatar todas as necessidades", nota Bruno.

Neste momento, cada um deles tem outro parceiro sexual fixo, há mais de dois anos, mas já aconteceu terem mais do que um, dependendo das fases em que se encontram, das necessidades do momento. Normalmente, conhecem-se todos entre si e por vezes convivem em conjunto, como acontecia no tempo de Cris, que fez parte do triângulo durante cinco anos.

O casal não quer ter filhos, ou pelo menos não está nos seus planos, mas a questão da educação das crianças é um dos comentários desagradáveis que ouvem quando se revelam a alguém. "Não podem criar filhos. Quando forem velhos, isso passa-vos..."

Bruno e Mariana confessam que já deixaram as aplicações de encontros de lado, um dos locais onde iam procurar parcerias. Chegaram a ter quatro ao mesmo tempo, mas depois abrandaram por temerem a polissaturação, que é quando a agenda se enche de compromissos e escasseia a energia para mais envolvimentos afetivo-sexuais. "É preciso investimento emocional para lidar com as pessoas", realça Bruno.

QUANDO NÃO DÁ MAIS

A polissaturação é precisamente o tema da sessão do ComPartilha a que assistimos e a discussão foi arregimentada, como habitualmente, pelo grupo de WhatsApp, que junta cerca de 100 membros. É a primeira vez que se reúnem neste bar, meio escondido num beco em Xabregas. Aqui estão, num sábado à tarde, 15 pessoas, sentadas em cadeiras de madeira dispostas mais ou menos em círculo, à volta de Diogo Montemor, 44 anos, a quem coube a tarefa de moderar o debate sobre aquele momento em que sentem que "não dá mais".

O brasileiro lembra, com recurso a slides projetados numa tela, a tese "soma zero", defendida pela monogamia: existe a ideia de que há uma

Onde fica o ciúme? Na lógica do "um para um", vive-se em competição e alguém estar com outra pessoa é perder, pois significa que o outro é melhor do que nós. Na ótica não monogâmica, todos ganham – há que aprender a partilhar

Rambóia com Moderação Mariana e Bruno criaram um podcast com este nome para falarem abertamente sobre as suas parcerias. Na altura, formavam um trisal com Cris. Hoje, têm outras histórias para contar



quantidade finita de algo, como uma pizza, por exemplo – se uma pessoa levar uma fatia, fica menos quantidade disponível para os outros. "Mas o amor e o afeto não são 'soma zero', não são fatias de pizza que acabam, há sempre mais para dar. O amor é você se disponibilizar, dar atenção", expõe Diogo para a assistência, que se vai refrescando com imperiais trazidas do balcão. "O sentimento não ocupa tempo nem espaço. O agir, sim. E a saturação vem da gestão da disponibilidade."

Os presentes vão pondo o dedo no ar, à vez, participando ativamente na discussão, referindo, por exemplo, que esse problema não é um exclusivo do amor romântico, que os amigos, os pais ou os filhos também vão drenando a energia para as relações com eles. A certa altura, a pergunta paira no ar: "A relação com a gente devia ser a principal, né?"

O ativismo é uma das facetas da não monogamia. Não que seja obrigatório estar na linha da frente desta batalha pela visibilidade, mas enveredar por este caminho é quase como entrar para um clube em que as pessoas são vítimas de alguma discriminação, por ignorância e estranheza. E, por causa disso, há que demonstrar ao mundo que entrar neste consentimento é mais natural do que parece.

"A não monogamia ainda é vivida em sigilo, por medo de represálias familiares, sociais e profissionais. Assim se cria uma noção de comunidade em que as relações são mais próximas", explica Sílvia Ribeiro, psicóloga e sexóloga, habituada a receber alguns casos mais complicados nas suas consultas e a ensinar a lidar com as adversidades.

O QUE FAZER AO CIÚME?

Onde fica o ciúme, quando as relações se vivem entre várias pessoas? Esta é uma das principais dúvidas que afloram a quem desconhece esta realidade e mesmo a quem acaba de largar as amarras da exclusividade.

Na lógica do "um para um", vive-se em competição pelos recursos e alguém estar com outra pessoa é perder, pois significa que o outro é melhor do que nós. Na ótica não monogâmica, todos ganham – há que aprender a partilhar. Em vez de ciúme, fala-se então de compersão, o sentimento de alegria que se sente ao ver a parceria feliz com outro.

Marcela Aroeira, 36 anos, psicóloga clínica, desenvolve o projeto *Amores Plurais*, em franco crescimento no Instagram, para educar as pessoas que têm dúvidas acerca da não monogamia, baseando-se na sua experiência, assumindo-se, sem medos.

Depois de sete anos casada em regime monogâmico, decidiu abrir a relação quando um dia, num forró, ainda no Brasil, sentiu atração por outra pessoa, sem deixar de gostar do marido. "Sou casada, gosto dele, porque estou interessada noutra pessoa?", questionou-se, com raiva. Pior, onde iria arrumar o seu ciúme patológico, de agora em diante?

Para aprender a lidar com isso, com o imenso medo de ser enganada, teve de fazer terapia. Hoje, esse sentimento negativo ainda aparece de vez em quando, mas Marcela já arranjou estratégias para diminuir a sua intensidade e assim lidar com as crises de ciumeira.

Desse casamento, que durou 13 anos, nasceu um filho. Hoje, a relação romântica entre ambos terminou, manteve-se a amizade e os elos da paternidade.

Além da não monogamia relacional, Marcela defende também a não monogamia política, em franca oposição à monogamia como modelo social, que constrói os contornos do comportamento na mesma lógica da propriedade privada. "Desejo desfazer a estrutura social em que fomos formatados. Luto para que os direitos sejam iguais, para que haja uma descolonização dos afetos e uma retirada das hierarquias das relações", advoga esta brasileira radicada em Portugal faz tempo.

Marcela pensa nas relações como um jardim. E explica-se bem: "Umas precisam de mais sol, outras de água, sombra ou mais cuidado. É igual com os relacionamentos. Recuso esta tendência para padronizar tudo."

É por isso que se está a trabalhar numa proposta de reconhecimento legal destes formatos de relaciona-

Enfrentar o ódio Ao exporem a sua opção pela não monogamia, enquanto figuras públicas, Diogo e Joana já tiveram de lidar com muitos comentários violentos. A discriminação é real



mentos, numa lógica de proteção legal, em caso de morte de uma das parcerias, por exemplo, ou de filiação, em que se reconhecem mais do que duas figuras parentais. Mas também estão em causa os direitos dos cuidadores, o acesso a hospitais enquanto acompanhantes ou tomada de decisões, as questões patrimoniais em caso de separação, a guarda e a custódia dos filhos, a relação com a escola ou até a autorização para atravessar fronteiras.

"São conhecidas muitas experiências de ativismo jurídico no Brasil", afiança Pablo Navarro, do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra, e investigador responsável pelo Trialogües, um projeto de três anos, centrado no estudo dos processos de inovação jurídica no Brasil, em Espanha e em Portugal.

Por cá, a 19 de março de 2022, Décio, 39 anos, Eliana, 37, e Catarina, 22, um trisal de Cantanhede, organizou o seu "casamento" e tornou-o público, como forma de chamar a atenção relativamente à falta de cobertura jurídica para qualquer relação poliamorosa, para a forma como o Estado pretere estes modelos em relação ao imposto pela norma.

Mariana e Bruno estão juntos há quase duas décadas. Também estão com outras pessoas e até podem apaixonar-se por elas. Normalmente, conhecem-se todos entre si e por vezes convivem em conjunto

ESTIGMA COM CONSEQUÊNCIAS

Enquanto as leis não estão do lado destas pessoas, as associações, como o Lab Não Mono, vão abrindo caminho. Ana Vaz, 35 anos, é quem dinamiza, junto com Ema Fontes, 48 anos, esta página no Instagram, desenvolve um grupo de apoio e organiza workshops de acordo com as dúvidas mais persistentes. Alguns exemplos: como gerir o tempo, lidar com o ciúme ou equilibrar os relacionamentos.

Atualmente, depois de uma relação aberta que durou oito anos e outra não monogâmica de seis, assume-se como solopoli e é anarca relacional (*ver caixa Para não nos perdermos na tradução*). "Sou contra ser associada a outra pessoa e só assim ser validada. Existo em sociedade e com a minha comunidade. Não ponho a relação afetivo-sexual acima das outras", resume.

Tal como Marcela Aroeira, também defende a não monogamia política, especialmente em proteção das mu-

lheres, em seu entender as principais vítimas do sistema da exclusividade exigida. "A minha conversa inicial é: não vou casar, não vou coabitar, estou muito bem como estou, tenho o privilégio de viver sozinha. Não quero relacionar-me de forma intensa, duas vezes por mês está ótimo." Neste momento, tem duas parcerias mais constantes, homens e mulheres, uma delas nem sequer é sexual.

David Rodrigues, subdiretor do CIS-Iscte – Centro de Investigação e Intervenção Social, especialista em relações não monogâmicas, descreve a forma negativa como a sociedade olha para quem não segue o modelo imposto, especialmente por parte dos menos familiarizados com o assunto, com base na investigação em que participou, *Examining the Role of Mononormative Beliefs, Stigma and Internalized Consensual Non Monogamy Negativity for Dehumanization*: "Consideram um ataque à moralidade católica, acham-nos sexualmente insatisfeitos e promíscuos. Este estigma latente tem consequências, pois as pessoas podem internalizá-lo e não saber lidar com a pressão que a sociedade impõe para a monogamia, acabando por se esconder ou reprimir o desejo de ir por outros caminhos."

De facto, há quem se sinta mais confortável em esconder-se atrás de um anonimato depois de optar pela recusa de viver uma monogamia de fachada. São os casos de uma mulher de 53 anos, que falou à VISÃO da sua entrada a pés juntos nesta realidade, embora possa até estar um ano sem ninguém significativo e não é por isso que volta a considerar-se monogâmica; de João, nome fictício, quase da mesma idade, que se fartou de ser desonesto com as mulheres que escolheu para companhia, e quis viver vários amores, sem mentiras, por não acreditar que as pessoas sejam donas umas das outras. Não correu bem, mas um dia ele acredita que conseguirá; e de Sónia, 47, que preferiu usar apenas o primeiro nome, para contar a sua história enquanto não monogâmica católica.

"A não monogamia vem dos ensinamentos da Igreja de amar os outros. Sempre defendi que podia gostar de mais do que uma pessoa ao mesmo tempo. A anormalidade social de que ouvia falar era para mim a normalidade", conta esta antiga catequista.

A arte e o poliamor

No cinema ou nas artes plásticas, exemplos de relações não monogâmicas ao longo dos tempos



JULES E JIM

Este filme de François Truffaut, de 1962, é um dos clássicos da Nouvelle Vague francesa, com a incrível Jeanne Moreau a ser disputada por dois amigos. O austríaco Jules e o francês Jim divertem-se a trocar as raparigas que conquistam, mas é Catherine quem lhes rouba o coração. Ela acaba por se casar com Jules. Com uma guerra pelo meio, o triângulo volta a encontrar-se anos mais tarde e vivem juntos, com bastante drama envolvido.

PAJAMA

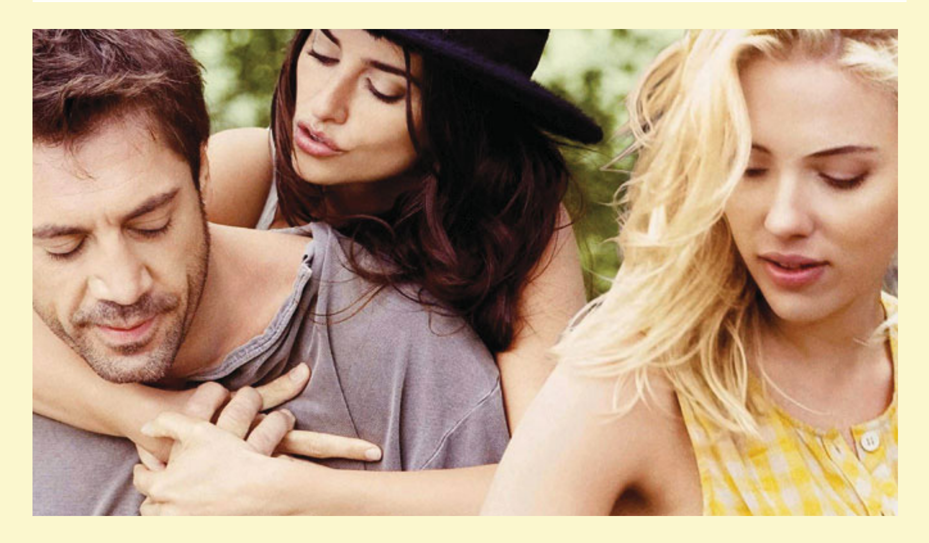
Paul Cadmus, Jared French e Margaret French foram um trio de artistas que assinavam como PaJaMa e se relacionavam entre si. Desde 1937, viveram como um trisal durante mais de 20 anos e a sua relação amorosa estendeu-se à colaboração artística, desafiando a noção do artista a solo. Fluidos na vida, no amor e na arte.

THREE LOVERS

É a única pintura erótica conhecida de Théodore Géricault, pintor francês nascido em 1791 (morreu em 1824). Patente no Museu J. Paul Getty, em Los Angeles, mostra-nos dois amantes num abraço voluptuoso, enquanto uma mulher seminua os observa languidamente.

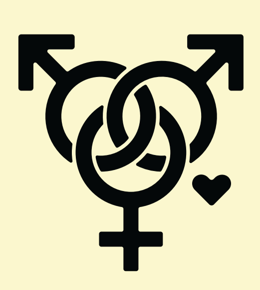
CHALLENGERS

De 1962 para 2024, temos a atriz Zendaya no centro de um triângulo amoroso. Mais do que um triângulo, estamos a falar de poliamor. No filme, realizado por Luca Guadagnino, o enredo gira em torno de uma ex-prodígio do ténis, que é treinadora do marido, o qual irá enfrentar o ex-namorado dela. E não, não vamos ficar apenas pelos dois homens que disputam o amor de uma mulher; eles desenvolvem também a sua relação.



VICKY CRISTINA BARCELONA

Terminamos com este filme de Woody Allen, realizado em 2008. Uma divertida comédia romântica cujo protagonista (interpretado por Javier Bardem), o artista Juan Antonio, flirta e se sente atraído por duas amigas americanas. Mas não fica por aqui. Ele ainda está apaixonado pela ex-mulher, a temperamental pintora Maria Elena (Penélope Cruz), que obviamente entra em cena.



Sempre a crescer

A não monogamia consensual tem crescido na última década. Alguns estudos internacionais pintam essa realidade com a evidência dos números.

- Em 2014, um em cada cinco americanos solteiros estava envolvido em alguma forma de não monogamia, segundo o inquérito anual patrocinado pela Match.com. Este ano, a relação passou a ser de uma em cada três pessoas.
- Em 2019, um estudo canadiano, que também incluiu pessoas casadas, chegou à mesma equação: um em cada cinco inquiridos já havia experimentado outras formas de se relacionar.
- Dois estudos, de 2012 e 2015, encontraram entre 2,5% e 4% de pessoas em relações românticas que tinham optado pela via da não monogamia.
- Entre 2021 e 2023, a aplicação OkCupid verificou um aumento de 45% nos termos não monogâmicos usados nas descrições dos perfis dos utilizadores.
- De acordo com a empresa de sondagens americana YouGov, em dezembro de 2020, 5% dos adultos assumiram que estavam em relações abertas e 3% disseram-se poliamorosos. Três anos depois, o mesmo estudo apurou números ligeiramente mais elevados, passando para 6% e 4% respetivamente.

Parceria Ema e Ana estão unidas pelo Lab Não Mono. Ambas se empenham em esclarecer as pessoas sobre os problemas que se levantam quando as relações saem da monogamia



Esteve casada com o pai das filhas, hoje com 14 e 10 anos, sempre neste regime, tendo outros namorados e nunca o escondendo do marido. "Saí com quem quis e viajei com quem quis para todo o lado." Sem ciúme de parte a parte, porque não havia sentimento de pertença. E com muita liberdade. Separaram-se há quatro anos, mas continuam amigos.

GERIR O TEMPO

Mas é preciso não "romancear o poliamor", avisa a jornalista e escritora espanhola Noemí Casquet, especializada em sexualidade, ao *El País*. "É verdade que existe maior responsabilidade afetiva, muito diálogo e uma grande autoconsciência emocional, além de uma incrível gestão das emoções e do ciúme. Mas isso não significa que as relações sejam perfeitas."

A comunicação é essencial para gerir as relações. Porque a agenda de um poliamoroso pode ser mais preenchida, porque é preciso lidar com sensibilidades ("porque não podes vir hoje ter comigo, mas vais ter com ela/ele?"), porque há vários tipos e graus de ciúmes que não se negam, mas se trazem à luz do dia – para melhor se lidar com eles.

Se, por um lado, se desconstroem as normas – vamos analisar o ciúme, sim, que depende de muitas coisas, mas não é aceitável haver violação de privacidade, ciúme extremo e violento –, também se aposta mais no tempo de qualidade. E aqui os casais monogâmicos podem aprender muito com os não monogâmicos, como sublinha a terapeuta Sandra Bravo, também ao *El País*.

"Vivemos numa cultura que justifica formas violentas e de controlo 'por amor'. Por outro lado, também nos convida a desconstruirmo-nos de tal maneira que não sintamos nenhuma mínima emoção que nos cause desconforto. Quem me dera que pudéssemos trazer mais empatia para as relações, de forma a compreender a gestão emocional dos outros. Os ciúmes são uma emoção contextual: têm a ver com a relação, com a nossa experiência passada, com a forma





Sozinha Na página de Instagram Amores Plurais, Marcela Aroeira não esconde a sua forma de estar. Para a foto, preferiu aparecer sossegada na rede que tem pendurada na sala da sua casa

como a pessoa nos trata e com os obstáculos do nosso dia a dia", explica.

E ainda há mais matérias para tirar notas, acrescenta no mesmo artigo a psicóloga Lara Ferreiro: "Os casais monogâmicos podem ganhar em ultrapassar, como os não monogâmicos, esta possessividade associada às relações. Não temos de pertencer a alguém porque somos um casal. O poliamor destrói essa ideia, valorizando a autonomia individual e a liberdade, em que cada um tem os seus interesses, passa tempo com família e amigos fora da relação."

FELIZES, ENQUANTO DURAR

O número de pesquisas no Google acerca do tema tem aumentado, segundo o estudo *Has the American Public's Interest in Information Related to Relationships Beyond "The Couple" Increased Over Time?*, feito já em 2017, pela autora e psicóloga Amy Moors. O interesse público vem da sua maior presença na esfera pública. Em 2022, por exemplo, o Channel 4, no Reino Unido, estreou o reality show *Open House: The Great Sex Experiment*. Não consta que fosse de grande conteúdo educacional, nem que tenha feito muito pela dignificação do conceito, mas pôs imensa gente a falar sobre relações com mais de duas pessoas.

Na realidade, tudo isto é muito mais filosófico e estrutural do que uma mera tomada de posição. Numa era em que a mulher finalmente está emancipada, a escalada social – somos empurrados, enquanto adultos, para um namoro, que desagua num casamento que por sua vez dá frutos – perde o sentido. Deixamos de ter de ser felizes para sempre, como nos filmes da Disney. Somos felizes hoje, agora, enquanto durar, sem stresse.

João Pinheiro, 30 anos, é um dos administradores do PolyPortugal, um grupo fechado que nasceu na década passada, no Facebook, para dar unidade e crescimento às pessoas que já funcionavam como um coletivo há 20 anos. Hoje, a página tem 1 200 membros. Nesta rede social, junta-se a comunidade, às vezes em festas em que só entra quem segue os princípios da harmonia e do respeito (não é aceitável engate ou comportamento predatório, por exemplo).

Na vida real, há muito mais para fazer enquanto grupo ativista, como contactar partidos políticos para lhes fazer ver que o conceito de família se modificou e que precisa de outro enquadramento legal, combater o estigma, manter a rede de apoio ativa para proteger e mitigar os riscos associados à discriminação e ao discurso de ódio.

João vive em anarquia relacional, sem pôr nomes ou classificações às suas parcerias. "Repudio qualquer forma de hierarquia. Nenhuma relação é mais importante do que a outra, depende das necessidades e das decisões que tomamos de mútuo acordo. O prazer e a vontade é que mandam", explica, antes de referir que, em simultâneo, é poliamoroso.

"O amor está no ar" para todos, quer se trate de flamingos assumidamente monogâmicos, quer de seres humanos que optam por partilhar o seu coração com mais do que uma pessoa.

loliveira@visao.pt



Politicamente, luta-se pela criação de parcerias domésticas entre mais do que duas pessoas que se considerem família. Filhos, heranças, acompanhamento na doença, etc., são regulados segundo a monogamia



FOTOS: LUSA



CHEGOU A HORA DE KAMALA HARRIS

Joe Biden abandonou a corrida, e uma vitória de Donald Trump já não é inevitável. Em apenas um mês, o que parecia uma "marcha mortal" a caminho da derrota transformou-se em esperança viva de eleger a primeira mulher Presidente dos EUA. Nos últimos quatro anos, o Partido Democrata subestimou-a e preparou-a para falhar. Na "luta pelo futuro", ambos têm agora uma segunda oportunidade

— POR CHARLOTTE ALTER, EM FILADÉLFIA



A banda sonora sugeria um concerto de Beyoncé. As pulseiras luminosas evocavam a *Eras Tour*, de Taylor Swift, e a multidão exuberante – mais de 14 mil pessoas, numa fila à chuva – lembrava os primeiros dias de Barack Obama. Numa arena de Filadélfia, em 6 de agosto, a vice-presidente dos EUA, Kamala Harris, mereceu uma receção que há muitos anos não era oferecida a um(a) candidato(a) presidencial democrata.

Fãs apinhavam-se em espaços a transbordar, agitavam cartazes feitos em casa de purpurina e cola, enquanto rufavam tambores. Quando Harris apresentou o governador do Minnesota, Tim Walz, que ela convidou para vice-presidente, os aplausos duraram mais de um minuto.

Se há um mês tivéssemos previsto esta cena, ninguém que acompanha a corrida [para as eleições de 5 de novembro] teria acreditado em nós. Porém, Kamala Harris conseguiu a viragem mais rápida da história política moderna. Uma competição que girava em torno do declínio cognitivo de um Presidente geriátrico transformou-se: Joe Biden está fora, Harris está dentro, e uma segunda presidência de Donald Trump já não parece inevitável.

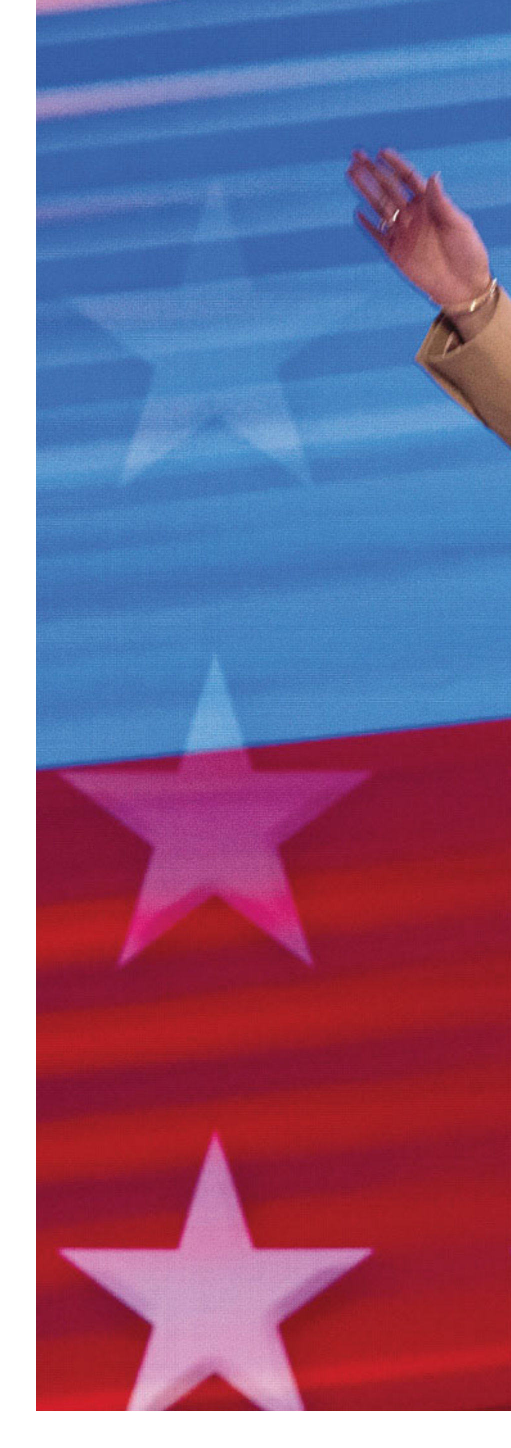
Os democratas, resignados a uma "marcha mortal sombria" em direção a uma derrota certa, como disse um organizador nacional, sentiram o seu desânimo substituído por um abanão de esperança. Harris bateu recordes de angariação de fundos, arrecadando em julho 310 milhões de dólares [mais de €280 milhões, além dos $377 milhões/€342 milhões que já tinha em caixa, segundo a revista *Forbes*].

FENÓMENO POLÍTICO

Kamala Harris enche estádios e domina o TikTok, oferecendo uma mensagem nova, centrada no futuro e não no passado. Voluntários inscreveram-se em massa. A vantagem crescente que Trump tinha nos estados decisivos evaporou-se. Em apenas algumas semanas, entre o final de julho e início de agosto, Harris tornou-se um fenómeno político. "A nossa campanha não é apenas uma luta contra Donald Trump", disse à multidão que a aplaudia em Filadélfia. "A nossa campanha é uma luta pelo futuro."

Onde é que esta Kamala Harris esteve durante este tempo todo? Ao longo de anos, responsáveis democratas questionaram a sua competência política, especialistas zombavam das suas "saladas de palavras" e sondagens indiciavam que atraía pouca gente. O seu desempenho nas primárias para as presidenciais de 2020 foi fraco, e o facto de ter sido escolhida para "número 2" de Joe Biden não inspirou grande confiança.

Ainda neste verão, enquanto membros do partido discutiam quem poderia substituir Biden, caso ele se afastasse, "alguns dos grandes doadores deixaram explícito que ela não conseguiria vencer", reconhece Amanda Litman, cofundadora da Run for Something, uma organização que treina jovens democratas para concorrerem a cargos políticos. "Eles achavam que os eleitores não estavam preparados para eleger alguém como ela."



A julgar pelas últimas semanas, até o próprio partido de Kamala Harris a subestimou. Talvez as concorridas primárias de 2020 não tivessem sido a corrida certa para Harris mostrar os seus talentos; talvez a vice-presidência não fosse o papel certo. De repente, ela parece estar à altura do momen-

A vantagem crescente que Trump tinha nos estados decisivos evaporou-se. Em apenas algumas semanas, entre o final de julho e o início de agosto, Harris tornou-se um fenómeno político



Leve e solta O sorriso fácil, a leveza com que encara o palco e os memes que a divertem são imagem de marca da candidata

to: uma ex-procuradora a concorrer contra um delinquente condenado [por 34 crimes]; uma defensora do direito ao aborto a concorrer contra um homem que ajudou a anular Roe vs. Wade [decisão judicial de 1973, que possibilitava a interrupção legal da gravidez até ao primeiro trimestre]; uma democrata da próxima geração a concorrer contra um republicano de 78 anos. Acima de tudo, talvez ela tenha dado aos norte-americanos a única coisa que eles querem, a avaliar pelo que dizem nas sondagens: uma alternativa credível a dois velhos impopulares, que ocuparam o cargo nos últimos oito longos anos.

Kamala Harris pode ser ainda uma *underdog* [eventual perdedora]. Donald Trump tem, sem dúvida, o caminho mais desimpedido para obter os 270 votos dos membros do Colégio Eleitoral e alguma vantagem em questões que os eleitores consideram mais importantes. Harris terá de responder pelo historial da administração Biden, designadamente em matéria de inflação e de segurança das fronteiras.

Os republicanos estão a apresentá-la como parte da *coastal elite* [rica, culta influente], apontando para as posições que assumiu nas primárias de 2020 – a defesa do programa *gun buyback* [compra de armas privadas para reduzir a sua circulação], a proibição do *fracking* [fratura hidráulica, técnica que permite às empresas extrair gás e petróleo, a partir de rocha de xisto, no subsolo] e uma reforma do sistema de seguros de saúde – que podem ser demasiado liberais para conquistar muitos dos indecisos que decidem as eleições.

Harris ainda não deu uma única grande entrevista nem explicou as suas mudanças políticas. (A campanha recusou um pedido de entrevista para este artigo.) Ela tem de reparar fissuras nas alianças estabelecidas pelo partido, galvanizando os eleitores negros, hispânicos, árabes-americanos e jovens que se afastaram de Biden. Embora os seus números nas primeiras sondagens sejam muito melhores do que eram os de Joe Biden, ela ainda está aquém do apoio que o Presidente conseguiu, em 2020, junto de alguns grupos demográficos fundamentais de que precisa para vencer.



Yes, she can Depois de quatro anos ao lado de Joe Biden, Kamala aprece preparada e disposta a traçar o seu próprio caminho

Harris tem menos de 90 dias para provar que pode converter o ímpeto da sua bem-sucedida candidatura numa operação sólida e inteligente, capaz de derrotar um antigo Presidente com uma base de apoio dedicada e um talento especial para dominar o palco. Herdou uma infraestrutura de campanha e um conjunto de políticas do antecessor, mas a energia é toda dela.

UMA OPERAÇÃO PLANEADA

Preferir Tim Walz para vice-presidente, em vez de uma escolha mais convencional, é sinal de que ela acredita que esta corrida tem tanto a ver com sentimentos como com fundamentos. A mudança da marca Harris – uma atitude de guerreira feliz, os memes virais, o revirar de olhos aos *weirdos* ["esquisitos"] republicanos – já fez o que nenhum adversário de Donald Trump conseguiu: desviar dele as atenções.

Kamala Harris pode parecer alguém que, da noite para o dia, se tornou sensação, mas este momento há anos que estava a ser planeado. Discretamente, a sua pequena equipa de assessores preparou as bases para uma futura candidatura presidencial. Depois da decisão do Supremo Tribunal Dobbs vs. Jackson [que, em 2022, negou o direito constitucional ao aborto e anulou Roe vs. Wade], a vice-presidente norte-americana acrescentou os direitos reprodutivos ao seu portefólio.

O aborto nunca foi uma questão confortável para Joe Biden, um católico devoto, mas ajusta-se naturalmente a Harris. Ela acredita que com o fim de Roe vs. Wade, os republicanos passarão a restringir o controlo da natalidade e a fertilização *in vitro* [o aborto já é ilegal em 14 dos 54 estados: não tem proteção legal em 4; e noutros 11 está sujeito a legislação hostil].

Nos meses seguintes à decisão Dobbs vs. Jackson, Harris viajou pelos EUA para falar sobre o direito ao aborto como uma questão de "liberdade reprodutiva". Já nas eleições intercalares de 2022, recordam os assessores, ela defendia que fosse aquele o cerne da mensagem nacional do Partido Democrata, mesmo quando a Casa Branca virou a sua atenção para o emprego e a economia.

Durante essas viagens, a equipa de Harris elaborou uma lista de aliados, mediadores e potenciais delegados a quem recorrer, se e quando chegasse o momento de o fazer. Todas as fotografias, todos os convites VIP, todos os encontros com líderes sindicais, todas as reuniões com eleitores importantes – tudo foi registado. O objetivo, explicam os conselheiros, era garantir que haveria aliados em cada lista de delegados em todos os estados da nação. "Tínhamos uma lista

Kamala Harris pode parecer alguém que, da noite para o dia, se tornou sensação, mas este momento há anos que estava a ser planeado

Os estados que vão decidir a eleição

Os EUA são compostos por 50 estados, mas a escolha do novo Presidente, nas eleições de 5 de novembro, está dependente do que acontecer em sete círculos decisivos. Além de outros quatro, que convém não perder de vista

PENSILVÂNIA
Os 19 votos no Colégio Eleitoral deste estado são o prémio mais disputado pelas duas campanhas, onde se preveem que sejam gastos mais de 200 milhões de euros em materiais e anúncios para tentar convencer os eleitores. Segundo as sondagens, Trump leva uma ligeira vantagem de dois pontos, o que está bem dentro das margens de erro nas pesquisas. O *suspense* vai, com toda a certeza, prolongar-se até ao dia das eleições e, porventura, ao longo dessa noite. Há oito anos, por esta altura, em 2016, Hillary Clinton estava oito pontos acima de Trump e, quatro anos depois, Biden estava cinco pontos acima. No dia da eleição, Clinton perdeu o estado para Trump por menos de um ponto, e Biden ganhou-o por quase a mesma margem.

WISCONSIN
O maior erro dos democratas em 2016. Hillary Clinton e a sua equipa estavam de tal forma convencidos de que o estado iria continuar azul, como sucedia desde Ronald Reagan, que nem sequer fizeram campanha no Wisconsin. Trump acabou por vencer, com apenas 47% dos votos, mas o suficiente para levar os seus dez votos eleitorais. Desta vez, segundo a revista *Time*, os democratas já angariaram 49 milhões de dólares para gastar no estado, um valor bem superior aos 15 milhões de Trump – que foi nomeado candidato na convenção realizada na cidade de Milwaukee, no Wisconsin. Os eleitores negros têm um peso importante neste estado e isso pode favorecer Kamala Harris.

MICHIGAN
Estado tradicionalmente democrata até 2016, onde a perda dos seus 15 eleitores foi trágica para Hillary Clinton. Agora, Kamala Harris e Tim Walz têm intensificado as ações de campanha, para não serem surpreendidos. As sondagens dão vantagem aos democratas, mas ainda é cedo para confiar nas projeções. Há quatro anos, por esta altura, Joe Biden estava com mais de sete pontos de vantagem, mas acabaria por vencer por menos de três. E há oito anos, Hillary Clinton também liderava por sete pontos, mas acabou derrotada por 0,3%.

CAROLINA DO NORTE
Um reduto tradicional dos republicanos, mas onde os democratas não desistem de lutar, porque acreditam que ainda podem fazer uma surpresa – apesar de Trump desfrutar na Carolina do Norte da sua segunda maior liderança em médias de pesquisas. A verdade é que apenas uma vez desde 1980 os 16 votos eleitorais do estado foram para os democratas. Há uma razão racional para o investimento democrata neste estado: os eleitores que não se reconhecem em nenhum partido formam o maior bloco, com quase 37%. Ou seja, muitos votos que ainda podem cair para qualquer um dos lados.

GEÓRGIA
Antes de Biden ganhar aqui em 2020, o último democrata a levar 16 votos do estado tinha sido Bill Clinton, em 1992. O poder crescente do voto negro e a migração da indústria cinematográfica e televisiva para Atlanta mudaram a Geórgia de uma forma importante. Uma semana antes do desastroso debate de junho de Biden, que o afastou, Trump estava dez pontos à frente nas sondagens. Essa vantagem agora é inferior a um ponto.

ARIZONA
Há muito tempo um bastião da ortodoxia conservadora, foi aqui que Trump perdeu por uma escassa margem, em 2020 – e onde continua sem aceitar os resultados. Os democratas já gastaram 44 milhões de dólares neste estado, bem mais do que os 17 milhões dos republicanos. No entanto, o lado de Trump pode estar a preparar-se para apostar mais forte na reta final.

NEVADA
Um reduto resistente de Trump. Apesar do seu discurso hostil aos imigrantes, ele continua com uma liderança forte em todas as sondagens. No entanto, o Nevada apenas elege seis eleitores, o que explica as quantias relativamente insignificantes que as duas campanhas ali depositaram: os democratas com 24 milhões de dólares e os republicanos com 27 milhões.

ESTADOS QUE PODEM VIR A SER IMPORTANTES
No Ohio, com um esforço mínimo, Donald Trump ganhou nas duas últimas chamadas às urnas os 17 votos do colégio eleitoral, um estado que costumava ser visto como um fiel indicador dos resultados finais. Agora, os democratas querem repetir os resultados ali obtidos por Barack Obama.
Na Virginia, os republicanos procuram montar uma máquina de campanha, num estado dominado pelo popular senador democrata em exercício, Tim Kaine. Uma jogada semelhante está a ser tentada pelos democratas na Flórida, onde Trump venceu nas últimas duas vezes, embora por apenas cerca de três pontos em 2020. Finalmente, no Texas os democratas também dizem acreditar que podem ganhar, num estado que é conservador por natureza. No entanto, a mudança demográfica ali registada, nos últimos anos, pode baralhar as contas dos dois lados.



Touché A escolha de Tim Walz para vice-presidente pode aproximar Kamala dos eleitores mais conservadores

e verificámo-la duas vezes", afirmou um dos principais assessores.

A lista estava planeada para 2028, mas, quando Biden desistiu, a 21 de julho, e rapidamente declarou o apoio a Harris, a lista foi de imediato ativada. A vice-presidente – a mastigar pizza com anchovas e a envergar uma camisola da Universidade de Howard [fundada para educar jovens e adultos negros em tempos de segregação racial, e onde ela completou um bacharelato em Artes] – passou as dez horas seguintes ao telefone, a ligar para os delegados e a conseguir apoios. Um dia depois, a nomeação era praticamente dela.

Apesar de outros aspirantes à presidência terem ligações a estados decisivos ou a grandes financiadores, "a lista era o que nós tínhamos e que eles não tinham", congratula-se um assessor de Harris. "Não foi uma fada-madrinha a acenar com uma varinha mágica."

TRABALHO PERFEITO

A capacidade de Harris para conseguir a nomeação tão rapidamente foi um triunfo da ética de trabalho e da destreza política, que antecipou o que estava por vir. Consolidar o Partido Democrata numa questão de horas, realizar tantas iniciativas de grande visibilidade e estabelecer essa presença sem dar um passo em falso é uma proeza", reconhece Peter Buttigieg, secretário dos Transportes, que concorreu contra Harris para a nomeação de 2020 e que agora foi um dos finalistas na seleção para a vice-presidência. "Creio que ninguém esperava que ela fosse tão perfeita."

Sem Biden como cabeça de lista, as moribundas bases democratas ganharam vida. Kamala Harris foi capaz de transmitir o que, com Hillary Clinton ou Joe Biden, nunca pareceu ser a mensagem certa: o seu partido é o partido do futuro e Trump representa o passado. Harris angariou 200 milhões de dólares [mais de €180 milhões] na primeira semana, no que se considerou ser as melhores 24 horas de qualquer candidato na história das campanhas presidenciais.

Mais de 38 mil pessoas registaram-se no site Vote.org nas 48 horas que se seguiram à nomeação de Harris como candidata, superando o aumento do número de eleitores incentivado por Taylor Swift, em 2023. Em apenas uma semana, Harris apagou o domínio de Trump nas sondagens em estados-chave, transformando uma vitória esmagadora [prevista sobretudo depois do atentado de que foi alvo, em 13 de julho] num empate.

"As eleições resumem-se a vibrações, e Kamala tem as *vibes* neste momento", comentou David Hogg, cofundador de uma organização da Geração Z, Leaders We Deserve [Líderes que Merecemos]. Depois de passar toda a carreira política numa mobilização contra Trump e aliados, regozija Hogg, sabe-lhe bem ter finalmente alguém em quem votar.

"As pessoas estão a sentir o tipo de energia que sentiram durante a campanha de Obama", constata Darrin Camilleri, senador do estado do Michigan, que passa os fins de semana a bater às portas no seu distrito competitivo, a sul de Detroit. "Parece diferente do que era com Hillary, diferente do que era com Biden."

Celebridades como Charli XCX e Megan Thee Stallion apoiam Harris. Discursando num hangar cheio de aviões em Detroit, o presidente do sindicato UAW [United Auto Workers], Shawn Fain, chamou-lhe *badass woman* ["mulher poderosa"]. Os novos bonés de campanha da dupla Harris-Walz esgotaram-se em meia hora. Os grupos comunitários assistem a uma explosão de angariação de fundos e de inscrição de voluntários. "A minha sobrinha, que chamava a Biden Genocide Joe, ligou-me a dizer, 'Tia, quero fazer algo'", diz LaTosha Brown, cofundadora da Black Voters Matter.

À PROCURA DO CAMINHO

A mudança é talvez mais visível na esfera digital. Embora milhões de democratas convictos estivessem dispostos a rastejar sobre estilhaços de vidro para impedir a reeleição de Trump, os eleitores menos fiáveis da Geração Z estão atentos às tendências online. Durante meses, os apoiantes de Joe Biden nas redes sociais estiveram na defensiva em relação ao apoio à guerra de Israel em Gaza contra o Hamas. Os comentários sobre Gaza [onde armas dos EUA têm sido usadas em ataques que já mataram mais de 40 mil palestinianos] inundaram

Sem Biden como cabeça de lista, as moribundas bases democratas ganharam vida. Kamala Harris foi capaz de transmitir o que, com Hillary Clinton ou Joe Biden, nunca pareceu ser a mensagem certa: o seu partido é o partido do futuro e Trump representa o passado



os conteúdos pró-Biden, publicados nas plataformas sociais, dificultando a criação daquilo que os estrategos digitais designam uma "estrutura de permissão" para o apoiar.

Para muitos, era uma evocação dos magotes que, na internet, gozavam com os apoiantes de Hillary Clinton em 2016, impedindo-a de ganhar força nas redes sociais. "Em 2016, quem quisesse apoiar Hillary Clinton online, fazia-o em grupos privados no Facebook", diz Amanda Litman, a cofundadora da Run for Something. "Em 2024, dás estrilho no TikTok, fazes parte da [multidão de apoiantes autodenominados] #K-Hive e o teu *username* é um "coqueiro" [alusão a uma frase de Harris em que citou a mãe: Acham que caíram de um coqueiro? Vocês só existem no contexto de tudo aquilo em que vivem e do que vos precedeu].

Apesar da surpresa em Washington, a enérgica lutadora das últimas semanas corresponde à Harris que os aliados dizem conhecer há anos. Louise Renne, antiga procuradora municipal em São Francisco, lembra-se de que, quando se encarregou dos casos de adoção no seu gabinete de procuradora-geral da cidade, Harris levou uma braçada de ursos de peluche para o tribunal, no primeiro dia no cargo.

Andrea Dew Steele, consultora de financiadores, que, com Harris, se alimentava de queijo e vinho, enquanto as duas redigiam a primeira biografia política da campanha para a procuradora-geral de São Francisco em 2003, também se lembra dela sentada à porta de supermercados, com folhetos de campanha empilhados sobre uma tábua de engomar. Os que colaboraram nas primárias de 2020 recordam-se igualmente de que, depois de desistir, Harris se juntou aos últimos membros da equipa numa *dance party* na sede de campanha. Os primeiros aliados de Kamala Harris na Califórnia [onde foi também procuradora-geral] podem ter visto nela lampejos de Barack Obama, mas o seu aparecimento no palco nacional assemelhou-se mais ao da senadora Seline Meyer [personagem fictícia na comédia televisiva *Veep*]. Depois de um arranque espalhafatoso em 2019, a campanha de Harris 2020 estagnou e a seguir fracassou.

Assessores lamentam que ela tenha sido orientada por muitos e vários conselheiros com diretrizes contraditórias. O seu histórico como procuradora-geral [em São Francisco, opôs-se à pena de morte, mas aceitou-a para toda a Califórnia] era uma bagagem pesada para uma candidata às primárias democratas, ensombrada por um movimento pela justiça social.

Numa competição definida por Bernie Sanders, de um lado, e por Joe Biden, do outro, Kamala Harris nunca encontrou o seu caminho. A sua campanha ficou marcada por erros

de gestão e por lutas internas. Harris parecia hesitante e insegura, com medo de errar. "Prestámos-lhe um mau serviço", admite Bakari Sellers, um dos copresidentes estaduais daquela campanha. "Envolvemo-la numa bolha." O entusiasmo diminuiu; o dinheiro acabou. Ela desistiu muito antes de os primeiros votos serem depositados nos *caucuses* [convenções partidárias] do Iowa.



PREPARARAM-NA PARA FALHAR

Os primeiros meses como vice-presidente também foram complicados. As grandes entrevistas não lhe correram bem; Harris parecia estar mal preparada, sem os pés assentes na terra. Joe Biden terá desabafado com um amigo que ela era um *work in progress* ["trabalho em curso"]. Ele confiou-lhe um dossier com empreitadas difíceis e ingratas, como lidar com as causas profundas do fluxo de imigrantes indocumentados no Triângulo Norte da América Central [que atravessa El Salvador, Guatemala e Honduras]. Em 2023, Harris tinha os índices de aprovação mais baixos da história da vice-presidência.

"É sempre mais difícil para quem é vice-presidente, porque é o Presidente quem define a política, quem assume a responsabilidade", ressalva o congressista Adam Schiff, democrata da Califórnia e aliado próximo de Harris. "E, tradicionalmente, os vice-presidentes têm muitas vezes de fazer tarefas que o Presidente não quer fazer." Outro democrata não esteve com rodeios: "Eles [no *establishment* democrata] prepararam-na para falhar, desde o primeiro dia."

As pessoas que a rodeiam têm sido também um desafio para Harris. Ao longo dos anos, um elenco rotativo de altos funcionários tem ofuscado a sua mensagem e levantado questões sobre as capacidades como governante. "Ela precisa de alguns *consiglieres* políticos na vida. Não tem uma estrela polar para a guiar", anota um estratego democrata. "Teve gestos políticos de novata, a que a elite política e especialistas se agarraram, o que impulsionou uma narrativa de que não estaria pronta para o horário nobre."

Essa narrativa há muito que está desatualizada, garantem todos os que trabalham com ela e que a têm observado de perto. "Quem esteve atento reparou que o material negativo foi amplificado e aumentado pela direita. Depois, deixou de haver notícias sobre ela", observa um conselheiro próximo. A caricatura de Harris, adianta este conselheiro, ficou "congelada no tempo". A vice-presidente "continuou um trabalho de liderança, no que toca a uma série de questões importantes, mas as pessoas já não estavam a acompanhar o percurso".

Aliados de longa data argumentam que muitas das prioridades de Harris no Senado [para onde foi eleita em 2017] – reforma da justiça criminal, igualdade racial, saúde materna – tornaram-se prioridades da administração Biden. O senador Cory Booker, de Nova Jérsia, um dos antigos rivais presidenciais em 2020, salienta que, nos últimos três anos, Harris tem dominado a arte de [persuadir outros a] "dar o braço a torcer", necessária para aprovar legislação importante e tornar-se uma "diplomata global" em defesa dos objetivos democratas. "Ela passou de Padawan [aprendiz] a Mestre Jedi", comenta Booker.

No entanto, se Kamala Harris foi amplamente subestimada, também é verdade que as circunstâncias mudaram radicalmente. O êxito na política é situacional. Ela já não tem de disputar a atenção na campanha com mais de 20 democratas nem tem de se contorcer para apaziguar os desejos liberais e conquistar a base do partido. Já não tem de ser uma adjunta leal do Presidente que dá as ordens. Este é, finalmente, o momento dela.

Os republicanos concedem que Harris será mais difícil de derrotar do que um Biden diminuído, mas também se convenceram de que a candidata, em alta nas últimas semanas, irá descer à terra quando estiver sob ataque cerrado. "Se prosseguir o tipo de campanha que fez em 2019 e em 2020, essa campanha entrará em colapso e Donald Trump entrará na Casa Branca", assegura o especialista republicano em sondagens, Whit Ayres. "Por outro lado, se, nos últimos quatro anos, ela aprendeu mesmo tanto quanto os aliados e amigos dizem, irá obrigar Trump a correr atrás do prejuízo."

Responsáveis pela campanha de Harris garantem que permanecem



Ânimo O Partido Democrata parece quase renascido das cinzas depois da desistência de Biden. A campanha segue a ferro e fogo até novembro

concentrados nos sete estados decisivos – Arizona, Geórgia, Michigan, Nevada, Carolina do Norte, Pensilvânia e Wisconsin. Com Harris como cabeça de lista, aqueles estados "são ainda mais importantes para nós", afirma Dan Kanninen, diretor para os chamados *battleground states*. Sondagens indicam que Harris é mais popular entre os eleitores jovens, negros e latinos do que era Biden quando desistiu da corrida, o que a põe numa posição mais robusta para ganhar os estados do Sun Belt [sul e sudeste, onde se regista o maior crescimento económico e demográfico, em contraste com o Rust Belt, norte e nordeste].

Harris poderá, no entanto, estar a perder terreno junto dos eleitores brancos mais velhos, o que a torna vulnerável no trio de estados da Blue Wall [Muralha Azul] – Michigan, Pensilvânia e Wisconsin –, que constituem o núcleo da estratégia dos democratas para o Colégio Eleitoral. Com o objetivo de reforçar aqueles estados, Harris tem procurado cativar apoiantes nos sindicatos e tem efetuado várias visitas ao Midwest.

Kamala Harris herdou a infraestrutura de Joe Biden, incluindo mais de 260 postos avançados nos estados em disputa. No Nevada, tem três *field offices* e Trump só tem um; na Pensilvânia, tem 36 *coordinated offices* e Trump só tem três, segundo um memorando da campanha. Nos primeiros 12 dias, os apoiantes de Harris fizeram 2,3 milhões de telefonemas e 172 mil visitas domiciliárias.

BARBIE, BEYONCÉ E SWIFT

Se os organizadores nos estados decisivos têm de bater à porta dos eleitores, a estratégia digital foi parcialmente concebida para "chegar aos eleitores difíceis de alcançar e convencê-los a escolher entre a [nossa] candidata e o sofá", informa o diretor-adjunto da campanha, Rob Flaherty. A avalanche de memes virais sobre Harris, os vídeos empolgados no TikTok e as inúmeras chamadas via Zoom de apoiantes dedicados (Black Women for Harris, White Dudes for Harris, Latino Men for Harris) facilitaram a missão. "Este é o tipo de entusiasmo que o dinheiro não pode comprar", exulta Flaherty.

Muitos democratas ainda receiam, porém, que seja difícil superar as vantagens de Trump. "Sinto-me paranoica", confessa a congressista Debbie Dingell, do Michigan. "Precisamos de ter a certeza de que iremos discursar nas sedes dos sindicatos e falar aos [militares] veteranos, como Joe Biden fazia."

No entanto, o momento de Kamala Harris também surge depois de oito anos de transformação e de triunfo das mulheres norte-americanas. Após a derrota dolorosa de Hillary Clinton, em 2016, as mulheres encheram as ruas na maior marcha de protesto da história dos Estados Unidos da América e formaram um gigantesco movimento eleitoral de base, que ajudou os democratas a ter um desempenho superior na maioria das eleições desde então.

O #MeToo reformulou a cultura; Dobbs vs. Jackson reformulou o eleitorado. O enorme entusiasmo por uma mulher não é novidade: a candidatura de Kamala Harris surge apenas um ano depois de um verão de sucessos de bilheteira de *Barbie* [filme de Greta Gerwig], de Beyoncé e de Taylor Swift.

Agora, há menos dúvidas de que uma mulher consegue ser eleita. "As linhas de ataque dos republicanos vão centrar-se no género e na raça [Harris é filha de dois imigrantes, mãe indiana tâmil e pai jamaicano, e identifica-se como negra], mas isso vai ser uma vantagem", acredita Ashley Etienne, antiga diretora de comunicação da vice-presidente. "Tudo o que era um fardo é agora um trunfo."

Se Kamala Harris conseguirá manter este brilharete inicial é uma questão em aberto. Certo é que já alterou a trajetória da eleição. "Todo o ambiente mudou. Tínhamos dois candidatos que não geravam grande arrebatamento", analisou Leanne Weiner, de 39 anos, enquanto esperava, numa fila, para comer asas de frango no monumental comício em Filadélfia. Exibia uma T-shirt com a frase "Childless Cat Ladies for Harris" [uma resposta a J.D. Vance, o candidato a vice-presidente de Trump, para quem os EUA são dominados por "um bando de mulheres amarguradas, com gatos em vez de filhos" – Harris tem dois enteados, filhos do marido, Douglas Emhoff]. À sua frente, outra fã ostentava uma T-Shirt em que se lia "Blasians [Black and Asians] for Harris". "Há uma nova energia, uma nova força, uma capacidade de atrair pessoas que podem estar indecisas." V visao@visao.pt

Se Kamala Harris conseguirá manter este brilharete inicial é uma questão em aberto. Certo é que já alterou a trajetória da eleição

— Com **Leslie Dickstein** e **Julia Zorthian**, em **Nova Iorque**; e **Brian Bennett**, **Philip Elliott** e **Nik Popli**, em Washington

TIME
© 2024, TIME Inc. Todos os direitos reservados.
Traduzido da TIME Magazine
e publicado com autorização da TIME Inc.



HUGO VAN DER DING

Analítico, eloquente, conversador nato, simpático e empático, cordial e cativante, assim é o autor de algumas das tiras humorísticas mais divertidas do Instagram. Voz das manhãs da Antena 3 e de vários podcasts, já representou e escreveu peças de teatro. A sua cabeça vive em *brainstorming* permanente

Não consigo ver o mundo tal como ele é. Estou sempre a desmontar tudo, vejo o lado ridículo de tudo. É como se visse o mundo sempre desfocado

— POR **SÓNIA CALHEIROS** TEXTO **JOSÉ CARLOS CARVALHO** FOTOS





Alto, esguio, de camisa, calções e um par de meias com bonecos (uma perdição que todos gostam de dar e de receber no Natal). Hugo Sousa Tavares, que todos conhecem e tratam por Hugo van der Ding, chegou dez minutos mais cedo ao nosso encontro, para o caso de ser difícil encontrar lugar para estacionar o carro – uma companhia recente na sua vida agitada, ideal para o levar à descoberta do mundo aqui mais próximo, de Espanha e de Marrocos.

Frequentou dois cursos superiores: Direito, na Universidade Católica, porque sonhava com a vida diplomática, e História, na Universidade Nova de Lisboa. Recentemente, voltou a estudar algumas cadeiras do curso de História, para aprender mais sobre a presença portuguesa na Ásia, sobre os primeiros europeus que foram ao Japão, à China e à Índia.

Foi tradutor, sobretudo de obras em inglês, e anda há uma década a escrever o primeiro livro – um romance. São muitos os projetos pelo meio que o desviam da escrita compenetrada e isolada, principalmente a rádio, de segunda a sexta de manhã, um ou outro trabalho em televisão e as peças de teatro com digressão e tudo.

Não gosta de ser considerado humorista, mas faz rir – e muito – uma legião de fãs, que, diariamente, partilha as suas tiras humorísticas, com personagens hilariantes, como a psicanalista Juliana Saavedra, as egípcias e as astronautas, Celeste, a velha moderna, e a dona Custódia e "isto foram os drogados", Esteves e a Marina e as suas mocas de erva, entre muitas outras – todas mulheres. Não quer ser famoso, mas já é um notável criador e comunicador. "Hugo, grande fã!", solta alto e bom som uma corredora matinal, no *jogging* à beira-rio, enquanto decorria esta entrevista. Hugo ri-se e agradece.

Como quer ser tratado, que pronome usa?

Ele. Esta história dos pronomes é algo a que estou muito habituado no teatro. Sei de uma peça em que há, pelo menos, duas das atrizes a usar pronomes que, para a maior parte das pessoas, não seriam os mais óbvios. São pequenas coisas tão importantes para as pessoas e que, para nós, é só uma palavra. O Teatro Nacional D. Maria II faz questão de perguntar, no início dos projetos, para as folhas de sala e até para o tratamento entre colegas. Acho incrível uma instituição pública ter já esse cuidado.

São atenções como esta, cuidados que passámos a ter com as palavras, que resultaram da cultura woke?

O mundo está este sítio estranho, em que as pessoas saíram das tabernas para as redes sociais. Estão altamente violentas, e o que devia ser um discurso para facilitar a comunicação entre todos transformou-se numa maneira de a dificultar cada vez mais. Desisti de dar grande conversa a essa luta e gosto de fazê-la de outra maneira. No *Vamos Todos Morrer* [rubrica nas manhãs da rádio Antena 3, sobre personalidades que já morreram], ao contar histórias, a mensagem entra de outra maneira; mostrando como a nossa sociedade provocou tanto sofrimento a tantas pessoas; como foram incríveis, ultrapassando todas as barreiras que a socieda-

O mundo está este sítio estranho, em que as pessoas saíram das tabernas para as redes sociais. Estão altamente violentas





“Hugo, grande fã!” Durante a entrevista, à beira-Tejo, passou uma admiradora, que interrompe a corrida para elogiar Van der Ding

de lhes punha, e não é preciso ir a grupos particularmente marginalizados. Durante o século XIX, são tantas as histórias de mulheres, por exemplo, que não puderam ir estudar para a faculdade, que os maridos ou os pais não as deixavam viajar. Quando fiz um programa sobre o Louis Braille, inventor da escrita em braille, recebi mensagens de cegos que diziam ouvir, todos os dias, o programa, e senti-me parte da História. Isto é o que se chama inclusão através da História, através da conversa. Esta é a minha forma de ativismo. Contar histórias é a maneira mais antiga que nós temos de passar mensagens.

Hoje a página humorística do Facebook “Cavaca para Presidenta”, visando a ex-primeira-dama Maria Cavaco Silva, seria de imediato cancelada?
Já foi há dez anos. Era o que mais gostava de fazer. Acordava todos os dias de manhã, abria as fotografias do site da Presidência da República e esperava que “ela” me dissesse aquelas coisas. Se calhar, é mesmo verdade que era um tempo mais inocente nas redes sociais. Tenho um caderno em que aponto todas as ideias e, às vezes, basta passar três anos e penso “isto é impossível de se dizer hoje”.

Considera que foi uma criança diferente. Tratado como especial ou de forma especial?
As duas coisas. Temos noção de que há qualquer coisa em nós que é diferente dos outros, quando estamos constantemente em embates com a autoridade. A vida é facilitada, há muitas coisas que são desculpadas e outras que eram tentativas de ser formatado, para não dizer certas coisas, para não ter certos comportamentos, e não falávamos de indisciplina. O meu pai dizia-me muito: “Temos de aprender a jogar este jogo das regras, antes de podermos subvertê-lo totalmente.” Na escola, lembro-me de estar a analisar os poemas de Camões, a contar as sílabas, e achava aquilo tudo absurdo e dizia: “Estamos a matar a poesia. Vocês não percebem nada disso.” Era esse tipo de comportamento que era constantemente cortado.

Gosta de ser filho único?
Não adoro, tenho um bocadinho de pena. O casamento dos meus pais foi muito breve, mas tenho um ir-

mão do lado do pai e dois irmãos do lado do meu padrasto. Cresci mais chegado à minha mãe. Ninguém mais tem uma visão da minha mãe como mãe, a não ser eu. Quando és filho único, toda a atenção está centrada em ti, e isso pode ser muito opressor.

Desde que idade pensou ser ator?
Consigo localizar a minha conversa interior aos 9 anos e o momento específico durante umas férias em agosto. Pensava: falta-me viver a minha vida toda – porque tinha 9 anos – para ter 18 e com essa idade poder decidir. Sei que essa conversa não foi interrompida até hoje, que ainda sou essa criança que assiste à construção da sua identidade. Lembro-me de pensar "quando for ator, quando for escritor". Dá-se uma coincidência de a minha vida me fazer completamente sentido, desde aquela conversa aos 9 anos. Não procurei nada, ligaram-me da rádio. Tudo acontece por convite, como no teatro com o meu amigo Pedro Penim [ator, encenador e diretor artístico do Teatro Nacional D. Maria II desde 2021].

Também fez parte do grupo Onda Choc. Como foi a experiência musical?
Não me lembro exatamente do ano, mas foi da segunda formação. A Joana Seixas, atriz, era minha amiga, andámos juntos na escola, e estava a entrar no grupo, então convenceu-me a ir. Devo ter estado um ou dois meses e fui-me embora pelo próprio pé. Era péssimo, não sei cantar nem dançar.

Entretanto, já representou e também escreveu para teatro?
O teatro é fascinante. A parte de trabalhar como ator não me diz muito. Tenho feito sempre peças do Pedro Penim que são *awesome* [incríveis]. O processo com ele é muito divertido, trabalhar com gente incrível e talentosa, são dois meses ou três muito intensos, de manhã à noite. Escrever faz toda a diferença, é divertidíssimo. Com o Martim [maestro Martim Sousa Tavares e seu primo], escrevemos *O Misantropo*, a partir de Molière, que vai voltar ao palco do Teatro Tivoli, em Lisboa, em novembro. Tínhamos tido a ideia, fomos convidados também pelo Pedro Penim; fechámo-nos três ou quatro dias num palacete a cair aos bocados em Tomar e escrevemos a peça. Adaptar Molière já é um luxo, depois poder dizer coisas inacreditáveis e ter atores a representar essas barbaridades – essa parte é a que me interessa mais.



As mulheres têm mais matizes. A personalidade delas é mais variada, mais subtil, mais mordaz; tiveram de exercer *soft power* durante séculos

O que se passou na adolescência para pensar que poderia ser bipolar?
Era assustador, porque não se sabia o caminho que a bipolaridade podia levar. É difícil explicar, porque, antes de estar medicado e de fazer terapia, o processo não era fácil. Havia situações que ultrapassavam o razoável da maneira de falar com os outros. Quer nas fases maníacas, quer nas fases depressivas, era tudo demasiado intenso, tudo demasiado histérico. Em casa, não era muito bem aceite. Sempre tive muitas ideias, muitos projetos, mas havia fases em que era cansativo falar, chegava ao fim do dia absolutamente exausto.

Sem alucinações ou surtos psicóticos?
Nunca tive. A parte mais marcada era claramente a depressão. Devo ter tido quatro momentos prolongados de meses muito, muito, muito graves, muito fechado em mim próprio, e ninguém se apercebia disso. O que não significava que não fosse altamente social, funcional médio, mas que saísse à noite muitas vezes e continuasse a ser divertido e a dizer os meus disparates. Sinto que "perdi" dez anos, porque, de todas as ideias que tinha, nenhuma se concretizava... a confusão mental era tanta. A partir do momento em que sou diagnosticado [aos 30 anos], começo a ser medicado e a fazer terapia, as ideias se calhar ficaram um bocadinho menos intensas.



Será uma herança genética?
Fazer diagnósticos retroativos é sempre complexo. Mas, de facto, tenho muitas figuras na família a que nós chamaríamos excêntricas, que em certos traços me levam a pensar que é possível que seja uma herança genética. Só que são pessoas que conseguiram, talvez por uma questão social, não ter esses embates, não ser as loucas na aldeia, só eram excêntricas.

Incomoda-o ter de tomar medicação para o resto da vida?
Não, nada. Sabem aquelas pessoas que lhes dói a cabeça e não tomam um comprimido? A grande conquista da medicina é o controlo da dor, mais vale morrer cinco anos antes e tomar o que for preciso.

Porque não usa o apelido de família, Sousa Tavares, e criou um nome artístico?
Foi para um texto que escrevi com o Pedro Penim, *O Nome da Rosa*, em 2014. Cada vez mais sou o Hugo van der Ding, até no banco. A parte mais pública do que faço começou de uma maneira anónima, com as tiras d' *A Criada Malcriada*, depois queria incorporar a parte holande-



Política "A esquerda tem feito tudo aquilo que considero ser uma sociedade mais moderna, respeitadora e livre, e a direita, o contrário"

sa, tão importante na minha vida, e assim fica guardada para sempre neste apelido. Isso também me permite brincar com a minha biografia. Tenho 50 espalhadas pela internet, todas diferentes.

Autor de textos e de desenhos, escritor, ator, radialista, apresentador ou comunicador. Qual destas profissões prefere?
Gosto de autor. É suficientemente abrangente e satisfaz a curiosidade e a necessidade das pessoas que precisam de encaixar os outros em profissões. Só que vivemos num tempo, sobretudo e cada vez mais as gerações a seguir à minha, em que tal vai deixar de fazer sentido. Conseguimos experimentar coisas muito diferentes na vida. A maioria das pessoas hoje com 40 anos já teve três profissões em áreas muito distintas. Imagina que um médico no seu tempo livre gosta de criar catos. Se calhar não se identifica só com o ser médico, porque, para a sua identidade, isso é redutor.

Como começaram as tiras humorísticas no Instagram?
Como é que há pessoas que, durante 12 anos, continuam a achar graça a páginas nas redes sociais, que é o lodo do mundo, hoje em dia? Não me canso de dizer que ninguém vai ali insultar, as pessoas não se pegam umas com as outras, não ofendem. Deve ser uma espécie de *safe space*. Sei que os psicólogos têm grupos onde partilham as tiras da Juliana Saavedra, os médicos partilham as da doutora Messalina.

De onde vem tanta criatividade?
Olho para as coisas e não consigo parar de ter estas ideias. Não sei se se chama criatividade, mas é não conseguir ver o mundo tal como ele é. Estou sempre a desmontar tudo, vejo o lado ridículo de tudo. Ouço uma expressão e só vejo o segundo sentido. É como se visse o mundo sempre desfocado, o que às vezes é cansativo.

São só personagens femininas.
Na minha infância, as figuras mais marcantes foram a minha mãe e a

Sempre fui um bocadinho essa esponja de estar a prestar atenção a tudo, a ouvir e a ver tudo o que está à minha volta. E os portugueses são divertidos, têm esse espírito da calhandrice

Uma década de muita criatividade

TEATRO

2024 *O Misantropo*, a partir de Molière, texto escrito com Martim Sousa Tavares. Reposição em novembro, no Teatro Tivoli, em Lisboa

2024 *A Grande Fantochada*, autor do texto e manipulador de marionetas, com Vítor D'Andrade. A História de Portugal contada através de marionetas (feita pela dupla Mariana Fernandes e Marta Teixeira da Silva, da Lavandaria), ao som da música da pianista Joana Gama

2023 *A Farsa de Inês Pereira*, texto e encenação de Pedro Penim, a partir de Gil Vicente. Entrou como ator

2021 *Pais & Filhos*, texto e encenação de Pedro Penim, a partir de Ivan Turguéniev. Integrou o elenco e foi em digressão por França

2015 *O Nome da Rosa*, texto escrito com Pedro Penim, foi a sua estreia em palco

PODCASTS

Vamos Todos Morrer: minibiografias de personalidades que já morreram
Ponto de Desencontro: conversas com personalidades reconhecidas de várias áreas; vai voltar para uma segunda temporada
[IN]Pertinente: conversas sobre economia, sociedade, política e Ciência, um projeto da Fundação Francisco Manuel dos Santos
Duas Pessoas a Conversar: conversa solta com Martim Sousa Tavares. Regressa em setembro

LIVROS

O Misantropo (2024)
O Fim do Mundo em Cuecas (2023)
Vamos Todos Morrer Outra Vez (2023)
O Lixo na Minha Cabeça (2022)
Vamos Todos Morrer (2021)
O Inspetor Acidental (2016)
A Criada Malcriada (2013)

Com a Lavandaria, microeditora e estúdio de design e serigrafia, trabalha as exposições dos seus desenhos, que também transforma em serigrafias, no Natal

minha avó. É um universo que, se calhar, eu domino melhor e depois acho que as mulheres têm mais matizes. A personalidade delas é mais variada, mais subtil, mais mordaz; elas tiveram de exercer *soft power* durante séculos. Se a psicanalista Juliana Saavedra fosse um homem, aquilo era de uma violência… a ironia transformava-se em brutalidade.

Portugal e os portugueses são uma boa matéria-prima?
Sempre fui um bocadinho essa esponja de estar a prestar atenção a tudo, a ouvir e a ver tudo o que está a acontecer à minha volta. E os portugueses são pessoas divertidas, têm esse espírito da calhandrice que toda a gente tem, no qual eu também me incluo. Quando tinha 16 anos, eu e a minha melhor amiga Nelly sentávamo-nos nas escadas de um prédio e ficávamos a ver pessoas a passar, só a inventar os seus nomes, com apelido.

Qual a importância de não se levar a sério?
As pessoas devem ser sérias e levar a sério o trabalho e o que fazem. É a missão de deixarmos alguma marca na vida dos outros. Agora, levar a sério os nossos defeitos, as nossas idiossincrasias e as dos outros, levar muito a sério todos os dramas da vida, isso não me faz sentido nenhum. Deve haver uma certa ligeireza e pensar que isto tudo começou numa caverna.

O humor consegue exercer bullying?
Sim. Não me considero humorista, e há uma diferença entre o seu trabalho e aquilo que faço. Para um humorista, o humor é o seu diamante, é o que está no centro da sua arte e que ele vai lapidar. A realidade é a matéria-prima com que se faz humor. Para mim, o humor é um veículo para outras coisas, seja contar uma história seja passar uma ideia, não é a minha matéria-prima. No *Vamos Todos Morrer*, a matéria-prima são vidas de pessoas que me fascinam, são histórias de países, de lugares, de acontecimentos, e uso o humor porque é uma forma muito mais fácil de passar a mensagem. É divertida a ideia de ridicularizar aquilo que é poderoso e que se leva a sério, de ridicularizar estereótipos, até porque ajuda a desmontá-los.

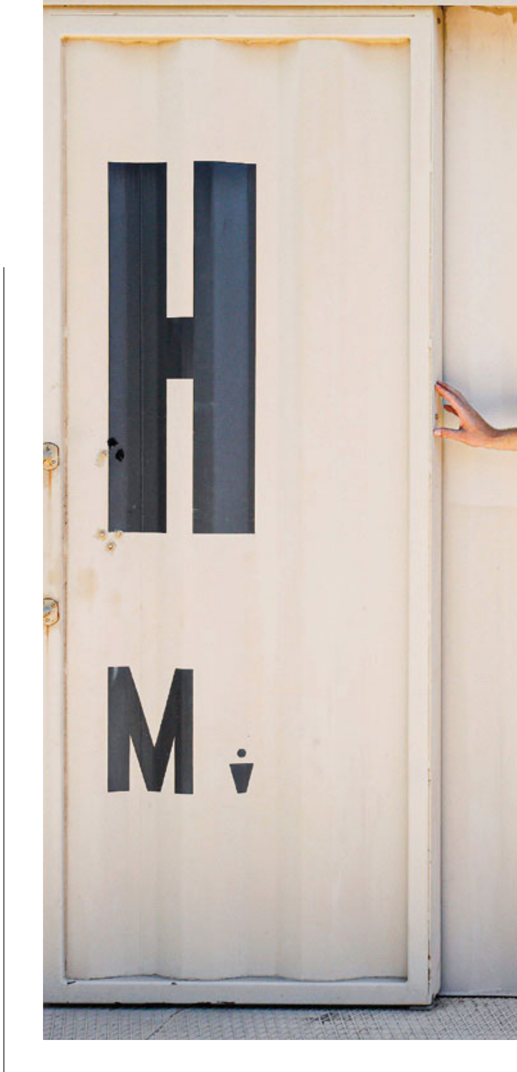
Em que situações fica circunspecto?



Era assustador, porque não se sabia o caminho que [a bipolaridade] podia levar. Antes de estar medicado e de fazer terapia, o processo não era fácil. Havia situações que ultrapassavam o razoável

A bipolaridade faz com que isso seja natural. Como acordei de manhã pode determinar como levo o resto do dia. Mas o sofrimento dos outros toca-me muito, e o contraponto também, gente que sai do seu caminho para acudir ao sofrimento dos outros. São gestos de bondade.

O que o levou a viajar sozinho e a morar em Londres e, depois, em Amesterdão?
Uma vontade enorme de correr o mundo. Estar fechado e fazer sempre a mesma coisa deixa-me muito angustiado. Tinha 23 anos quando fui para Londres, era o destino mais óbvio na altura. A minha ideia era viver seis meses em cada país do mundo e voltar para casa! Depois acabei por ficar na Holanda por cinco anos. Não concretizei o plano de percorrer o mundo, mas, sempre que viajo, fico com imensa vontade de ficar a morar nos sítios, de fazer a vida igual à dos locais, de conhecer as pessoas e tentar perceber o que nos liga como humanos. Sobretudo para quem vive na Europa – com uma visão tão egocêntrica do mundo e de que nós é que somos o zénite –, ir ao Japão ou à Índia ou ao mundo árabe, a Marrocos a 1h20 de avião, e ver outras possibilidades de ser uma pessoa é fascinante.



O que se ganha com o contacto com outros povos?
Não há nenhum sítio no mundo que esteja hoje como estava há mil anos. Os países já foram invadidos por outros povos, isto já foi tanta coisa. Nós já cá tivemos os fenícios, os romanos, os visigodos, os árabes. Olhemos para a América há 500 anos, seja a do Sul seja a do Norte, ela está irreconhecível para um tipo de há 600 anos. A Polinésia era formada por ilhas desertas. Fascina-me como tudo é efémero. Lemos nos livros de História que a Alemanha invadiu a Polónia, em 1939. Nem pensamos duas vezes naquilo quando estamos a estudar a II Guerra Mundial, mas vemos na atualidade a Rússia a invadir a Ucrânia, e é gravíssimo e horrível o sofrimento humano, tal como foi na invasão da Polónia. Nem será preciso passar 100 anos para os nossos filhos e os nossos netos lerem sobre o tema num livro de História e perguntarem à professora se “a invasão da Ucrânia sai no teste”.

Foi tradutor durante dez anos. Há limites na interpretação das palavras, dos sentidos e significados?
Foi quando voltei de Amesterdão. Noventa por cento dos trabalhos eram em inglês, poucos em francês e



Viagens "Sempre que viajo, fico com imensa vontade de ficar a morar nos sítios, de fazer a vida igual à dos locais, de conhecer as pessoas e tentar perceber o que nos liga como humanos"

um em espanhol, a autobiografia da Duquesa de Alba, que me mandou o livro autografado. Para mim, o inglês é como se fosse português. Punha o texto em bruto em português, quase palavra por palavra do inglês para português e, depois na revisão, transformava aquilo num texto bem escrito em português. O que era importante é que estivesse escrito em bom português. Agora estou a aprender árabe, para poder ler.

Qual a causa que o leva a querer tocar na consciência dos outros?

A pobreza afeta a escolha, e todos os seres humanos que não tenham a hipótese de escolha ficam limitados na sua dignidade, na sua realização pessoal. A pobreza é a coisa mais terrível do mundo, que acentua ou diminui todos os outros preconceitos. Se falarmos de racismo, uma pessoa negra rica ou uma pessoa negra pobre não tem a mesma valoração; ser gay rico ou ser gay pobre não é a mesma coisa. A cura para o cancro pode estar numa menina que mora numa barraca em Deli, na Índia, que não vai aprender nem a ler nem a escrever.

Depois de informar a família de que estava apaixonado por um amigo, o tema da homossexualidade nunca mais foi assunto. Para eles ou para si?

Levar a sério os nossos defeitos, as nossas idiossincrasias e as dos outros, levar muito a sério todos os dramas da vida, isso não faz sentido nenhum. Deve haver uma certa ligeireza e pensar que isto tudo começou numa caverna

Tinha 18 ou 19 anos e tornou-se um facto biográfico. Mais uma vez, por uma questão de feitio, também não perguntei o que achavam. Contei só e a reação foi normal. Se tiver um namorado vai lá a casa como iria o marido da minha irmã ou a mulher do meu irmão. Nem é um assunto. Mas houve alturas, em ambientes eventualmente mais tóxicos, em que já senti que as outras pessoas estão a pensar nesse tema e que me reduzem a uma categoria. É tão limitador.

Já sabe se é de esquerda ou de direita?

Acho que sou de esquerda, não é? Não, nunca fui de direita. Gosto das possibilidades que uma parte do modelo económico em que vivemos permite ser contra esse sistema económico e esse sistema político. Isso é fantástico. Percebo que, ainda assim, mais uma vez numa perspetiva histórica, foi esse modelo que permitiu que mais pessoas tivessem poder de escolha e liberdade de escolha. Agora, na política europeia e até na portuguesa, em todas as questões sociais, sou de esquerda. A esquerda tem feito tudo aquilo que considero ser uma sociedade mais moderna, respeitadora e livre; e a direita, o contrário.

Os atuais movimentos de extrema-direita sempre existiram, estavam camuflados?

As pessoas, por ignorância, por falta de companhia ou de carinho, por falta de ter melhor para fazer, são muito contestatárias. O que é preciso é aparecer uma voz que saiba canalizar tudo isso. Tínhamos a sorte de o Pinto Coelho [líder do antigo Partido Nacional Renovador] ser "atrasado mental". Acontece que, de repente, aparece um tipo inteligente, claro, manipulador e que sabe usar muito bem tudo aquilo que desperta o pior da natureza das pessoas. Ouvimos: "Não existe um milhão de racistas em Portugal", e eu respondo: "Pois não, existem muitas mais." Tenho aquela teoria de que, se se perder algum tempo a ter uma conversa e a mostrar o contrário, qualquer pessoa, mesmo com ideias preconceituosas, melhora, salvo em casos psiquiátricos. Só que depois há as redes sociais que servem de amplificador. Se alguém entra com *parti pris* em relação ao Bangladesh, por exemplo, sai de lá com vontade de invadir o país. V scalheiros@visao.pt


NIKE

CARLOS LOPES ***AS HISTÓRIAS DA LENDA QUE NUNCA FORAM CONTADAS***

Quando se celebram os 40 anos da primeira medalha de ouro de um atleta português em Jogos Olímpicos, uma nova biografia dá traz luz sobre a vida, a carreira e a determinação do grande campeão. A VISÃO divulga alguns excertos de uma lenda contada na primeira pessoa

— POR ANTÓNIO SIMÕES

D.R.

Dos primeiros passos à primeira corrida

Algures por 1943, na revista Saúde e Lar, *escrevera-se: "O melhor desporto para homens e rapazes não é o futebol ou a corrida, é a horta, por que cultivar um pedaço de terreno é um prazer inefável." Era esse o espírito da época, o mesmo que levou, quatro anos depois, o "sr. Diretor-geral dos Desportos" a publicar uma nota nos jornais, a informar "todos os menores que praticam futebol, quer estejam ou não na Mocidade Portuguesa, carecem de autorização do Ministro da Educação Nacional para o poderem praticar".*

Naturalmente indiferente a isso, nasceu, a 18 de fevereiro de 1947, uma criança a que foi dado o nome de Carlos Alberto de Sousa Lopes. O parto foi no Hospital de Viseu, mas foi em Vildemoinhos que cresceu, numa casa de pedra ao lado de outra que ficou famosa por lá se terem realizado, cerca de uma década antes, as filmagens da Maria Papoila, *de Leitão de Barros, e que foi um dos maiores sucessos de Mirita Casimiro. Mas a vida real era bem diferente daquela que se exibia no cinema.*

— A minha vida haveria de mostrar que eu não tinha, no meu destino, mesmo nada a ver com esse romantismo, essa pieguice, da *Maria Papoila*. Pelo contrário, se pela minha terra havia imagem do que eu haveria de mostrar-me, na minha vida, no meu destino, era… Viriato. O Viriato pela sua demonstração de força e energia, o Viriato pela sua capacidade de luta e destemor, o Viriato pela sua paixão e amor a Portugal – e assim me fiz como se o Viriato nunca me saísse da alma e das pernas.

Para a escola de Vildemoinhos entrou Carlos Lopes aos oito anos. Tinha 12 anos (quando teve de ir trabalhar) – e, poucos meses após, surgiu-lhe, enleante (e ainda não muito arrebatante) o primeiro sinal de sortilégio:

— A rapaziada lá da aldeia fez uma pista no adro da capela para simularmos umas provas de atletismo. Nada como agora que lá tem jardim e empedrado. Nessa altura era tudo apenas em terra batida – e era o largo dos sonhos de todos nós, devíamos ser para aí uns 22. Por lá se jogava à bola, por lá se faziam outras coisas que calhassem e, certa vez, alguém se lembrou de lá fazer pista de atletismo, dando-lhe 200 metros mais ou menos a olho. Como eu já tinha afeição pelas distâncias maiores, aventurei-me à prova mais longa. Acho que seis quilómetros. O resto da malta andava pelos 18 anos ou mais, eu tinha 13 e, mesmo sendo meio fio de gente, fiquei em terceiro lugar.

> **Tinha noção perfeita da minha capacidade e o 25 de Abril permitiu desenvolvê-la, mexendo com o atletismo, mexendo com o desporto**



Na primeira internacionalização descobriu que não tinha medo

Em 1966, após se ter mostrado em diversas provas, foi convocado, sem surpresa, para representar Portugal no Crosse das Nações, que já era considerado uma espécie de campeonato do mundo de corta-mato. Para palco dessa edição, escolheu-se Rabat (a 20 de março). Sem pasmo (antes pelo contrário), Moniz Pereira juntou para a prova de juniores Carlos Lopes a Anacleto Pinto, a José Salvé-Rainha e a José Lourenço:

— Na minha primeira vez a viajar de avião, fizemos escala em Madrid. Apesar de ele andar já a queixar-se de um mal qualquer no fígado, em Madrid o Anacleto comprou uns sapatos para utilizar em Rabat – a mim isso nem sequer me poderia passar pela cabeça, eu ainda mal tinha dinheiro para comer… A fartura não era muita, mas isso não: fome nunca passei, nem eu, nem os meus sete irmãos: a Conceição, a Cidália, o António, a Maria das Dores, a Ana Paula e o José António, todos eles mais novos do que eu. E só não eram oito porque, quando eu estava a caminho dos oito anos, me morreu uma das irmãs, a quarta de nós, era a Ana, tinha dois anos. À borda de casa, corria o Pavia e, julgando nós que ela queria ir ao rio dar banho a uma bonequinha de trapos, caiu à água. Foi o primeiro drama que vivi, andando, com o meu pai e a minha mãe, à procura dela, encontrámos o corpo preso a um açude…

Lá, em Rabat, o que mais me espantou foi ver, desde a véspera, todos os outros a abafarem-se em cuidadinhos e exageros. Ou pior: a tremerem, a tremelicarem. O Anacleto, que todos julgavam que era um dos favoritos, quase que metia dó. Estava todo mijado. Eu não. Aliás, foi aí que descobri que, no atletismo, quando alguém tem medo, arranja logo qualquer coisinha… Medo eu não tinha.

Categórico Carlos Lopes a correr para o primeiro dos seus três títulos de campeão do mundo de corta-mato, em 1976, em Chepstow, País de Gales



AP

Para saber do 25 de Abril, foi a correr para Monsanto

Pela madrugada de 25 de abril de 1974, Fernando Silva Pais, diretor da PIDE-DGS ligou para casa de Marcelo Caetano, avisando-o, aflito: "Senhor Presidente, a Revolução está na rua! E o caso é muito grave…"

— Casando-me com a Teresa semanas antes, a 31 de março de 1974, já vivia no Paço do Lumiar e, aparecendo a minha sogra pelas sete da manhã a contar-nos que havia movimentações de tropas pela cidade, eu não fui de modas: fui equipar-me e desatei a correr para Monsanto, fazendo do treino estratégia para ver o que se passava. É, sempre fui muito curioso – e, nisso da revolução do 25 de abril, não havia melhor forma de perceber o que se estava a passar a correr pela cidade fora. Não indo para o banco nesse dia, tudo isso ouvi entusiasmado pela rádio – pois, nessa altura, ainda não tinha TV, a primeira que tive foi meses depois, comprada por mim.

A revolução de Moniz Pereira

Depois da revolução dos cravos, a diretor-geral dos Desportos alçou-se Alfredo Melo de Carvalho que pediu a Moniz Pereira um Plano de Preparação Olímpica, com vista aos Jogos de Montreal. Destinado a provar aquilo que o treinador repetia até à exaustão: os portugueses são tão bons como os melhores, apenas precisam de condições de trabalho como os outros.

— Tudo o que eu fora dizendo, todos os lamentos que eu fora largando por não ter as condições que dezenas e dezenas de corredores como eu tinham pelos quatro cantos do mundo, confirmou-se: com condições mínimas poderia ser dos melhores do mundo. Tinha noção perfeita da minha capacidade – e o 25 de Abril permitiu desenvolvê-la, mexendo com o atletismo, mexendo com o desporto. E mexeu com o atletismo, mexeu com o desporto, porque o Moniz Pereira acreditava imenso nos atletas que tinha. Sabia da parte humana, sabia da capacidade atlética, sabia das convicções dos atletas que tinha em seu redor – e a sua teimosia obrigou a que os responsáveis decidissem: Toma lá então o que queres, não chateies mais, se falhar, acabou-se!…

O Banco do Algarve pagava-me 7105 escudos de salário, o Sporting já não me pagava nada, porque eu não queria. Segredo não era que, no FC Porto, o Cubillas recebia 125 contos por mês. Para nós, para os atletas, luxo era podermos ser dispensados dos empregos de manhã para treinarmos duas vezes ao dia – e, no meu caso, não ter, como antes, de levar com corte nos ordenados se, por qualquer motivo, tivesse de faltar ao trabalho, devido ao atletismo. Felizmente, no banco já não me dificultavam nada, antes pelo contrário.

Menos de seis meses bastaram para que Carlos Lopes desse indício de que essa revolução nas condições lhe pusera mesmo nas pernas as chaves do paraíso, de um paraíso maior – vencendo aquele que era talvez o mais importante crosse do universo: o Donostia de San Sebastián. E partiu como um dos favoritos para o Campeonato do Mundo de Corta-Mato que se disputou em Chepstow, cidadezinha ao sul do País de Gales, a 28 de fevereiro de 1976. Foi aí que Lopes,

Dentro da cabeça do campeão

Na origem deste livro esteve um lamento de Carlos Lopes que, num almoço de aniversário, manifestou a sua mágoa por não existir uma obra que contasse a sua história pessoal e desportiva. O campeão teve a sorte de o recetor desse lamento ser José Manuel Constantino, presidente do Comité Olímpico de Portugal, recentemente falecido, que manifestou, de imediato, a sua intenção de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para suprir essa lacuna. E, poucos dias depois, o jornalista António Simões, com quase quatro décadas no jornal *A Bola* a acompanhar as provas de atletismo – incluindo em sete Jogos Olímpicos – estava em campo a recolher o material que acabaria por coligir em mais de 600 páginas e que, de forma fiel e tantas vezes desassombrada, nos traçam um retrato vívido e multifacetado de uma das maiores lendas do desporto português. Em especial, da sua melhor arma competitiva: a sua resistência mental.
E se Carlos Lopes não tinha um livro sobre a sua vida, passa agora a ter dois: em simultâneo com a obra de António Simões é também lançado, pela mesma editora um livro sobre os feitos desportivos do campeão, intitulado *Carlos Lopes – Provas, Recordes e Medalhas*, da autoria do jornalista Rogério Azevedo.



Carlos Lopes – Lenda Nunca Assim Contada
António Simões

— Visão e Contextos, 648 págs., €27

António Simões

Jornalista e autor

“O pior é muita gente não respeitar o legado e a herança, o exemplo e a história de Carlos Lopes”

Após quatro décadas a escrever e a acompanhar o atletismo nas páginas de A Bola, *o jornalista depressa percebeu que estava enganado quando pensava que já sabia quase tudo sobre Carlos Lopes. E agora desvenda muitos dos seus segredos*

Este livro, com mais de 600 páginas, é uma maratona, mas foi escrito ao sprint, para estar pronto na data dos 40 anos da medalha de ouro olímpica de Carlos Lopes. Como é que foram o trabalho e os principais desafios que teve de enfrentar?
Fácil foi pôr o Carlos Lopes a contar o que nunca tinha contado porque esse foi o desafio a que ele próprio se entregou – querer, no fundo, desnudar-se de alma e coração para aparecer em letra de forma exatamente como ele é e não como quase toda a gente julgava que ele era a correr para se fazer deus. Por isso, para mim, esta maratona não teve o “terrível muro dos 30 quilómetros” – e mesmo escrita ao sprint, por mérito dele, permitiu-me mostrar, no fundo (e na perfeição), que para o Carlos Lopes nenhuma maratona, fosse no alcatrão, fosse na vida, teve alguma vez esse “terrível muro dos 30 quilómetros”. Aliás, dizer só isso daquilo que se pode descobrir, ao longo dessas quase 650 páginas, é dizer pouco...

O que o surpreendeu mais em Carlos Lopes durante a feitura do livro e nas longas conversas que tiveram?
Surpreendeu-me, sobretudo, eu ter partido para a conversa a pensar que sabia quase tudo sobre o Carlos Lopes e ao fim de um quarto de hora da primeira de muitas e muitas horas de conversa ter já a certeza de que afinal do verdadeiro Carlos Lopes eu sabia quase nada. Não, não tenho dúvidas: o mesmo acontecerá a quem ler este *Carlos Lopes – Lenda Nunca Assim Contada*. E o mérito é todo dele, dele a contar-se como nunca se contou, por entre personalidades e acontecimentos, situações e circunstâncias, tão imprevisíveis como uma noite dormida num colchão de água na mansão de Los Angeles de Elton John ou a descoberta do massagista privativo de John McEnroe, que levou a que tivessem de lhe fabricar, em menos de quatro dias, as sapatilhas com que ganhou a medalha de ouro na maratona dos Jogos Olímpicos...

O que, na sua opinião, este livro revela sobre a carreira e a personalidade de Carlos Lopes que o público ainda não sabia?
Quase me atreveria a dizer que página sim, página não, das seiscentas e quarenta e tal que o livro tem, se revela, ao menos, um traço da personalidade e do espírito, da esperteza e da sagacidade, que fizeram de Carlos Lopes o campeão que mais fabulosamente (e neste fabulosamente nada há de metafórico...) se fez a si próprio. E que por ser como é transformou infernos em paraísos de um modo que mais ninguém na alta-roda do atletismo internacional fez. Alguém que, tendo já uma medalha olímpica, só tinha um par de sapatos para treinar e para não correr com eles molhados pela chuva, colocava-lhes remendos que cortava de papelão, embrulhava as meias em jornais velhos...

Qual é o episódio que, na sua opinião, revela melhor o verdadeiro Carlos Lopes?
Essa é a pergunta de resposta mais difícil. Não só por ser impossível escolher um episódio, como impossível seria até escolher dez ou 15. Impossível pela forma como o Carlos Lopes esfrangalha segredos, uns atrás dos outros – e também porque o livro não se faz apenas do Carlos Lopes a revelar-se, assim, a si próprio, faz-se de confissões e histórias partilhadas por familiares, amigos, companheiros de pistas, do Fernando Mamede até – a fazerem o mesmo, encantados, apaixonados...

Carlos Lopes é um nome conhecido e admirado por todos os portugueses, mas acha que o desporto português tem sabido aproveitá-lo convenientemente como referência e exemplo?
Pior do que o desporto português não ter sabido e não ter querido aproveitar um dos Maiores Portugueses de Sempre para o usar como ele justificaria – como metáfora do melhor que nós somos –, é muita, muita, gente não lhe respeitar o legado e a herança, o exemplo e a história, como ele merecia. Ou melhor: como ele merece. A começar no Sporting. E isso o livro também mostra – e não apenas no modo como o Lopes de lá saiu ainda a correr por via de um contrato publicitário que desviaram de si para benefício de outros... É, esse é mais um dos segredos às dezenas (olhem que não, não é exagero...) que se vão soltando de si a contar-se como nunca se contou. E fá-lo por ter decidido: “Eu só quero que me vejam como eu sou, como eu, na verdade, sou.” Por isso o Lopes quis fazer o livro que fez – e eu fui apenas uma espécie de médium a ajudá-lo no seu desejo...





D.R.

> Todo-o-terreno Carlos Lopes, com a mulher, Teresa, a responder às perguntas do jornalista e treinador Artur Madeira, após uma prova nos Alpes italianos, com neve, em 1982

aos 29 anos e 10 dias se sagrou, pela primeira vez, campeão do mundo de corta-mato.

— Corri como sempre corria. Sem ligar a instruções, por achar o que sempre achei: que quem está de fora não pode mandar, nem dizer o que devemos fazer a determinada altura. Comigo quem mandava, quem sempre mandou, era eu. Ou melhor: a minha cabeça. Quando arranquei não tinha, pois, na verdade, grande convicção de que aquilo pegasse como pegou – e de uma coisa nunca deixei de estar convencido: que sobretudo os ingleses julgaram que eu não aguentaria aquele andamento. Só mesmo na última volta é que dei o máximo e vários jornais assinalaram que eu até acabei mais fresco que todos os que chegaram atrás de mim.

Secretário de Estado do Desporto era, então, António Silva Graça, poeta e médico que o Estado Novo impedira de seguir na carreira hospitalar por a PIDE o apanhar acamaradado ao PCP – e chamando-o a homenagem pública (com a atribuição da mais alta condecoração desportiva nacional), sublinhou-o: "Temos todos de agradecer ao Carlos Lopes o que ele fez pela juventude portuguesa, com a conquista do campeonato do Mundo. Ele, como os outros que lá foram, são puros amadores. Uma coisa é o profissionalismo, outra é o apoio que a estes atletas que são puros amadores temos de dar – e essa óbvia obrigação do Estado não pode desaparecer mais..."

Constatando que em discordância se mostrava Carlos Gonçalves, inspetor da Direção-Geral do Ensino Básico: "Gasta-se dinheiro com a Preparação Olímpica quando há ainda miúdos nas escolas que puxam por navalhas de ponta e mola para se apoderarem de um lanche" – Moniz Pereira retorquiu-lhe (a ele e a outros como ele): "Mais de 200 milhões de pessoas viram, estupefactas, o triunfo do Lopes no Campeonato do Mundo de corta-mato em direto pela televisão. Por isso, em meia hora, ele fez mais propaganda do país do que o SNI, o serviço de propaganda da Ditadura, fizera em todos os anos da sua existência."



Os organizadores de corridas pagavam-me sempre antecipadamente, porque sabiam que nunca os enganaria, por isso é que tanto podia ser 5000 como podia ser 7500 dólares – o que eu pedia

Com a mulher na primeira medalha olímpica

Com o prestígio de campeão do mundo de corta-mato, Carlos Lopes partiu para os Jogos Olímpicos de Montreal com a determinação que, então, já todos lhe reconheciam. E para melhor enfrentar um adversário como o finlandês Lasse Viren, duplo campeão olímpico dos 5000 e 10000 metros, Lopes não quis prescindir do apoio familiar.

— Não era costume os atletas levarem as mulheres consigo, isso era coisa para dirigentes que depois andavam a passear com os carros que nós devíamos utilizar e, às vezes, nos faltavam até para ir aos treinos. Fui o primeiro atleta a fazê-lo, a Teresa ter ido comigo a Montreal causou alguns engulhos, deu agonia a alguma gente. Por não ser habitual, ficaram um bocadinho apreensivos, tanto dirigentes como técnicos – e ter a Teresa em Montreal foi fundamental para a medalha que lá ganhei. Na prova, fiz o que sabia que tinha de fazer, o que o meu espírito me levava a fazer: conduzir a minha corrida a pensar que antes de ganhar era preciso não perder. Afastar os outros, afastar o perigo, ir dando cabo deles para que, depois, não fosse enganado por não ser tão rápido como eles – e só não consegui dar cabo do Lasse Viren. Não o conseguir não me deixou, no entanto, nada, nada, desiludido. Só pensava em ficar nos três primeiros. E quando vi que não podia ir com o Viren até abrandei, correndo, cautelosamente, para não falhar o segundo lugar...

A primeira Rua Carlos Lopes

Depois da conquista da medalha de prata nos 10 000 metros nos Jogos Olímpicos de Montreal 76, a rua principal de Vildemoinhos passou a chamar-se Rua Carlos Lopes.

— Para mim foi um momento emocional inesquecível. Porém, vendo, pela primeira vez o meu nome numa rua não deixei, nunca deixaria, de me

sentir o Carlos de Vildemoinhos, simplesmente o Carlos. Não um deus. O nome da rua não me pôs em bicos de pés, deixou-me simplesmente agradecido, agradecido por achar bonito que a principal rua da minha aldeia, a rua que desembocava na capela, a rua onde eu, pequenino, tantas vezes joguei à bola, fosse a primeira de outras que depois haveriam de ser assim também, por Portugal de lés a lés. Igualmente sentimental (e nisso sou incapaz de dizer se mais ou se menos…) seria, depois, a homenagem que Viseu me faria ao voltar campeão olímpico de Los Angeles – uma loucura ainda maior, isso foi. Outro momento emocional inesquecível, também: ainda mais, muito mais gente, a vibrar por mim, eu levado em cortejo num carro descapotável, um Mercedes que ainda hoje existe, tendo por condutor o grandíssimo engenheiro Fernando Nunes, proprietário do Grupo Visabeira – que ainda hoje me dá a honra de ser sempre convidado a ficar no seu Hotel Montebelo.

Tormento da lesão

A Carlos Lopes, se o destino não o tivesse traído como o traíra ao longo de quatro anos, talvez o fulgor que se lhe haveria de ver em Los Angeles se lhe tivesse visto em Moscovo.

— Se não me tivesse lesionado, não teria obviamente aderido ao boicote a Moscovo porque sempre achei que política e desporto não podiam ser misturados. Para Moscovo ainda não era a maratona que eu tinha na ideia, eram os 10 000 metros como em Montreal e até podiam ser, não fossem os azares todos que me foram caindo em cascata, os 10 000 e os… 5000. Tal como aos outros, os que alinharam no boicote, também me acenaram com dinheiro para eu lá não ir. A minha decisão foi logo dizer-lhes que tirassem o cavalinho da chuva, que comigo não havia dinheiro que pagasse uma medalha. Se insistissem, dizia-lhes que não me chateassem com isso, até fui eu quem convenceu o José Sena a não ir no engodo, lembrando-lhe que essa poderia ser a sua última oportunidade – e foi por isso que ele foi a Moscovo, do atletismo só lá foram também o João Campos e o Anacleto Pinto. E, ainda agora, eu não tenho dúvidas: talvez não ganhasse o ouro ao Miruts Yifter, mas das duas provas em que provavelmente apostaria teria, quase de certeza, trazido duas medalhas de Moscovo!

"O Mamede nunca mais vai ser meu amigo!"

A FPA anunciou que na Preparação Olímpica para Los Angeles 84 cada escolhido teria direito a aumento de subsídio: para 10 000 escudos – e, apesar das dúvidas e indefinições que as pernas lhe davam, juntou-se, naturalmente, Carlos Lopes ao rol em que igualmente se puseram José Carvalho, José Sena, Hélder de Jesus, Rafael Marques e Fernando Mamede. Bónus de mais cinco contos no subsídio haveria de ter Fernando Mamede a partir de 31 de maio de 1981, o dia em que se tornou recordista da Europa de 10 000 metros, com 27.27,7 minutos:

— Foi no dia do recorde do Mamede que eu percebi que tinha mesmo conseguido fugir de vez ao inferno que foram aqueles três anos de lesões umas atrás de outras, que eu percebi que estava regressado, regressado para calar quem já me tinha morto e enterrado por três ou mais vezes. Pouco antes desse meu regresso ao futuro com os 27.47,8 minutos na tarde do recorde do Mamede – saiu reportagem do Ilídio Trindade com título: *O princípio do fim de uma grande carreira.* Não sei se era precisamente assim, mas o sentido era esse – o que lá se fazia era o meu elogio fúnebre como atleta. Sempre que via coisas assim, sempre que ouvia coisas assim, ficava revoltado, ofendido, indignado. E pior fiquei ao ver o Mamede na televisão por uma dessas noites. Estando o José Sena e a Felicidade a jantar em minha casa, o Mamede disse qualquer coisa sobre o seu futuro, o jornalista perguntou-lhe se diria o mesmo se eu continuasse a correr e o Mamede respondeu-lhe: "Se a minha avó não morresse, ainda hoje era viva!" No contexto e no tom em que o disse, era como se estivesse a desejar a minha morte, a minha morte como atleta, numa altura em que o que eu precisava era de apoio e de consolo, de conforto e de solidariedade. Furioso, afirmei ao Sena e à Felicidade: "Este gajo ainda vai ter de engolir isto… Vou recuperar e ele vai arrepender-se… Mas está lixado comigo e nunca mais vai ser meu amigo!" Foi assim, simplesmente assim, o princípio da zanga com o Mamede. Não foi o Mamede que se zangou comigo, fui eu que me zanguei com ele – talvez por ser como sou, ter a sensibilidade que tenho, o espírito que tenho. Zanguei-me e zanguei-me para sempre.



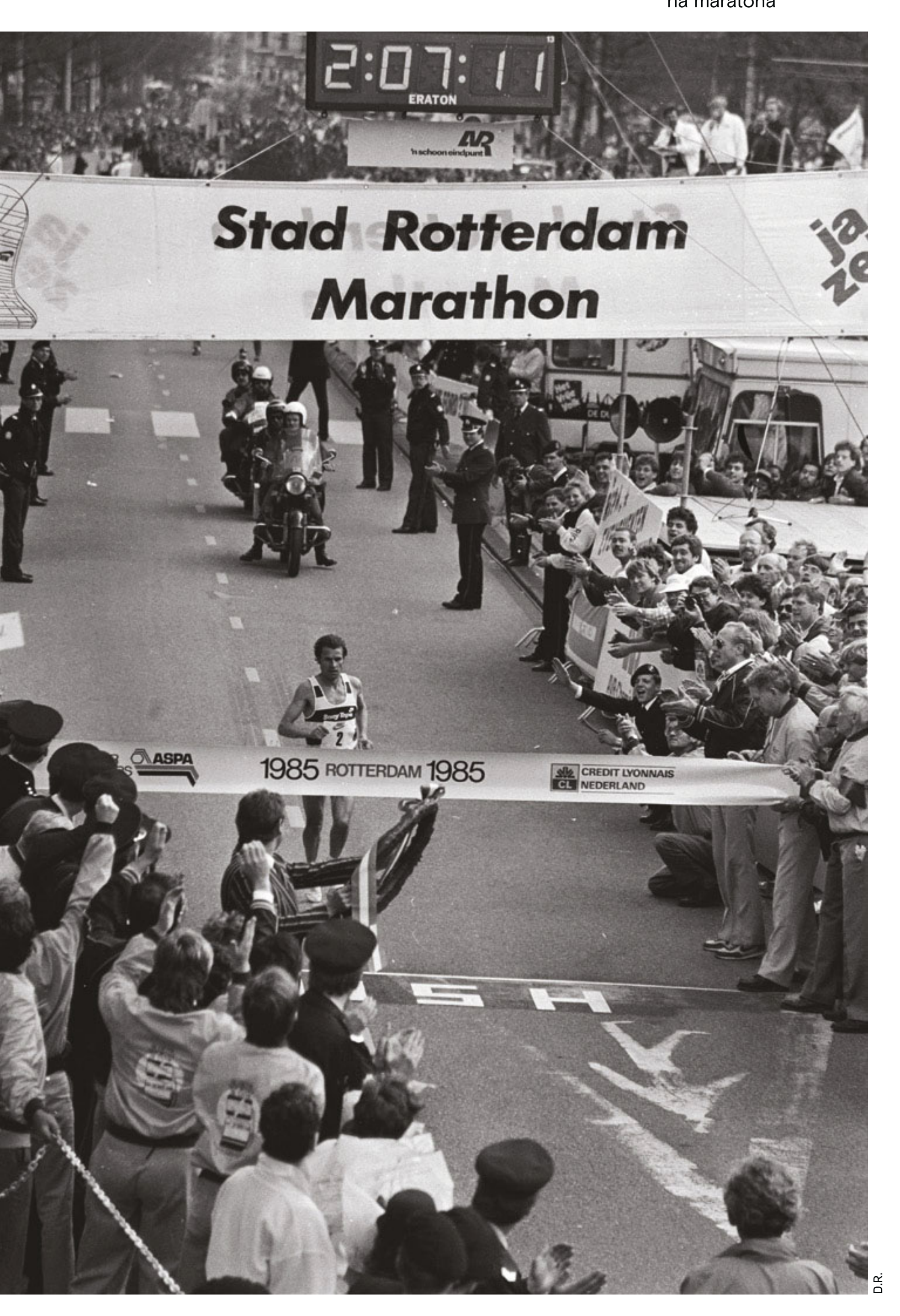
Acreditava que andava para aí uns 20 anos avançado no tempo. Por isso é que fazia, à minha maneira, aquilo que eu achava que precisava de fazer para ser campeão olímpico

Pedir o dinheiro que considerava justo

Depois dos Mundiais de Atletismo de Helsínquia, em 1983, o jornal desportivo francês **L'Équipe** *escreveu que, nessa época, já curado das lesões, Carlos Lopes (como Fernando Mamede), receberia cerca 1500 dólares por cada participação num meeting ou numa prova de corta-mato. Isto, numa época em que, segundo o mesmo jornal, Carl Lewis cobrava entre 15 mil e 20 mil dólares.*

— Coisas que escrevia quem se punha a adivinhar, quem se punha a palpitar… Não, não era verdade que, por essa altura, o meu cachet fosse mais de 10 vezes inferior que o cachet do Carl Lewis. Sempre fui atleta barato para aquilo que fazia, mas 1500 dólares só mesmo nos meus primeiros tempos de receber cachet. Quando comecei a perceber o que outra malta recebia, desatei a fazer finca-pé para que me tratassem como tratavam os outros, a fazer finca-pé para que não me comessem como lorpa. Aliás,

Roterdão O dia, em 1985, em que Lopes juntou ao seu título olímpico a melhor marca de sempre na maratona



D.R.

uma das minhas grandes pegas com o prof. Moniz Pereira foi por isso. Ele ainda achava que não se devia pedir muito, eu achava que se devia pedir o que era justo. Certa vez, querendo eu que pedisse mais, que pedisse o que era justo, vendo-o com medo de exigir o que eu queria, o que eu achava que era justo, disse-lhe: "Ou o professor passa a exigir para mim o que dão aos outros, ou passo eu a decidir essas coisas!" Foi remédio santo – e foi assim que eu passei a ter cachet entre os 5000 e os 7500 dólares para o que não fossem, claro, maratonas. Se não estivesse a minha forma no ponto, eram 5000. Se me sentisse estupendo, eram 7500. E antes de entrar em competição, já tinha a massa no bolso. Os organizadores pagavam-me sempre antecipadamente, porque sabiam que nunca os enganaria, por isso é que tanto podia ser 5000 como podia ser 7500 dólares – o que eu pedia. Pois era: sempre fui honesto com toda a gente, essa seriedade que tinha nisso sempre a tive na vida, ainda hoje é assim.

A maratona do bluff

Quando se estava a resguardar para a maratona nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, que seria em agosto, Carlos Lopes viu-se obrigado a participar, a 14 de abril, na maratona de Roterdão. E isso foi fundamental para conhecer os adversários, numa prova em que puxou por todos e, a poucos quilómetros da meta, optou por desistir.

— Eu não tinha nos meus planos correr qualquer maratona antes dos Jogos Olímpicos. Porém, a um mês da prova, ligou-me o Jos Hermens a dizer-me, muito aflito, que eu tinha de correr Roterdão, que a Nike me queria muito lá. Expliquei-lhe que estava apenas focado em Los Angeles. Tanto insistiu, tanto insistiu, que eu lhe disse: "Está bem, vou, mas só vou com uma condição: colocares lá os melhores africanos." A resposta dele foi: "Tu és louco!" – e eu dei-lhe na mesma moeda: "Se sou louco, deixa-me lá ser louco à minha maneira, que depois verás…" Dos melhores do mundo da maratona, do Salazar ao De Castella, já eu tinha o conhecimento de que precisava, mas dos melhores africanos não tinha – e achei que aquela era a oportunidade exata de testá-los para os Jogos Olímpicos. Passado pouco tempo, o Hermens confirmou-me as presenças da tropa que eu queria e lá fui para Roterdão saber como eles funcionavam. E foi assim que eu passei saber tudo o que queria e ainda não sabia…

Foi em Roterdão que comecei a ganhar a maratona dos Jogos Olímpicos! E, para que não houvesse a mínima dúvida de que fora simplesmente estratégica a minha desistência, logo prometi ao Hermens que, no ano seguinte, estaria de certeza absoluta em Roterdão para fazer o que não tinha feito: correr a sério, do princípio ao fim, sem que precisassem de me pagar mais do que me tinham pago.

Posso, pois, ter perdido muito dinheiro em bónus e prémios nessa desistência de Roterdão, mas ganhei o que não tem preço: a possibilidade de ganhar em Los Angeles. Aquilo que os outros diziam nunca era aquilo que eu pensava, porque eu é que geria aquilo que queria, aquilo que fazia, não era mais ninguém. O que queria e o que não queria, o que fazia e o que não fazia. Desde muito cedo que eu tinha aprendido que mais do que ser para quem gosta, o atletismo é para quem



Los Angeles
O primeiro campeão olímpico português, no lugar mais alto do pódio da maratona de 1984

tem conhecimento daquilo que quer fazer, daquilo que pode fazer, daquilo que precisa de fazer. Eu tinha-o. Por isso pensava que andava mesmo para aí uns 20 anos avançado no tempo. Por isso é que fazia, à minha maneira, aquilo que eu achava que precisava de fazer para ser campeão olímpico.

"Atropelou-me e ainda o livrei de levar grande tareia!"

Foi a 28 de julho de 1984 um dos "grandes sustos" da vida de Carlos Lopes. Era sexta-feira, na madrugada seguinte haveria de fazer-se a abertura dos Jogos de Los Angeles. Nessa manhã, saiu Carlos Lopes de Alvalade para Monsanto para mais um treino, e foi, já no regresso pela Segunda Circular que, após olhar de soslaio para o cronómetro, se viu, de súbito, no que poderia ter sido uma tragédia...

— Levava 36 minutos de corrida e... pum! Assim, de repente, estava no ar, as pernas a subirem, a cabeça para baixo. Por instinto, tentei defender-me, consegui que a cabeça não batesse no alcatrão, fosse a omoplata a suportar aquilo tudo...

Criou-se um mito: que eu, ao erguer-me do alcatrão, a primeira coisa que fiz foi tentar correr e vendo que corria, disse: "Pronto, desta safei-me, e safando-me desta, já ganhei os Jogos Olímpicos, tenho Deus no corpo." Não, não foi bem assim, há um bocadinho de poesia em quem o contou dessa maneira – porque em ganhar os Jogos Olímpicos já eu pensava há semanas, nem sequer o escondia no que dizia cada vez a mais gente... A primeira coisa que eu pensei, ao levantar-me, foi, pois: "Uf, desta já me safei!" E, isso, sim: depois também pensei que se aquilo fosse coisa grave, que me cortasse Los Angeles, seria a maior desilusão da minha vida, uma revolta tremenda – porque eu continuava com a certeza de que ganharia Los Angeles. Ainda me apeteceu, atirar-me ao tipo que me atropelara, mas vendo quem era: o comandante Lobato Faria, um homem do Sporting, eu próprio é que acabei por ter de o defender de tipos que apareceram e o ameaçaram, eu é que tive de o livrar de uma grande tareia.

Três dias depois, já estava a correr outra vez, ainda todo esfolado – e com uma certeza: que mesmo que tivesse partido o braço, correria a maratona de Los Angeles de braço partido. Aliás, ainda foi esfolado da queda que a corri...

Quem era, afinal, o treinador para a maratona?

Correndo à boca pequena que Moniz Pereira era "cada vez menos seu treinador", o que Carlos Lopes mostrava era outra coisa: que os campeões não são apenas aqueles que fogem dos problemas ou azares, são também (ou se calhar sobretudo) aqueles que sabem descobrir por si próprios que nenhum dos caminhos que levam à imortalidade é uma linha reta, aqueles que têm capacidade para encontrar (com a sua argúcia) soluções que mais ninguém está a ver, aqueles que têm o génio para inventar (com a sua esperteza) trilhos que ainda estavam por achar...

— Grande parte da preparação para a maratona dos Jogos, fi-la entre a Malveira e a Coutada, por caminhos quase sem bermas. O percurso era muito idêntico ao que teria em Los Angeles e, para treinar os 36 graus e os 80% de humidade que me esperavam, começava a correr às 11 e tal da manhã para acabar perto das duas tarde. Tinha a minha mulher e o meu cunhado, de cinco em cinco quilómetros com os abastecimentos postos em cima do capot do carro – ou, então, mais à frente, de forma a apanhar água com a mão. Treinei todas essas coisas ao pormenor, por minha iniciativa e sensibilidade, líquido que utilizava, o XL1, que eu comprava e adaptava. De Torres Vedras à minha casa na Coutada, eram 10 quilómetros certinhos. Era sagrado: teria de fazê-los em 29 minutos, por julgar que para ganhar Los Angeles teria de fazer os últimos 10 quilómetros em 29 minutos – e fazendo, como fiz, os últimos cinco em 14.30 foi aí que eu comecei a deitar a mão ao ouro...

Comigo a preparar a maratona entre a Malveira e a Coutada, o prof. Moniz Pereira só era responsável pelas séries na pista. Toda a gente sabia que era homem que não gostava muito da maratona. Mas vou ser claro: em parte tinha muita razão. Porque nunca ninguém por cá se tinha preparado verdadeiramente para ser campeão olímpico da maratona e eu fi-lo, com o meu suor, com os meus feelings... Achava-se que era coisa de loucos, fiz tudo para provar que a maratona não era coisa só para loucos, era prova que tinha prestígio e dimensão muito além daquilo que certas pessoas queriam que fosse ou julgavam que fosse. Não, o prof. Moniz Pereira não me dizia, nunca me disse: "Hoje fazes uma hora e meia de manhã e mais uma hora e meia à tarde – ou coisa assim." Eu é que, por autorrecreação e por já ter todo o conhecimento necessário do que era preciso para preparar bem uma maratona, traba-

> **Nunca ninguém por cá se tinha preparado verdadeiramente para ser campeão olímpico da maratona e eu fi-lo, com o meu suor, com os meus feelings**



D.R.

lhava a quilometragem que eu sentia que precisava de ter nas pernas, a um ritmo sempre bastante elevado. Por isso é que a corrida contínua era eu que decidia o que teria de ser e era como eu queria que fosse. Menos séries, mais quilómetros. Não, não andava sozinho por ninguém mais me aguentar aqueles ritmos, andava sozinho para ter a liberdade de correr como eu queria. E foi assim que, nos 11 meses de preparação para a maratona eu fiz 12 mil quilómetros.

A confiança que o levou à glória olímpica

O que faz um campeão (daqueles que assim se tornam imortais) não é apenas o seu carisma – ou o fascínio que nos outros exerce a sua presença, a confiança que arrasta os seus adversários à dúvida, intimidados. O que faz um campeão (daqueles que assim se tornam imortais) é a personalidade que não deixa que aves de maus agoiros se ponham a bailar dentro da sua cabeça. E isso, tudo isso, logo sentiu a Teresa no Carlos, durante a noite da véspera da maratona nos Jogos Olímpicos de Los Angeles.

— Parecia que era a Teresa que ia correr a maratona, horas antes já ela estava com uma ansiedade, uma inquietação, que, Santo Deus… E eu, ali, como se nada fosse. Não, nem por uma vez senti medo. Aliás, 15 minutos antes do tiro de partida, tinha 46 pulsações por minuto. Ao medir-me o pulso, o professor Moniz Pereira ficou de boca aberta e disse para a Teresa: Como é que isto é possível? Nós aqui numa pilha de nervos e este gajo parece que está aqui como se fosse para uma festarola, para não dizer que parece morto… Dentro da minha cabeça só havia uma ideia: a de que não tinha de me preocupar com nada antes dos 37 quilómetros. E que, a partir daí, sim: era dar-lhe forte e feio.

Era 12 de agosto de 1984. Em Los Angeles, 17 horas de domingo, em Portugal já uma da manhã de 13.

— Toda a gente me diz isso, ainda agora: que pareceu fácil, muito fácil. E de facto foi, porque eu ia com tudo estudado, pensado, imaginado e eles foram caindo, um após outro. Primeiro o Salazar, depois o De Castella e o Seko. Por volta dos 35 quilómetros, já só havia quatro na frente, gente a mais para três medalhas. O Nzau atrasara-se, recompôs-se e estava a querer voltar – e foi aí que eu tive de lhe cortar as esperanças de vez: apertei e acabou-se o Nzau. Ficaram o Spedding e o Tracy. Não era de fiar ir com eles até ao fim, a medalha estava certa, mas era preciso ir buscar a melhor das três – e, por isso, aos 38 quilómetros, fui-me embora…

Nunca mais o esquecerei: cortei a meta e afirmei num clamor: "Fogooooo! Esta já ninguém ma tira!" Aliás, não foi bem fogooooo que eu disse, foi outra palavra, palavra parecida que não posso repetir num livro! Continuei a correr, dei volta à pista a acelerar, a volta que gostaria de ter dado com a Teresa, se ela tivesse conseguido chegar à minha beira, a tempo. Estava assim, sem que o cansaço me tivesse estoirado porque, na verdade, não tinha sido preciso ir aos limites, não tinha sido preciso dar tudo de mim até à ponta dos cabelos – e, quando já tinha a Teresa à minha beira, ainda me saltou à ideia fazer, então, mais uma volta de honra, com ela. Não a fiz por respeito. Vendo os meus adversários a chegar, a caírem, a atirarem-se para o chão, o Spedding, o Tracy, os outros todos, ainda mais arrebentados, não tive coragem de pôr-me a correr mais, a correr outra vez. Aí foi o meu lado humano que me venceu, o respeito pelos outros, coisas que aprendi cedo, e que comigo morrerão. E, parado no tartan, pus-me a viver sozinho sentimentos que só pertencem a quem os vive. Só eu sabia o que tinha sido a minha vida para vencer aquela maratona, só eu sabia o que tinha sido a minha vida para chegar ali.

Mantive-me recordista olímpico durante 24 anos, nenhum recorde olímpico durou tanto tempo. Tinha uma mentalidade forte, tinha classe como atleta, mas não era só isso: treinara muito. Nesse ano, fiz 12 mil quilómetros, uma média de 36 quilómetros por dia. E não era só atleta, continuava funcionário do Banco Português do Atlântico e, no fundo, quase que poderia dizer que só fui a Los Angeles porque o engenheiro Jardim Gonçalves não deixou que eu faltasse a momento tão grande. Sim: podia ter faltado porque, no dia da minha partida, ainda nem sequer tinha chegado o pedido oficial para a minha dispensa. Pois, era assim nesse tempo e, por ser assim, também quando eu não era dispensado do trabalho tinha de acordar às 6 da manhã para fazer o primeiro treino do dia. Tirando aqueles períodos especiais de dispensa, trabalhava entre as 13 e as 16 ou 16 e 30 – e voltava à estrada, à pista. V

visao@visao.pt

ÂNGELO MELO
DE CAMPONÊS A LEITOR DE PRÉMIOS NOBEL

Cultivou mais os campos verdes do Sudeste micaelense do que o espírito na escola. Emigrou para uma ilha paradisíaca e trabalhou sem parar. Não foi sempre um grande leitor, mas hoje tem as estantes cheias de vencedores do Prémio Nobel, o motivo de maior orgulho

— **POR RUI COUCEIRO** TEXTO **NUNO FRANÇA** FOTOS

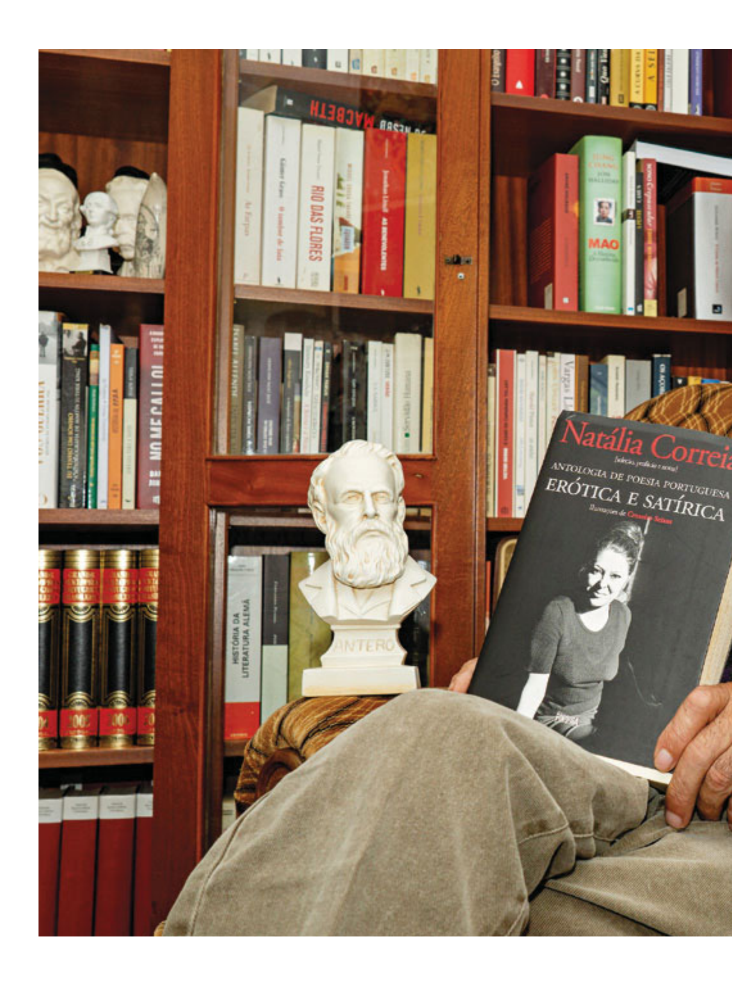


* Editor da Contraponto e escritor. Lançou, em 2022, o seu primeiro romance *Baiôa Sem Data para Morrer.* O segundo livro, *Morro da Pena Ventosa*, chegou este ano


Jonathan Franzen
LIBERDADE
Jonathan Franzen LIBERDADE

Ainda hoje pensa que é de baixa estatura por não lhe terem dado tempo para crescer. Da infância, passou diretamente à idade adulta. Recorda sem saudade a própria figura, imberbe, encolhida sob a chuva, lavrando terras com um arado de madeira, puxado por duas vacas. Tinha oito anos quando o pai emigrou e já era militar, com dezanove, quando este regressou. Cresceu só com a mãe, a quem diz dever muito, apesar de a recordar áspera, como todas as pessoas naqueles tempos difíceis, numa pequena aldeia do sudeste de São Miguel, nos Açores. Ali, garante Ângelo Melo, enquanto atira o olhar sobre o casario, praticamente ninguém cantava riqueza.

Quando, de carro, me aproximo da Povoação, sede do concelho com o mesmo nome, tenho a impressão de se tratar de uma localidade tombada de um penhasco, ou que deslizou dele com vontade de partir mar afora. Lá em baixo, na parte Sul, banhados pelas ondas que trouxeram o navegador Gonçalo Velho Cabral, veem-se os edifícios da Câmara Municipal, do antigo tribunal, do pavilhão multiúsos, um hotel que lembra um farol, debruçado sobre uma pequena marina, tudo em branco caiado, a contrastar somente com as pedras de basalto que abraçam portas e janelas. Começo a poucos metros dali a conversa com aquele homem de 70 anos, defronte da Biblioteca Pública, instalada em edifício contíguo à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a que chamam Igreja dos Povoadores, a primeira da ilha, erguida em 1500, e que já albergou os Paços do Concelho. Tem a porta virada para o Atlântico e para as pequenas piscinas ao ar livre, onde – apesar dos catorze graus – nadam dois casais estrangeiros. Mesmo ao lado, um restaurante que foi um antigo forno de cal acende o lume para o almoço. Passa um ou outro carro e, fora isso, alheados dos afazeres dos humanos, ouvem-se apenas os pássaros nas árvores encanteiradas. Ângelo Melo, gasolineiro reformado, logo começa a falar-me da maior de todas as paixões e razão do nosso encontro: os livros. Dias antes, devolvera uma dúzia à biblioteca que nos olha. A leitura, explica, tornou-se coisa séria na idade adulta; antes disso, o campo não dava descanso e o desejo maior do pai era vê-lo fora da escola, para ter quem o ajudasse a criar uma lavoura de gado. A mãe também não via outro remédio e disse-o ao professor Ernesto da Mota Teves, um homem de muito brio e exigência, que se limitou a declarar ser pena ficar para trás quem deveria ir para a frente. Por isso, Ângelo não teve um banco de escola longo, lamenta. Com os colegas que também foram aprovados, fez uma festa quando terminou a quarta classe. Juntaram uns ferrinhos, dinheiro dado pelos pais, e alugaram um táxi com o qual correram a aldeia – andar de automóvel não só era coisa rara, como motivo de vaidade. E não perder nenhum ano era uma vitória, assim como ter adquirido o saber elementar e posto fim ao sacrifício do estudo. Estava ainda por entender, explica, enquanto ajeita o boné preto sobre o cabelo grisalho, que os livros são os melhores amigos que podemos ter e que aprender é um caminho para uma vida melhor. Foi por isso que, mais tarde, fez questão de voltar à escola, para terminar o liceu, objetivo que a vida não lhe permitiu cumprir, pela urgência de alimentar várias bocas. Mas recorda com orgulho que fez os dois anos do ciclo preparatório num só, com boas notas, entre as quais destaca, com um sorriso contido, um 17 a Português e um 18 a História. E remata: nessa altura, já tinha percebido que a leitura nos ajuda a entender o mundo e a ver a dimensão da nossa nudez, da nossa simplicidade.



O 25 DE ABRIL E UM TRATOR, AS BERMUDAS E UM CANUDO

Pouco mais de um ano antes deste encontro, um homem que eu nunca vira estendera-me a mão, num evento da livraria Bertrand de Ponta Delgada, dizendo: o doutor Onésimo Teotónio Almeida mandou-me ao seu encontro, chamo-me Ângelo Melo. Cumprimentámo-nos, conversámos um pouco a propósito do livro que então se apresentava, bem como sobre a amizade e admiração que unia ambos ao escritor, filósofo e professor que, à distância, nos juntara e de quem eu receberia um email no dia seguinte, a perguntar-me se um tal Ângelo Melo (a quem, numa crónica que me enviava em anexo, publicada na revista *LER*, chamava o gasolineiro de devorador de clássicos) comparecera no lançamento. Nasceu desse diálogo atlântico – Onésimo dá aulas há 52 anos na Brown University, nos Estados Unidos – a minha vontade de saber mais sobre o homem que inesperadamente se me apresentara, o tal gasolineiro adepto da melhor literatura, e de tentar perceber como é que da miséria da lavoura micaelense nascera um grande leitor.

“A leitura ajuda-nos a entender o mundo e a ver a dimensão da nossa nudez, da nossa simplicidade”



Leitor orgulhoso As estantes, feitas por medida, recebem os visitantes da casa de Ângelo, com os livros bem organizados

Sob o sol gentil da primavera seguinte, aproximamo-nos do posto de combustível, ouvindo o correr das águas do ribeiro. Ali, Ângelo Melo trabalhou um quarto de século; antes, distribuíra pão nas Furnas, depois de ter voltado à terra natal, após vários anos emigrado nas Bermudas. Mas já iremos a essas outras ilhas do mesmo oceano. De momento, fiquemo-nos por estas, a fim de preenchermos o espaço que subsiste em branco entre a juventude e a emigração. Tinha 20 anos quando se deu o 25 de Abril. Como é que viveu a revolução?, começo por perguntar. O 25 de Abril não nos disse nada, porque isto era um santuário de Salazar e do regime. Havia três ou quatro pessoas que dominavam isto e não se podia dizer nada. Lembro-me de que, nesse dia, às duas da tarde, apareceu um senhor nas pastagens que me disse: ai, que desgraça que vai em Lisboa, está a acontecer uma guerra, prenderam o Marcelo Caetano! De seguida volta a compor o boné e acrescenta: o homem não imaginava que aquele era o dia mais glorioso da nossa história, era a Liberdade. Tanto assim era, que, uns dias depois, percebendo já o que estava a nascer, Ângelo Melo e uns amigos picharam a placa de uma rua que ostentava o nome de um visconde local. Queriam substituí-lo por 25 de Abril, para que na pedra se lesse rua 25 de Abril. Não se lembra como, nessa noite, terminou a missão revolucionária, mas sabe que, no dia seguinte, toda a gente adivinhava quem havia cometido o delito e os descendentes do visconde queriam linchá-los. Felizmente, diz, não deu em nada.

Aquando do 25 de Novembro, o País parecia-lhe um barco sem leme. Veio nessa altura a tropa, na Trafaria, concelho de Almada. Foi a primeira ida de Ângelo Melo ao continente, logo para 22 meses de serviço militar, quase todos passados no Batalhão de Reconhecimento de Transmissões, mas também, mais tarde, no Quartel-General de Ponta Delgada. Ainda sabe de cor o número mecanográfico: 015920/75. Desse tempo, recorda com nitidez o momento em que viu o capitão Salgueiro Maia, numa parada, com o livro do general Spínola, Portugal e o Futuro, debaixo do braço. Ainda tentou ir a sargento, mas viu-se impedido: era preciso ter uma altura mínima de 1,60 m e o jovem Ângelo não fora além de 1,57 m. Ainda assim, aqueles foram meses que valeram pela experiência de vida e pela carta de condução. Foi como militar que se fez motorista de pesados e, com a prática adquirida, não hesitou muito, em 1977, findo esse serviço, em endividar-se em 750 contos para regressar ao trabalho no campo como deveria ser: montado num trator. Manobrou-o nas terras férteis da Povoação durante três anos e pouco, até que casou e, ansiando por uma vida melhor, assinou um contrato-promessa para trabalhar nas Bermudas e vendeu o trator. Mas a coisa demorou a dar-se e, entretanto, sem trator, teve de se empregar numa empresa de construção de estradas, como manobrador de máquinas, primeiro, e como empregado de escritório, depois. Ainda esteve uns meses num armazém de bens alimentares e só depois conseguiu concretizar o desejo: a 27 de abril de 1981, já com uma filha de dez meses, partiu enfim para as Bermudas, com um nó na garganta e outro no coração – é que emigrar não é apenas ir atrás de uma vida melhor; os dias longe de quem se ama, explica, são lanças que nos cortam sem vermos as feridas. À chegada, sentiu tanto calor que quis arrancar a roupa ali mesmo. Sentiu-se mal, mas foi confortado pelo padrinho de crisma: toma calma, que ainda estamos em abril e muito pior está para vir, isto aqui é para homens. Dito isto, Ângelo Melo retirou o olhar do horizonte, conduziu-o até mim e acrescentou: faz lembrar aquela frase de Alves Redol, em *Constantino, Guardador de Vacas e de Sonhos* – um homem nunca chora, mesmo que veja as tripas doutro na mão.

Naquele arquipélago, porém, encontraria ânimo suficiente para aplacar a dor: a promessa de uma vida melhor, comprovada por incontáveis casos entre uma comunidade de cerca de dez mil portugueses, grande parte açorianos, que a todo o momento com ele partilhavam testemunhos de prosperidade, que iam da exibição dos carros que ali conduziam à descrição das casas que erguiam em Portugal. Também para Ângelo Melo, desse por onde desse, aquelas ilhas ricas representariam o garante do sonho maior: o de fazer uma casa para a família na sua ilha pobre. E, com a miragem do dinheiro diante dos olhos, ali viveu quase dez anos. Começou por trabalhar numa guest house e, mais tarde, no hotel Flamingo Beach, onde se sentiu tratado como um filho. Aprendeu inglês, primeiro escutando cassetes e lendo um pequeno livro, depois tirando um curso no Bermuda College, com a simpática e dedicada professora Anderson. Mas o que recorda com maior orgulho é o curso de eletricista. Lembra-se bem da receção de que foi alvo por boa parte dos vinte e cinco colegas: what wants portuguese here? Nas Bermudas, explica, os portugueses só tinham direito a trabalhar nas cozinhas e nos jardins. Alguns, poucos, empregavam-se na construção civil, como trolhas ou serventes. Nunca como eletricistas. Então, o jovem Ângelo mordeu a língua e jurou a ele mesmo dar o máximo; poderia ficar pelo caminho, mas, se tal acontecesse, muitos deles iriam ficar também. Ao professor, o engenheiro John Leonard Malloy, não passaram despercebidos o esforço e o potencial do aluno. Foi um dos dez que terminaram o curso, que lhe valeu emprego numa

> **Visita regular** A biblioteca pública continua a ser um lugar de veraneio para este açoriano amante da literatura



empresa de canalizadores e eletricistas. Ainda tenho o diploma, diz, fitando de novo o Oceano, com um sorriso no rosto moreno e sulcado.

A EXPLOSÃO DA LEITURA

Alimenta aquele mar a ribeira do Além, que junta as águas de várias outras, como a dos Bispos, a da Lomba Grande, a da Madeira Nova, a da Madeira Velha, a dos Silvados, entre mais algumas de menor caudal. Já não transborda como no passado, altura em que chegou a destruir por completo a bomba de gasolina em que Ângelo Melo trabalhava. Depois de reconstruída, o que demorou mais de um ano, não havia clientes e o homem com o qual converso sentia-se mal por passar os dias à espera de ninguém, sem nada para fazer. Decidiu então emigrar de novo, dessa feita para o Canadá, para de novo trabalhar na construção civil, fazendo passeios. Mas não aguentou mais de quatro meses e decidiu regressar aos Açores. Ainda tomou conta de gado durante trinta e três dias, para subsistir, até que retomou o lugar no posto de combustível, de olhos postos da ribeira que o margina, como um guarda-rios. Foi nessa altura que se deu a explosão da leitura na vida de Ângelo Melo. Sempre gostei de ler e sempre tive respeito pelos livros, mas nas Bermudas não tinha tempo nem ânimo, confessa. Quando cheguei, foi diferente. Lia todos os dias e ao fim de semana. Para ele, o livro tem sempre mais do que um sentido, mas o que o motiva mais é sempre ir atrás de uma boa história. É claro, ressalva, que o livro também nos desperta e nos faz ver o meio envolvente, como tão bem consegue Zola, que desenterra muita coisa e nos dá tudo a entender. Para Ângelo Melo, e antes de dizer isto ensaia um ar solene, os livros devem dizer-nos o que precisamos de ouvir e nunca aquilo que gostaríamos de ouvir. De seguida, dá exemplos de autores que, no seu entender, o fazem melhor do que ninguém: José Saramago, Günter Grass, John Steinbeck, Sinclair Lewis. Reparo que referiu apenas escritores distinguidos com o Prémio Nobel e pergunto-lhe porquê. Há uns anos, lancei a mim próprio o desafio de ler todos os vencedores do Nobel, por achar que ali estava a melhor literatura. Explica-me que nunca teve quem lhe dissesse o que deveria ou não ler e que por isso encontrou no maior dos prémios o mais fiável dos conselheiros. Há uns de se lhe tirar o chapéu, mas outros, talvez por ignorância minha, e ao dizer isto baixa o tom de voz, não achei tão interessantes. Até posso confessar que li autores que não venceram o Nobel e que achei melhores do que muitos dos distinguidos. Pergunto-lhe quais e fala-me de imediato de Jorge Luis Borges, exemplo comum quando o assunto é este, para logo depois voltar a realçar alguns dos premiados que mais lhe agradaram: Pablo Neruda, Naguib Mahfouz, Nadine Gordimer, ou Miguel Ángel Asturias, preferência na qual coincidimos e em cujo debate nos demoramos um pouco mais. A dada altura, refere, triunfante: já li os quatro cantos do mundo.

Sem prestarmos atenção aos clientes que, ali ao lado, vão abastecendo os depósitos dos respetivos automóveis, e enquanto o vento tapa e destapa o sol com as nuvens, conta-me que, entre os portugueses, Eça é o favorito. Considera-o o verdadeiro escultor – ou ourives, precisa – da nossa língua. E possuidor de um excelente humor. Além dos romances, acha que todos portugueses deveriam ler *As Farpas*, projeto que partilhou com Ramalho Ortigão. Também gosta de Ferreira de Castro e de Alves Redol, refere, antes de cruzarmos a fronteira e nos pormos a falar de outro Nobel que nos une: o espanhol Camilo José Cela. Entre os italianos, gostou muito de Grazia Deledda, a segunda mulher a receber o galardão da Academia Sueca, em 1926, depois de Selma Lagerlöf. E entre os franceses? Apesar de gostar de Zola, Victor Hugo é o meu ídolo francês. Tive a felicidade de ler bons livros, sabe? A palavra é mesmo essa: felicidade. Hoje, leio menos, porque vejo pior, e tenho pena. Mas já li muita coisa. E dividi sempre o tempo entre prosa e poesia. Os meus poetas favoritos são Antero de Quental, adoro Antero, mas também Eugénio de Andrade, Pablo Neruda, Jorge Luis Borges, Natália Correia… também gosto de José Régio, António Nobre, José Fanha, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena… Depois, faz um momento de silêncio, até que, de repente, pergunta: E já lhe disse que gosto muito de Antero?

SANTO ANTERO E OS BUSTOS DO OLX

Gosto mesmo muito de Antero, reitera, antes de endireitar as costas e começar a dizer um poema de autoria do grande escritor e poeta micaelense: *À Virgem Santíssima*. Quando termina, revela que sabe muita poesia de cor e que gosta de a dizer em voz alta. Tanto quanto aprecia ir à internet assistir a vídeos protagonizados pelos especialistas que mais admira:

“É pena os professores já não serem valorizados, porque são pessoas que nos marcam e estudar é um privilégio”



Aurelino Costa, Mário Viegas e Pedro Lamares – refere-os por esta ordem. Desafio-o a dizer mais alguns poemas e peço-lhe autorização para filmar. Enquanto escrevo estas linhas, ouço Bocage na voz do antigo gasolineiro povoacense. Mas o meu favorito, diz, é mesmo Antero… está a ver aquela casa ali? E aponta para uma casa baixa, branca e modesta, em frente ao posto de combustível. Indica-me depois uma portinhola de vidro, a meio da parede, ao lado da porta da habitação, explicando que é o lugar destinado ao contador da eletricidade, mas que os serviços competentes nunca o instalaram lá. Ficou, portanto, vazio. Vai daí, há uns anos, Ângelo Melo abordou a proprietária da casa, uma velhinha, e perguntou-lhe se o autorizava a colocar lá um santinho. Pensando, talvez, na proteção que lhe daria, a senhora disse gostar da ideia e entregou a chave da portinhola a Ângelo Melo. Mas, quando a abriu, o então gasolineiro não colocou no nicho nenhum santo canónico, mas sim um busto de Antero de Quental. Ainda lá ficou alguns três anos, disse, rindo-se como se riem as crianças quando fazem travessuras.

Tenho muitos bustos de escritores, conta-me de seguida, antes de me convidar a ir a casa dele vê-los. Metemo-nos no carro e subimos a ladeira. Mora com a mulher numa casa boa, construída à custa de quase uma década de trabalho nas Bermudas, com jardim na frente, garagem num dos lados e um terreno amplo nas traseiras, de cuja varanda se encara uma vista formidável sobre um vale verdejante, com o mar ao fundo. Mal se entra em casa, dá-se com o orgulho maior de Ângelo Melo: os livros que, ao longo da vida, foi adquirindo, bem organizados nas estantes cujo desenho copiou de uma revista e encomendou a um parente marceneiro. Mas nelas exibe também os já referidos bustos: dois de Antero, um de Eça, outro de Pessoa, um de Júlio Dinis, outro de Guerra Junqueiro, para além de várias medalhas, uma das quais de bronze, do seu querido Victor Hugo. Também tem bustos de Mozart e de Chopin. Quase

“Ler é um gesto incomum, que devia ser mais comum, sobretudo entre os jovens…”

todos aqueles objetos, explica-me então, foram adquiridos online. A internet, que mora numa pequena secretária instalada na cozinha, é, desde 2005, outra das melhores amigas do grande leitor da Povoação. Gosto de procurar estes objetos no OLX, explica, referindo-se a um site de compras e vendas, e tomando os bustos e as medalhas nas mãos, para mos mostrar. Gosto de descobrir coisas, dá-me prazer. E gosto de viajar na internet, porque não tenho outros meios. Conta-me depois que esteve no continente pela última vez há 30 anos, porque a mulher teve de ser tratada nos hospitais da Universidade de Coimbra. Aproveitou para ir conhecer a Universidade, esteve no Paço das Escolas e, arregalando os olhos, diz-me: achei aquilo um esplendor. Aliás, qualquer casa de ensino é para mim um santuário. E os professores?, pergunto, por ter percebido que fala sempre deles com admiração. Um professor é uma figura que, quando os nossos pais lhe nos entregam, entra na nossa família, porque faz o que os pais não sabem nem podem fazer. É pena os professores já não serem valorizados, porque são pessoas que nos marcam e estudar é um privilégio. Eu sou amante da Geografia e da História e aprendo na internet. Há uns tempos, descobri o rio Dueça, em Miranda do Corvo, e gostei de o conhecer. Só anda oito quilómetros e encontra-se com o Ceira. Ângelo Melo começa, então, a partilhar estes e outros conhecimentos recentes, relativos às mais variadas regiões do País, de Trás-os-Montes às Beiras, passando pelo Alentejo. De repente, vejo-me sabedor das coisas mais improváveis, como a razão de ser dos nomes das antigas freguesias de Santa Vitória do Ameixial e São Bento do Ameixial, em Estremoz.

Procuro, então, devolver às estantes a atenção do meu anfitrião. Destaco, à medida que os meus olhos os identificam: Mario Vargas Llosa, Elfriede Jelinek, Amin Maalouf, Orhan Pamuk, António Lobo Antunes, Svetlana Alexievich, Abdulrazak Gurnah, William Faulkner, Ivo Andric, Imre Kertész, J. M. Coetzee, Yasunari Kawabata, Italo Calvino, Rabindranath Tagore, Boris Pasternak, Lev Tolstoi, Jonathan Franzen, João Guimarães Rosa, um *Dom Quixote* em edição recente, e também coisas menos prováveis, como uma *História da Literatura Alemã*, entre enciclopédias várias, publicadas pelo Círculo de Leitores, mas não só. Ângelo Melo entusiasma-se e, de tempos a tempos, enquanto conversamos, pega num volume, mostra-mo e diz: este livro é lindo! Minutos depois, confessa sentir-se contente porque a filha mais moça, quando vem de Ponta Delgada cá acima, também gosta de visitar as estantes. Sabe que cuidará bem delas e dos livros a que dão abrigo, quando ele já não estiver cá. Ficarão bem entregues, conclui, sorrindo ao de leve. O próprio Ângelo Melo gosta de as visitar todos os dias, mesmo que não leia nada. Concordamos, sorrindo, que os livros alimentam só de os vermos. Estou quase de saída quando me diz: ler é um gosto incomum, que devia ser mais comum, sobretudo entre os jovens… se eles soubessem que nos livros está o futuro deles, amá-los-iam com toda a força. V visao@visao.pt

AMBIENTE

COMO O CLIMA NOS PÕE DOENTES

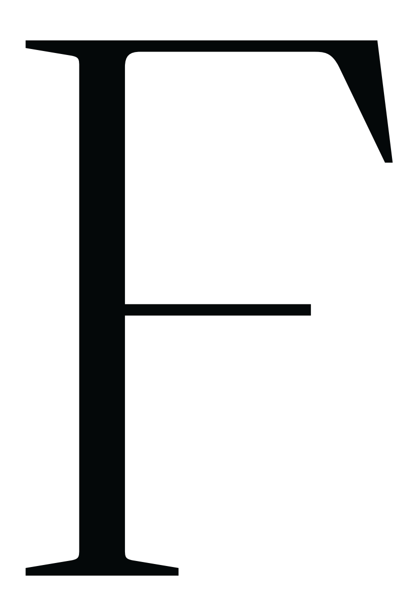
Portugal é dos países da União Europeia onde mais se morre devido ao calor, embora a taxa de mortalidade esteja a disparar por todo o lado. As temperaturas extremas dão trabalho extra ao coração, mas há outras maleitas trazidas pelas alterações climáticas

— POR SÓNIA CALHEIROS





DREAMSTIME





Falar do tempo não é só um bom desbloqueador de conversa. Falar do tempo, principalmente das condições ambientais adversas, seja das temperaturas elevadas que batem todos os recordes ou dos eventos climáticos mais intensos e mais frequentes, poderá estar no cerne de questões ligadas à saúde. Ou pior, à doença e à morte.

Entre 22 de julho e 4 de agosto morreram mais 700 pessoas do que o esperado para a época. Segundo a Direção-Geral da Saúde, o aumento foi de 19% em relação ao ano passado. As doenças do clima também são uma causa do excesso de mortalidade registado na União Europeia.

"Em maio de 2024, dos 27 Estados-membros, 15 apresentaram excesso de mortalidade. Destes, Malta, Países Baixos, Irlanda, Portugal e Áustria apresentaram os valores mais elevados de excesso de mortalidade", destaca o boletim *Estatísticas Vitais*, recém-divulgado pelo Instituto Nacional de Estatística.

Em abril, uma decisão judicial inédita veio corroborar o que muitos já sentem na pele. O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, em Estrasburgo, França, deu razão a Rosmarie Wyder-Walti e Anne Mahrer, membros e representantes da organização KlimaSeniorinnen Schweiz (Associação Suíça de Mulheres Idosas para o Clima), na ação interposta contra o governo da Suíça por inação climática. O país culpado tem de tornar o combate às alterações climáticas mais eficaz, garantindo, por exemplo, que limita a emissão de gases com efeito de estufa, pelo menos, até 2030.

As Avós do Clima, como ficaram conhecidas, apoiadas pela organização ambientalista Greenpeace, representam mais de 2 500 mulheres, com 64 anos e mais, que consideraram que o governo do país onde moram não faz o suficiente para travar as alterações climáticas, deixando-as bastante suscetíveis a doenças relacionadas com o calor. Quatro senhoras relataram sofrer doenças cardíacas e respiratórias que as colocam em risco de morte em dias muito quentes. Outros membros do grupo falaram da luta que travam contra fadiga, tonturas e outros sintomas devido ao calor extremo.

Além de basearem a queixa no artigo 8º da Convenção Europeia dos Direitos do Homem, que diz que "qualquer pessoa tem direito ao respeito da sua vida privada e familiar", as Avós do Clima também alegaram o artigo 2º, "o direito de qualquer pessoa à vida é protegido pela lei".

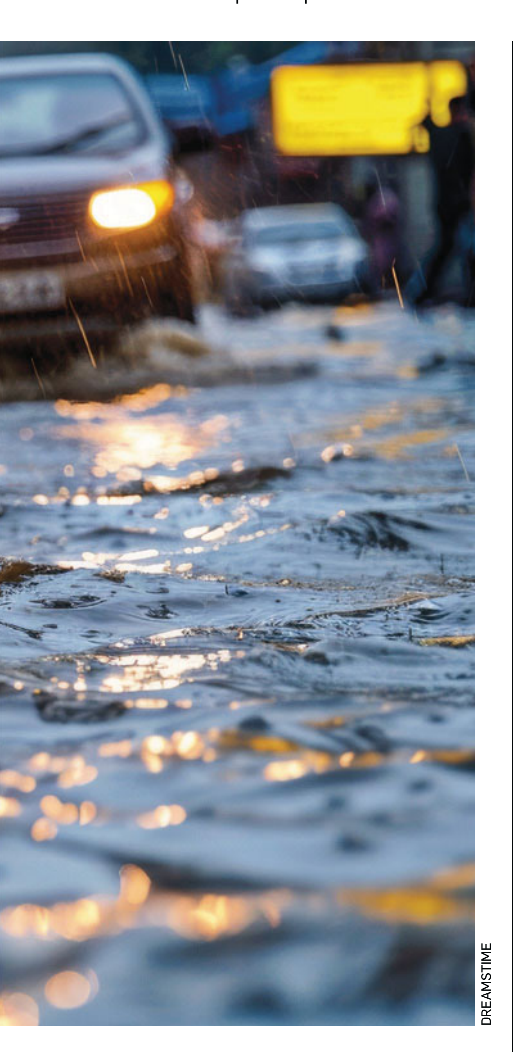
1,5ºC É MUITO

Os efeitos nefastos das alterações climáticas na saúde humana não atingem apenas quem trabalha ao ar livre, exposto ao sol e ao calor, nem quem sofre um golpe de calor único – incidem sobretudo nos mais vulneráveis, como os mais velhos, com e sem doenças crónicas, com doenças respiratórias, diabetes, hipertensão ou outros problemas cardiovasculares.

Em causa está a menor e mais lenta capacidade de reação a uma sobrecarga cardiovascular adicional provocada por temperaturas altas, por exemplo, com ondas de calor "cinco a seis vezes mais intensas, a durarem mais tempo, entre nove e 17 dias", explica Pedro Garrett, especialista em alterações climáticas, na antena televisiva.

"A poluição do ar, resultante primordialmente da utilização de combustíveis fósseis, é uma fonte crítica de gases com efeito de estufa e de partículas finas perigosas, incluindo PM 2.5 que, após inalação e translocação sanguínea, podem potenciar inflamação sistémica e um aumento das doenças cardiovasculares, que são as principais causas de morte globalmente. A exposição continuada a essa poluição está associada a mais de 3,5 milhões de mortes no mundo", alerta Daniel Caldeira, professor da Faculdade

Soluções É necessário melhorar o planeamento urbano, criando mais espaços verdes e melhores transportes públicos



DREAMSTIME

As alterações nos padrões de precipitação e na temperatura da água costeira podem afetar a propagação de doenças transmitidas pela água, como a E. coli

de Medicina da Universidade de Lisboa e assistente hospitalar no Hospital Universitário de Santa Maria.

Este ano tem estado a bater todos os recordes, mas o problema já vem detrás. Em 2023, 47 690 pessoas na Europa morreram em consequência do calor, o ano mais quente já registado a nível mundial e o segundo mais quente na Europa, segundo um estudo liderado pelo Instituto de Saúde Global de Barcelona (ISGlobal) e publicado na *Nature Medicine*.

A análise usou os registos de óbitos de 35 países, fornecidos pelo Eurostat, gabinete de estatísticas da União Europeia, e representando cerca de 543 milhões de europeus. Das 47 690 mortes registadas, um total de 47 312 terá ocorrido no período mais quente do ano, entre 29 de maio e 1 de outubro.

São os países do Sul da Europa os que registam taxas de mortalidade mais elevadas: Portugal com 136 mortes por milhão de habitantes, depois da Grécia (393 mortes por milhão), da Bulgária (229 mortes por milhão), de Itália (209 mortes por milhão), de Espanha (175 mortes por milhão) e do Chipre (167 mortes por milhão).

Segundo Joan Ballester, investigador do ISGlobal e coautor do estudo, quase metade dos dias de 2023 ultrapassaram o limite de 1,5ºC estabelecido pelo Acordo de Paris e as projeções climáticas indicam que esse limite será provavelmente excedido antes de 2027.

Restam apenas três anos, pouco mais de mil dias, para pôr em prática algumas das soluções há muito encontradas, como reduzir ou mesmo acabar com a dependência de combustíveis fósseis, investir em energias renováveis para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa, melhorar o planeamento urbano, criando mais espaços verdes e mais e melhores transportes públicos, melhor conceção de edifícios e o ajuste de horários de trabalho.

O PERIGO DOS MOSQUITOS

Os primeiros seis meses de 2024, especialmente de fevereiro a julho, ficarão para a História da geoclimatologia mundial como o período de tempo em que mais recordes de calor foram batidos. Além de um conjunto de 15 recordes nacionais de calor (*ver caixa Termómetros no vermelho*), também foram ultrapassados mais 130 recordes mensais de temperatura nacional, juntamente com dezenas de milhares de máximos locais registados

Como lidar com calor extremo

Quem mais sofre, quais os sintomas que pode sentir e como deve precaver-se

OS MAIS VULNERÁVEIS

- Crianças nos primeiros anos de vida
- Pessoas a partir dos 65 anos
- Portadores de doenças crónicas
- Trabalhadores no exterior, expostos ao sol e/ou ao calor
- Praticantes de atividade física
- Pessoas isoladas e em carência económica e social

SINTOMAS E CONSEQUÊNCIAS



- Desidratação grave
- Câibras
- Agravamento de doenças crónicas
- Esgotamento devido ao calor
- Insolação
- Morte

PREVENÇÃO





- Estar em ambientes frescos, arejados ou com ar condicionado
- Beber água ou sumos naturais com regularidade, mesmo sem sede
- Evitar o consumo de bebidas quentes, alcoólicas, gaseificadas, com cafeína e ricas em açúcar
- Evitar a exposição direta ao sol entre as 11h e as 17h
- Aplicar creme com fator de proteção solar 30 ou superior a cada duas horas



- Vestir roupa leve, larga e de cor clara, de preferência de algodão
- Usar chapéu e óculos de sol





- Evitar fazer grandes esforços físicos, como desporto ou atividades de lazer ao ar livre
- Não permanecer dentro de viaturas estacionadas ao sol
- Fazer refeições leves e comer mais vezes ao dia

Fonte: Direção-Geral da Saúde

Termómetros no vermelho

Nos primeiros seis meses deste ano, foram batidos ou igualados 15 novos máximos nacionais de temperatura elevada. Além disso, foram quebrados 130 recordes mensais de temperatura nacional, bem como dezenas de milhares de máximas locais registadas em estações de monitorização do Ártico ao Pacífico Sul

28 DE FEVEREIRO
Ilhas Cocos, no oceano Índico, igualaram a temperatura mais alta de sempre com 32,8ºC, repetindo--se a 29 de fevereiro e a 7 de abril

6 DE MARÇO
Costa Rica bateu o seu recorde nacional com 41ºC em Cerro Huacalito, o qual foi novamente superado com 41,5ºC, a 23 de março, no mesmo local

12 DE MARÇO
Comores quebrou o seu recorde nacional com 36,2ºC no Aeroporto de Hahaya

13 DE MARÇO
República do Congo superou o seu recorde nacional com 39,6ºC em Impfondo

24 DE MARÇO
Maldivas bateu o seu recorde nacional com 35,1ºC em Hanimaadhoo, acontecendo de novo no dia 11 de abril

31 DE MARÇO
Togo quebrou o seu recorde nacional com 44ºC em Mango

3 DE ABRIL
Mali registou novo máximo nacional com 48,5ºC em Kayes

10 DE ABRIL
Belize teve um novo recorde, com 42,3ºC, em Barton Creek, repetindo-se a 17 de maio em Chaa Creek

24 DE ABRIL
Chade igualou o seu recorde nacional com 48ºC em Faya, valor atingido novamente a 5 de junho

27 DE ABRIL
Camboja ultrapassou o seu recorde nacional com 42,8ºC em Preah Vihear e Svay Leu

1 DE MAIO
Gana bateu o seu recorde nacional com 44,6ºC em Navrongo

1 DE MAIO
Laos quebrou o seu recorde nacional com 43,7ºC em Tha Ngon

29 DE MAIO
Palau, na Oceânia, igualou o seu recorde nacional com 35ºC no Aeroporto Internacional, em Babelthuap. A 2 de junho marcou 35,6ºC

7 DE JUNHO
Egito tem um novo recorde nacional com 50,9ºC em Assuã

20 DE JUNHO
México igualou o seu recorde nacional com 52ºC em Tepache

Fonte: Organização Meteorológica Mundial, *The Guardian*



em estações de monitorização desde o Ártico até ao Pacífico Sul, segundo Maximiliano Herrera, climatologista especializado em estatísticas climáticas e condições meteorológicas extremas, fundador do site Extreme Temperatures Around The World (Temperaturas Extremas à Volta do Mundo).

O Serviço Copernicus para as Alterações Climáticas (C3S), da União Europeia, divulgou que junho deste ano foi o 13º mês consecutivo a bater um recorde global de calor, e o mesmo mês de 2023 já tinha sido declarado "o junho mais quente" de sempre. De acordo com a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA (NOAA), julho de 2024 foi o mais quente registado no mundo desde 1850 e 0,03ºC mais quente do que julho de 2023. No dia 22 de julho deste ano, a temperatura média global do ar à superfície chegou aos 17,15ºC – foi o dia mais quente de que há registo na Terra.

As altas temperaturas noturnas associadas a níveis de humidade elevados não dão tempo suficiente para os ecossistemas recuperarem do calor. Em junho, em Assuã, no Sul do Egito, foi registado um novo recorde nacional com 50,9ºC, e Tepache, em Sonora, o segundo maior estado do México, igualou o seu recorde nacional com 52ºC.

O enfraquecimento do fenómeno oceano-atmosférico natural *El Niño* – aquecimento anómalo das águas superficiais do setor centro-leste do Oceano Pacífico, predominantemente na sua faixa equatorial –, responsável por anos considerados secos ou muito secos, ainda não produziu os efeitos desejados.

Ao manter elevadas as temperaturas nas Américas, o *El Niño* abre caminho à proliferação dos mosquitos *Aedes aegypti*, transmissores de dengue, que causa febres altas e fortes dores musculares, entre outros sintomas.

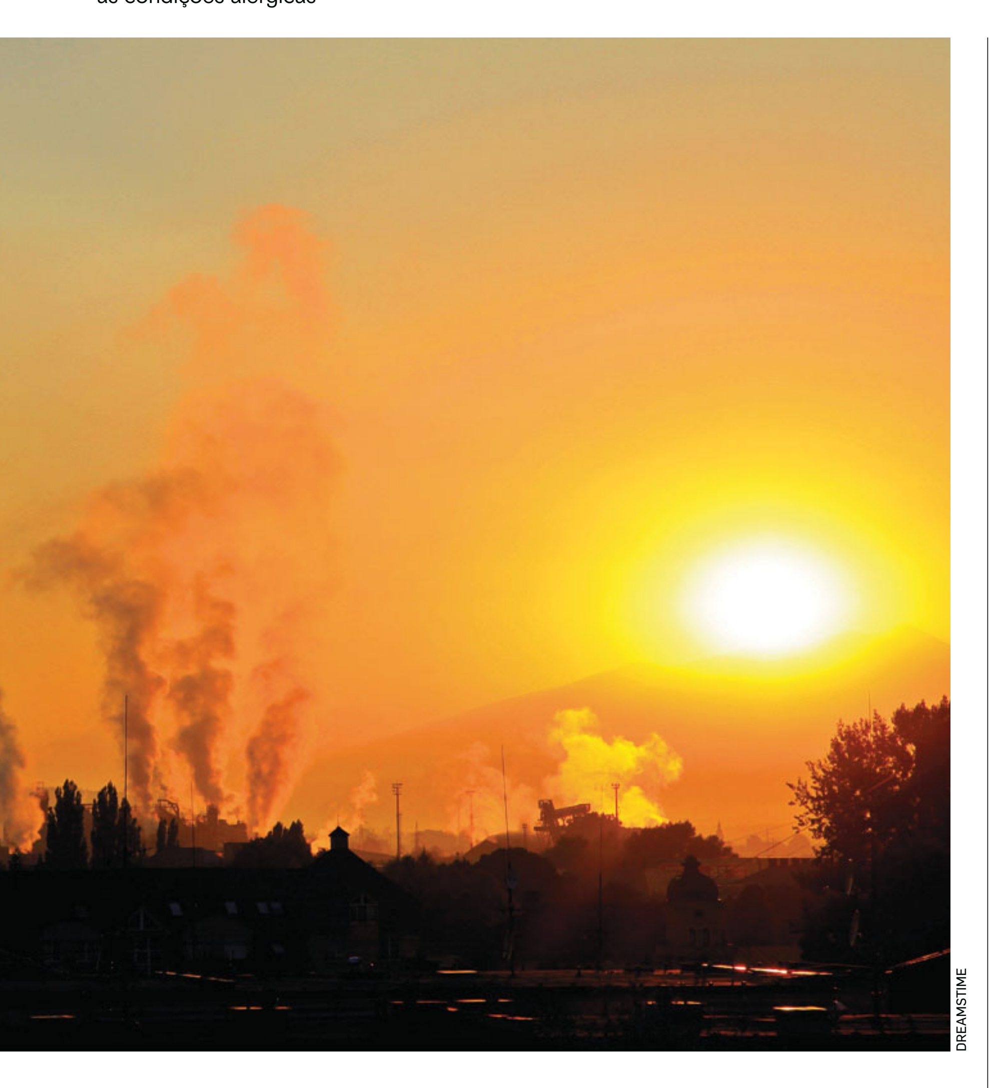
No Brasil, onde a campanha de vacinação pública contra a dengue teve início em fevereiro, os casos continuam a aumentar, depois de 2023 ter registado resultados elevadíssimos: 1,6 milhões de casos, mais de um quinto de todos os notificados no mundo, e 1 094 mortes, valor máximo.

O aquecimento global está a trazer essas espécies para a Europa e os casos de dengue e de infeção pelo vírus do Nilo Ocidental estão em expansão. Em Portugal continental foram detetados, pela primeira vez, mosquitos *Aedes albopictus*, transmissores da dengue, no final de julho de 2017.

FUNGOS MAIS POTENTES

As infeções fúngicas matam cerca de 1,7 milhões de pessoas em todo o mundo por ano – mais do que a tuberculose ou a malária. Falamos de pé de atleta (*Tinea pedis*), infeções de tecidos moles, blastomicose (doença pulmonar causada pelo fungo *Blastomyces dermatitidis*),

Ameaça As secas e as tempestades de areia que nos chegam do Norte de África deixam o ar carregado de partículas finas que agravam as condições alérgicas


DREAMSTIME

Um aumento da temperatura global de um grau centígrado está associado a uma diminuição da esperança média da vida humana de aproximadamente cinco meses e uma semana

criptococose (micose causada pelos fungos *Cryptococcus neoformans* ou *gattii* presentes no ar que respiramos) ou novos agentes patogénicos como *Candida auris*, uma levedura com grande tolerância ao calor e capaz de se adaptar às temperaturas do corpo humano, que persegue doentes nos hospitais.

A maior longevidade dos humanos, com uma maior prevalência de doenças como obesidade ou diabetes, torna-os ainda mais frágeis e melhores hospedeiros para o desenvolvimento dos fungos.

As doenças fúngicas invasivas devem-se a fungos mais virulentos e potentes, mas as alterações climáticas também influenciam a propagação de doenças fúngicas endémicas, como a coccidioidomicose ou febre do vale (doença pulmonar disseminada pelos fungos *Coccidioides immitis* ou *posadasii*) e a histoplasmose (doença respiratória causada pelo fungo dimórfico *Histoplasma capsulatum*).

As alterações nos padrões de precipitação e na temperatura da água costeira também podem afetar a propagação de doenças transmitidas pela água, como a *E. coli* e o vibrião colérico.

"Emergem novas preocupações com a vasta prevalência de microplásticos e nanoplásticos no ambiente. Essas minúsculas partículas, originárias da degradação de produtos plásticos, entram na cadeia alimentar humana através do ar, da água e de alimentos contaminados. Dados científicos recentes mostram que os microplásticos e nanoplásticos podem, por via da inflamação, aumentar o risco de aterosclerose e outros problemas cardiovasculares", faz notar Daniel Caldeira, num artigo escrito para a VISÃO Saúde.

MUITO MAIS ALERGIAS

Já as alergias sazonais afetam entre 25% e 30% da população portuguesa, como rinite (20% a 25%), conjuntivite ou asma (10%). Além dos espirros, da comichão e dos olhos lacrimejantes, estes incómodos individuais transformam-se depois em impactos económicos negativos, com custos com cuidados de saúde e dias de trabalho perdidos.

Na revista *The Atlantic*, Yingxiao Zhang e Allison L. Steiner, duas investigadoras em Ciências Atmosféricas na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, partilharam as conclusões do seu mais recente estudo: se o mundo continuar a produzir emissões de dióxido de carbono provenientes da queima de combustíveis fósseis para a produção de energia e materiais, os EUA enfrentarão um aumento de até 200% do pólen total neste século. A temporada de alergias, habitualmente mais sentida na primavera, começará 40 dias mais cedo e durará até 19 dias mais do que hoje.

As secas e as tempestades de areia que nos chegam do Norte de África deixam o ar carregado de partículas finas que agravam as condições alérgicas – não se trata apenas de dar mais uns espirros por ano; ficamos mais suscetíveis a infeções respiratórias.

Tome nota: um aumento da temperatura global de um grau centígrado está associado, segundo um estudo publicado na revista cientifica *PLOS Climate*, a uma diminuição da esperança média da vida humana de aproximadamente cinco meses e uma semana. V scalheiros@visao.pt


SANTA CASA
DA
MISERICORDIA
DE
ISBOA



RENTRÉE
A SANTA CASA VISTA À LUPA

Negócios ruinosos, suspeitas de ligação a uma organização criminosa, "jobs for the boys" e, outra vez, o filho do Presidente da República, Nuno Rebelo de Sousa. É com estes ingredientes que se vai fazer mais uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Arranca em setembro e promete agitar a rentrée. Saiba, ainda, como os líderes preparam a "nova época política"

— POR MARGARIDA DAVIM

Uma dívida a uma organização criminosa brasileira, investimentos ruinosos, contratações suspeitas e (de novo...) o filho do Presidente da República, Nuno Rebelo de Sousa, são alguns dos ingredientes de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que vai arrancar no dia 18 de setembro e que promete passar a pente fino a gestão da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, nos mandatos de Pedro Santana Lopes, Edmundo Martinho, Ana Jorge e do atual provedor, Paulo Alexandre Duarte de Sousa, nomeado em maio por Luís Montenegro. A exoneração de Ana Jorge, feita pela ministra Maria do Rosário Palma Ramalho em termos inusitadamente duros, levou a audições parlamentares que suscitaram mais dúvidas do que respostas e acabaram por ter o efeito de fazer aprovar por unanimidade as propostas de uma CPI à Santa Casa feitas pela IL e pelo BE (também houve uma proposta do Chega aprovada, mas com os votos contra do PS e a abstenção de PCP e Livre).

O QUE É QUE SE VAI INVESTIGAR?

Há muito por esclarecer e a missão dos 25 deputados que vão trabalhar nesta CPI não parece fácil, porque o objeto da comissão é particularmente lato, não só no horizonte temporal, que começa em Pedro Passos Coelho e acaba em Luís Montenegro, mas nos vários negócios, investimentos e contratações que

Quem é quem

Os provedores da SCML

SANTANA LOPES
Quando saiu, era o provedor que mais tempo esteve à frente da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa depois do 25 de Abril (foi suplantado por Edmundo Martinho). Entrou em 2011, com Pedro Passos Coelho no governo, e foi reconduzido por António Costa para um segundo mandato. Saiu para se candidatar à liderança do PSD contra Rui Rio, numas diretas que perdeu.

EDMUNDO MARTINHO
Foi nomeado por António Costa em 2017 e saiu em 2023, para dar o lugar a Ana Jorge. São do seu mandato algumas das decisões de gestão mais polémicas que agora serão avaliadas pela CPI.

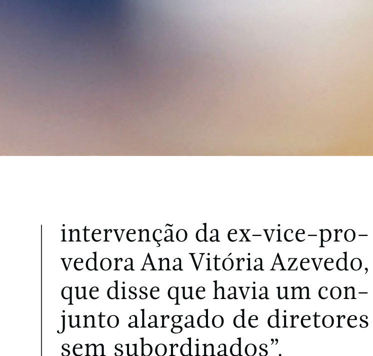
ANA JORGE
Pediu uma auditoria ao mandato de Edmundo Martinho e travou os negócios no Brasil e no Peru. Foi exonerada por Maria do Rosário Palma Ramalho, acusada de tirar "benefício próprio" da Santa Casa. Saiu com uma salva de palmas dos trabalhadores.

PAULO DUARTE DE SOUSA
É gestor, quadro da Caixa Geral de Depósitos e com currículo na gestão de imobiliário. Foi condenado em primeira instância por "conflito de interesses" durante a sua passagem pela administração do Banco Comercial e de Investimentos de Moçambique, mas acabou absolvido. Na área social, foi vice-presidente da Cruz Vermelha Portuguesa.

foram feitos nestes anos. Como foram três as propostas de CPI aprovadas (de IL, BE e Chega), foi preciso consensualizar o âmbito da comissão, o que resultou nos nove pontos que constam da resolução que a constituiu. "Inquirir as decisões de gestão estratégica e financeira efetuadas por parte da SCML, associadas ou subsidiárias, desde 2011, que possam ter contribuído para o desequilíbrio financeiro da SCML" é logo o primeiro destes pontos. Mas os deputados vão também "apurar responsabilidades políticas, contratuais, legais e financeiras relativas à atual situação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa", escrutinar "a relação das diferentes tutelas políticas" com os provedores e avaliar "o processo de recrutamento de pessoal e de organização dos níveis superiores e intermédio".

Há alguns negócios que estarão especialmente na mira dos deputados: o investimento nas apostas hípicas, feito por Santana Lopes, a tentativa de internacionalização no Brasil, lançada por Edmundo Martinho e abortada por Ana Jorge, as compras de NFT decididas por Edmundo Martinho e os investimentos na área da saúde (nomeadamente a compra de 55% do Hospital da Cruz Vermelha feita também no mandato de Edmundo Martinho). "É preciso perceber que gestão foi feita, com que lógica e porquê", diz à VISÃO a líder parlamentar da IL, Mariana Leitão, que quer também escalpelizar as contratações feitas pela instituição e perceber até que ponto a Santa Casa pode ter sido usada para colocar pessoal político. "Esse será um dos ângulos a averiguar", diz Mariana Leitão, lembrando que nas audições feitas nesta legislatura "houve até aquela célebre



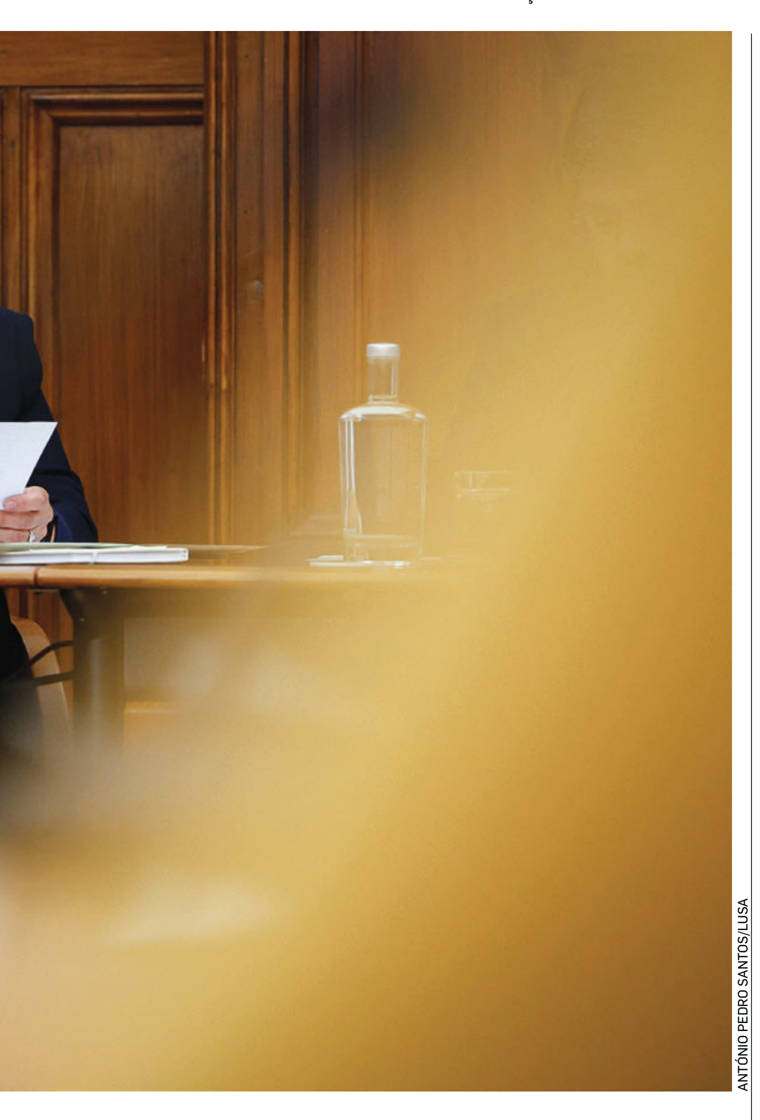


Nuno Rebelo de Sousa terá tentado servir de intermediário no negócio da Santa Casa no Brasil e manteve contactos com a anterior ministra

intervenção da ex-vice-provedora Ana Vitória Azevedo, que disse que havia um conjunto alargado de diretores sem subordinados".

OUTRA VEZ O DR. NUNO
Se o filho do Presidente da República é uma das personagens principais da Comissão Parlamentar de Inquérito ao caso das gémeas que receberam no SNS um dos tratamentos mais caros do mundo, Nuno Rebelo de Sousa volta a ser protagonista nesta CPI à Santa Casa. No caso das gémeas, o então presidente da Câmara de Comércio Luso-Brasileira em São Paulo parece ter estado envolvido numa tentativa de "cunha", neste caso há, segundo a CNN

Ana Jorge A anterior provedora a ser ouvida no Parlamento. Mesmo depois de exonerada, foi-lhe pedido que se mantivesse em funções...


ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA

Portugal, registo de ter tentado servir de intermediário no negócio da internacionalização da Misericórdia no Brasil. Segundo a CNN, entre abril e junho de 2023, Nuno Rebelo de Sousa manteve contactos com a então ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho, tendo-lhe proposto um encontro com responsáveis do Banco de Brasília, que seria o parceiro da Santa Casa no Brasil. Ana Mendes Godinho negou ter aceitado esse encontro, mas confirmou duas reuniões com o filho de Marcelo Rebelo de Sousa, uma das quais também com Ana Jorge. O que estaria a tentar fazer Nuno Rebelo de Sousa e a troco de quê? São questões que os deputados deverão tentar perceber.

UMA DÍVIDA A CRIMINOSOS?

O Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma das organizações criminosas mais poderosas do Brasil. Funciona quase como uma multinacional do crime e dedica-se sobretudo ao tráfico de droga. Daí que uma das notícias mais estranhas a envolver a Santa Casa de Lisboa seja a de que esta instituição tem uma dívida de 40 mil euros ao PCC. A informação foi apurada numa investigação conjunta do jornal *Expresso* e da revista brasileira *Piauí* e baseia-se numa denúncia feita ao Ministério Público, que tem por base informação passada por um gestor da MCE, a empresa de jogo comprada no Rio de Janeiro pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, numa reunião em novembro de 2023 com o novo representante da Santa Casa indicado por Ana Jorge.

Segundo o *Expresso*, a dívida pode estar relacionada com a tentativa da Santa Casa de levar os seus jogos para São Paulo, a principal zona de influência do Primeiro Comando da Capital no Brasil. Uma das formas que o PCC usa para lavar dinheiro proveniente do tráfico de droga passa pelos jogos de azar, seja em casinos ilegais ou no famoso Jogo do Bicho. Não é, contudo, clara a relação que pode existir (a confirmar-se esta informação) entre o PCC e a Santa Casa.

UM BURACO DE MILHÕES

A quebra de receitas gerada pela concorrência do jogo online e a subida de despesas com a pandemia criaram um caldo complicado para a Santa Casa. Nos últimos mandatos, houve várias tentativas de diversificar as fontes de financiamento (que depende em cerca de 80% dos jogos sociais). A mais ruinosa de todas terá sido a tentativa de internacionalização dos jogos no Brasil, com um rombo que pode andar entre os 50 e os 80 milhões de euros. Para se ter uma noção do peso que isso representa na Santa Casa, recorde-se que este ano o

Partidos a aquecer

As rentrées ao rubro

Até 21 de setembro, data marcada para uma manifestação "contra a imigração descontrolada", de cada vez que um responsável do Chega falar, vai falar de imigração (como se verificou, a despropósito, na reação da deputada Patrícia Carvalho ao discurso do Pontal). Esta semana, André Ventura anunciou que a sua aprovação do Orçamento depende da realização de um referendo, com duas perguntas: se, sim ou não, devem ser definidos *plafonds* anuais para a imigração e se devem ser estabelecidas quotas por ramo de atividade, "segundo as necessidades da economia". Para aquecer os motores, haverá hoje, quinta-feira, um jantar do Chega, em Olhão. Também a IL terá a sua festa, em Quarteira, sábado. A mítica Festa do *Avante!*, do PCP, será entre 6 e 8 de setembro, na Atalaia. PS e PSD farão as suas academias de verão no final do mês, com discursos dos líderes no mesmo dia: 1 de setembro. **— F.L.**


DIANA TINOCO

Orçamento "à la carte"

OE será o próximo tema

Esta semana, André Ventura demonstrou que não está muito interessado em viabilizar o Orçamento para 2025. O Chega faz depender a sua boa vontade (um voto favorável) de um tema que nada tem a ver com o documento: a realização de um referendo sobre imigração. Que o mesmo é dizer que já encontrou pretexto para votar contra – ideia tão "original" dificilmente será aceite. Resta a Luís Montenegro virar-se para o PS, o único partido cuja abstenção pode viabilizar o OE – no caso do Chega, para que a aritmética do número de deputados desse uma maioria, o voto teria de ser favorável. Em várias ocasiões, Luís Montenegro deu indicação de que a negociação não pode resultar no desvirtuamento do programa do Governo. Mas o ministro das Finanças, Miranda Sarmento, trouxe uma nova condição: é que o Governo pode bater com a porta, mesmo que o Orçamento seja viabilizado… na generalidade. A AD desconfia de que PS e Chega podem arranjar forma de, na especialidade, aprovarem, mutuamente, alterações que transformem a proposta do Governo… noutra coisa. E, nessa altura, o Governo bateria com a porta. Este vai ser o grande tema da rentrée política. — **F.L.**

plano de atividades refere a necessidade de uma injeção financeira de 65 milhões para assegurar o funcionamento da instituição.

A decisão de levar os jogos da Santa Casa para o Brasil foi de Edmundo Martinho em 2020, mas em maio de 2023 um tribunal de Brasília suspendeu a atividade da instituição na capital brasileira. Em causa está o entendimento da Justiça brasileira de que "as atividades operacionais inerentes à exploração dos jogos seriam exercidas exclusivamente pelo Banco de Brasília [um banco público], sem qualquer menção quanto à eventual possibilidade de terceirização do serviço, ainda que mediante o termo de parceria", a expressão usada no acordo do Banco de Brasília com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

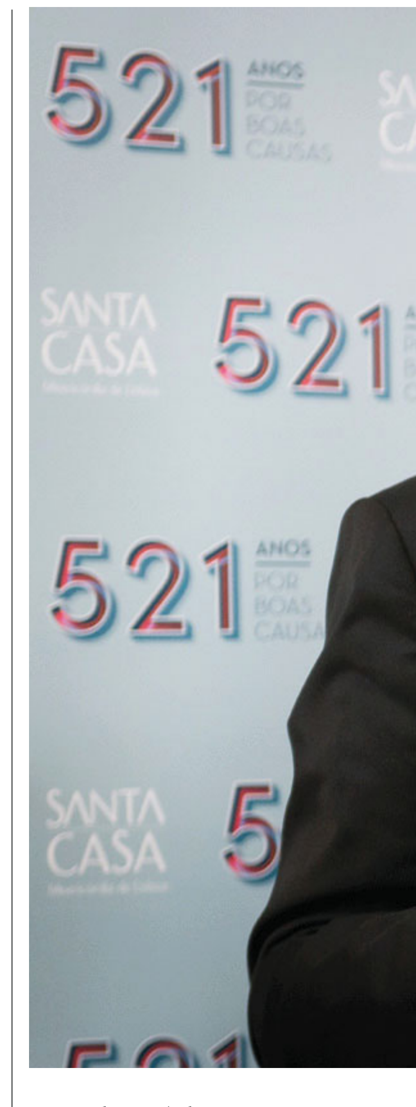
Além das perdas do investimento feito, a Santa Casa pode ainda ser chamada a responder em tribunal a pedidos de indemnização por incumprimentos nos projetos de internacionalização. Os resultados de uma auditoria pedida por Ana Jorge fizeram a então provedora dar ordens, em junho de 2024, para parar com os investimentos no Brasil e no Peru, fazendo com que as empresas fora de Portugal deixassem de pagar a trabalhadores e fornecedores, incorrendo em incumprimentos contratuais que podem levar a litígios. No Rio de Janeiro, por exemplo, houve quem comprasse bilhetes de uma lotaria que nunca chegou a ser sorteada. Também no Reino Unido há sócios de um negócio que permitiu a entrada no Peru que, segundo o *Público*, equacionam um pedido de indemnização de 20 milhões de euros por a Santa Casa não ter acompanhado um aumento de capital.

Das corridas de cavalos aos negócios dos NFT, a Santa Casa procurou formas "criativas" de "diversificação". A maior parte das iniciativas só deu prejuízo…

A SANTA CASA DOS "BOYS"?

A gestão das contratações é um dos aspetos que vão ser investigados por esta CPI. Há muito que se suspeita de que a Misericórdia foi usada pelo poder político para atribuir os chamados *jobs for the boys*. Essa suspeita pareceu reforçada durante as audições parlamentares que aconteceram na sequência da exoneração de Ana Jorge pelo atual Governo.

"Quando cheguei, havia chefias sem equipa. Eram chefes deles próprios", disse aos deputados a ex-vice-provedora Ana Vitória Azevedo, explicando que uma das prioridades do mandato da mesa presidida por Ana Jorge foi a de introduzir alguma racionalidade na gestão dos recursos humanos. O corte de "15% do número de cargos", que incluiu "uma redução de 40 cargos de dirigentes" em 2023, com uma poupança de um milhão de euros, foi uma dessas medidas. Segundo o *Correio da Manhã*, a Santa Casa terá 488 cargos de chefia, com remunerações que variam entre os 3 871 euros brutos mensais e os 6 083 euros brutos mensais. Ao todo, em 2022, a Santa Casa tinha 6 080 funcionários. Só no período em que Edmundo Martinho foi provedor, foram contratados cerca de mil novos trabalhadores. A instituição gastou, em 2022, cerca de 63% das suas receitas com custos de pessoal.



INVESTIMENTOS SEM "AVALIAÇÕES RACIONAIS"

As unidades de saúde da Santa Casa apresentam prejuízos crónicos. E a situação seria ainda pior se não tivesse havido acordos, como os que foram feitos por António Costa e agora já por Luís Montenegro, para encaminhar doentes do SNS para unidades da Misericórdia a expensas do Estado. Só por um acordo assinado por Costa em março deste ano, o Ministério da Saúde comprometeu-se a pagar 16 milhões de euros por cuidados prestados em Alcoitão e no Hospital de Sant'Ana. Montenegro anunciou esta



< Edmundo Martinho
Foi durante o mandato do sucessor de Santana que a Santa Casa realizou os negócios mais polémicos, incluindo o da "aventura brasileira"

semana um acordo com outro hospital da Santa Casa, o da Prelada, no Porto, que passará a receber 45 euros por doente do SNS atendido, num total de 200 a 300 utentes por dia.

Apesar disso, o relatório de contas de 2023 da Santa Casa diz que as participações que a instituição detém na área da saúde não estão "sustentadas em avaliações e estratégias racionais, claras e sustentáveis". O documento, revelado em maio deste ano, aponta mesmo o dedo à compra de 55% do Hospital da Cruz Vermelha, feita em dezembro de 2020, por Edmundo Martinho. O Hospital da Cruz Vermelha veio somar-se a negócios na saúde que já eram cronicamente deficitários: o Hospital Ortopédico de Sant'Ana, na Parede, e o Centro de Reabilitação de Alcoitão. Juntas, as três entidades geraram no ano passado prejuízos de 21,2 milhões de euros.

UM PROJETO NA GAVETA

Além da internacionalização no Brasil e no Peru, que Ana Jorge decidiu abortar, há um projeto de Pedro Santana Lopes que ficou na gaveta, mas no qual foram investidos, pelo menos, 8,4 milhões de euros. Com as receitas a abrandar, muito por culpa das apostas online, Santana Lopes viu nas apostas em corridas de cavalos uma forma de ir buscar mais financiamento para a Misericórdia. Só que o projeto nunca saiu da gaveta.

Edmundo Martinho chegou, em declarações ao *Público*, a dizer que a certa altura lhe foi dito que as apostas hípicas não saíram do papel por causa das negociações que então o governo de António Costa precisava de fazer com o PAN para ver o Orçamento do Estado aprovado. "Mas depois, quando o PS teve maioria absoluta, sinceramente deixei de perceber o motivo do adiamento do lançamento do jogo", dizia àquele diário em novembro de 2023.

MEIO MILHÃO INVESTIDO PARA RENDER MIL EUROS

Outro investimento polémico foi feito no tempo de Edmundo Martinho, quando o provedor decidiu investir cerca de 500 mil euros em NFT (*non-fungible token*), que são imagens digitais encriptadas e que, a certa altura, se pensou poderem ser objetos com alto valor transacionável no mercado da arte. Martinho quis usar o espólio da Santa Casa e transformá-lo em NFT, usando a plataforma Artentik, que apenas aceitaria pagamentos em criptomoedas.

"Esta é uma oportunidade única não apenas para mostrar o nosso trabalho e a nossa herança artística, mas também para a abrir ao mundo e torná-la conhecida", disse, então, Edmundo Martinho num dos palcos da Web Summit. No entanto, e segundo os relatórios de contas da Santa Casa, em 2021 os NFT renderam à instituição 1 040 euros em vendas e apenas 565 euros em 2022.

O filho de Edmundo Martinho foi uma personagem-chave neste negócio. "Eu pedi-lhe a ele [filho], a título gratuito, para nos fazer uma apresentação sobre a questão do blockchain, criptomoedas e NFT, para ficarmos a perceber melhor o que é isto. Coincidência das coincidências, há uma empresa que nós vínhamos a contratar que era a única exchange, ou seja, que está autorizada para fazer transações de criptomoedas para moeda corrente", revelou o antigo provedor quando foi ouvido no Parlamento em maio. Problema? Como revelou na altura o *Polígrafo*, era "falso" que a Utrust, empresa em que trabalhava o filho de Martinho, fosse a única autorizada pelo Banco de Portugal a fazer transações com criptomoedas. Na verdade, foi a quarta a obter essa autorização do BdP.

visao@visao.pt

Revés Terapia promissora para o stresse pós-traumático fica na gaveta até serem corrigidas as falhas apontadas pele regulador norte-americano

DREAMSTIME

A "trip" clínica que tarda em chegar

A terapia assistida por MDMA (ecstasy) para stresse pós-traumático foi chumbada pela autoridade reguladora americana. Porquê este recuo e quais as implicações?

— POR CLARA SOARES

O mês de agosto está a ser crítico para quem se convenceu de que a Food and Drug Administration (FDA) aprovaria o uso terapêutico da midomafetamina, ou MDMA. Os ensaios clínicos com a substância psicadélica, informalmente designada por ecstasy, têm vindo a demonstrar a sua eficácia na redução de sintomas da perturbação de stresse pós-traumático (PSPT), reforçando as pretensões da Associação Multidisciplinar de Estudos Psicodélicos (MAPS): ter um tratamento inovador destinado a pacientes que não apresentam resultados satisfatórios com os fármacos convencionais.

A droga psicoativa induz a libertação de monoaminas (serotonina, norepinefrina e dopamina) e hormonas (ocitocina e cortisol), contribuindo para baixar a atividade da amígdala e da ínsula, regiões do cérebro implicadas no medo e na ansiedade, facilitando ainda o reprocessamento de memórias traumáticas e a adesão dos pacientes à terapia. Com os resultados da terapia assistida por MDMA a irem mais longe do que os obtidos com os antidepressivos prescritos para a PSPT (paroxetina e sertralina), a FDA considerou o modelo promissor e aprovou os ensaios da fase 3.

O entusiasmo era, por isso, grande. Nas previsões de David Nutt, cientista do Imperial College London e autor do livro *Psicadélicos – Um Guia Completo Sobre as Substâncias Revolucionárias que Podem Mudar a Sua Vida*, este seria o ano da aprovação da terapia assistida por MDMA. Afinal, está a ser o das surpresas.

Os primeiros sinais de que nem tudo estava bem surgiram em junho, na audição do Comité Consultivo da FDA. A Lykos Therapeutics, farmacêutica da MAPS responsável pelos ensaios clínicos e a comercialização do fármaco, foi confrontada com falhas no protocolo. A insuficiência dos dados que comprovam a durabilidade dos efeitos e a garantia de eficácia e segurança é uma delas. Outra é o fator expectativa, pois quase 30% dos participantes da fase 2 tinham usado previamente a substância. E, por fim, as

dúvidas quanto ao contributo das sessões de psicoterapia.

As recomendações terão sido acolhidas, mas não evitaram o chumbo. O pedido de um ensaio clínico adicional de fase 3 representa um recuo, já que serão precisos alguns anos até que a terapia assistida por MDMA veja a luz do dia.

ONDAS DE CHOQUE

"Dececionante" foi o termo usado por Amy Emerson, CEO da Lykos, que pediu uma reavaliação da decisão. Entretanto, a revista *Psychopharmacology* retirou três artigos sobre a terapia assistida por MDMA. Na sua base terá estado a conduta não ética de Richard Yensen, um psicólogo canadiano acusado de abuso sexual por uma participante, após o ensaio clínico, que terá ocorrido em 2015 (os relacionamentos sexuais entre terapeutas e pacientes são proibidos pelas associações profissionais canadiana e americana, pelo menos até dois anos após a última sessão).

A meio de agosto, o presidente da farmacêutica, Jeff George, anunciou a redução da força de trabalho em 75% e Rick Doblin, fundador e presidente da MAPS, deixou o cargo no conselho da Lykos. O que se segue?

Albino Oliveira-Maia, diretor da Unidade de Neuropsiquiatria da Fundação Champalimaud, está ciente do imbróglio que se prende com "a falta de neutralidade das equipas envolvidas nos ensaios e a impossibilidade de ocultação dos efeitos da substância, sobretudo se já se teve contacto prévio com ela".

Sobre a conduta não ética de um dos terapeutas, o psiquiatra reconhece: "A Lykos e a MAPS não terão sido suficientemente diligentes para abordar a questão, continuando a publicar informação do centro onde o problema ocorreu." Lembrando que a FDA aprova fármacos, mas não avalia o impacto de psicoterapias, o especialista só vê uma de duas saídas: "Ou há uma estratégia psicoterapêutica mais concreta e reprodutível, que não suscite dúvidas ao regulador, ou se retiram as sessões da investigação, havendo quem esteja a adotar a segunda opção."

Desde os anos 1970 e 1980, o potencial do psicadélico como catalisador da introspeção e da reflexão tornou-se evidente na comunidade científica, mas o uso clínico ficou sem pernas para andar quando a Drug and Enforcement Administration, do Departamento de Justiça americano, colocou a MDMA nas drogas de Classe I (elevado risco de abuso e sem uso medicinal reconhecido), em 1985.

Os tempos mudaram. Há quase quatro décadas que a MAPS realiza estudos tendo em mente o acesso legal às terapias assistidas por psicadélicos. Sem reavaliação da decisão do regulador, terá mesmo de ser feito um terceiro estudo (a submissão do pedido de aprovação requer dois ensaios de fase 3).

"O revés era esperado; tem a ver com a pressa em obter resultados, a falta de cautela e as pressões sobre os participantes para não reportarem efeitos adversos durante os estudos", avança Carolina Seybert, psicóloga clínica e investigadora da Fundação Champalimaud, destacando um problema identificado nestes estudos: "Findo o ensaio, há participantes que querem continuar a psicoterapia, mas não podem, sentindo-se abandonados." Sobre as implicações da decisão da FDA, admite: "Pode dificultar a aprovação de outros ensaios, como os que estamos a conduzir com a psilocibina (em doentes de Parkinson)."

O ecstasy contribui para baixar a atividade da amígdala e da ínsula, regiões do cérebro implicadas no medo e na ansiedade

PRÓXIMOS CAPÍTULOS

Pedro Mota, presidente da SPACE, associação científica para o estudo e a divulgação das propriedades e do potencial uso clínico de psicadélicos, é o autor principal de uma revisão de estudos sobre a psicoterapia por MDMA no stresse pós-traumático, publicada em 2022, na *Revista Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental*. Aí se referem estudos que validam a combinação de psicadélico e apoio psicológico, com ganhos na qualidade de vida de quem sofre de PSPT.

O Observatório Trauma, em Coimbra, não tem números oficiais, mas o especialista observa: "Esta doença psiquiátrica, geralmente crónica, foi esquecida durante décadas e está subdiagnosticada." Veteranos de guerra, migrantes e outras pessoas que lidam com a condição têm dificuldade em manter-se em tratamento, em virtude dos sintomas físicos que levam à desmotivação. Depois, "o sofrimento destes pacientes tende a passar de geração em geração".

No atual cenário da investigação, "em que a burocracia é enorme", o psiquiatra e investigador sublinha "o valor da evidência acumulada no mundo real, fora do contexto dos ensaios clínicos", o que explica, por exemplo, que a Austrália tenha autorizado a terapia com MDMA para o stresse pós-traumático, há pouco mais de um ano. Pedro Mota adianta: "O governo holandês também vai insistir nos estudos naturalistas com a meta de validar estas terapias." É esperar para ver. V

csoares@visao.pt

Curar o stresse pós-traumático

Uma em cada três pessoas no mundo tem sintomas debilitantes se exposta a acontecimentos críticos (abuso, agressões, acidentes, catástrofes, morte súbita de ente querido, guerra)

Sintomas
- Pesadelos e *flashbacks*
- Pensamentos intrusivos
- Condutas evitantes
- Alterações cognitivas e do humor
- Estado de alerta
- Ansiedade, depressão
- Abuso de substâncias
- Ideação suicida

Tratamentos atuais
- Psicofármacos
- Psicoterapia (cognitivo-comportamental – CBT)
- Dessensibilização e reprocessamento com estimulação bilateral (EMDR)
- Terapia de exposição narrativa

Terapia assistida com MDMA (não aprovada)
- Em cápsulas ou comprimidos (50 a 150 miligramas), reduz o medo, a ansiedade e atitudes defensivas, e promove sensações de bem-estar e confiança interpessoal
- Psicoterapia pode contribuir para reduzir os sintomas

Fontes: Manual MSD, A Manual for MDMA-Assisted Psychotherapy in the Treatment of Posttraumatic Stress Disorder Michael, C. Mithoefer

VISÃO JÚNIOR

REVISTA RECOMENDADA
LER+ PLANO NACIONAL DE LEITURA

ESCOLHA DO CONSUMIDOR 2024 Nº1

A VISÃO DOS MAIS NOVOS

Campanha válida em Portugal até 15/09/2024, salvo erro de digitalização. Consulte todas as opções em loja.trustinnews.pt

ASSINE A VISÃO JÚNIOR, UMA FORMA LEVE E DIVERTIDA DE APRENDER, COM A QUALIDADE DA VISÃO

DIGITAL	1 ANO + 6 MESES GRÁTIS	~~€61,20~~ €24

APROVEITE OS BENEFÍCIOS FISCAIS E RECUPERE PARTE DO IVA DA SUA ASSINATURA

ACEDA A **LOJA.TRUSTINNEWS.PT**

ASSINAR:





Proprietária/Editora: TRUST IN NEWS, UNIPESSOAL LDA.
Sede: Rua da Fonte da Caspolima – Quinta da Fonte
Edifício Fernão de Magalhães, n.º 8, 2770-190 Paço de Arcos
NIPC: 514674520.
Gerência da TRUST IN NEWS: Luís Delgado,
Filipe Passadouro e Cláudia Serra Campos.
Composição do Capital da Entidade Proprietária: 10.000,00 euros,
Acionista: Luís Delgado (100%)

VISÃO

Diretor: Rui Tavares Guedes
Subdiretores: Alexandra Correia, Filipe Luís,
Margarida Vaqueiro Lopes e Sara Belo Luís
Conselheiro Editorial: José Carlos de Vasconcelos
EXAME/Economia: Tiago Freire (diretor)
Editores: Carlos Rodrigues Lima, Clara Cardoso (visao.pt) Filipe Fialho (Mundo), Inês Belo (VISÃO Se7e), João Carlos Mendes (Grafismo), Manuel Barros Moura (Radar), Paula Barroso (VISÃO Júnior) e Pedro Dias de Almeida (Cultura)
Grandes Repórteres: José Plácido Júnior e Rosa Ruela
Redação: Clara Soares, Clara Teixeira, Florbela Alves (Coordenadora VISÃO Se7e/Porto), Joana Loureiro, João Amaral Santos, Luísa Oliveira, Luís Ribeiro (Coordenador Ambiente), Margarida Davim, Paulo C. Santos, Rui Antunes, Rui Barroso, Sara Xavier Nunes, Sílvia Souto Cunha, Sónia Calheiros e Susana Lopes Faustino
Grafismo: Paulo Reis (Editor adjunto), Teresa Sengo (Coordenadora), Ana Rita Rosa, Edgar Antunes, Filipa Caetano e Patrícia Pereira
Infografia: Manuela Tomé e Raquel Leal
Fotografia: José Carlos Carvalho, Lucília Monteiro, Luís Barra e Marcos Borga
Copydesk: Rui Carvalho
Secretariado: Sofia Vicente (Direção) e Ana Paula Figueiredo
Colunistas e cronistas: Pedro Marques Lopes, Dulce Maria Cardoso, José Eduardo Agualusa e Mia Couto
Colaboradores: Luís Ricardo Duarte, Manuel Halpern, Miguel Judas, Margarida Robalo
Ilustração: Susa Monteiro
Redação, Administração e Serviços Comerciais: Avenida Jacques Delors, Edifício Inovação 3.1, Espaço nº 511/512 2740-122 Porto Salvo
Delegação Norte: Margarida Vasconcelos (Gestora de Marca)
Tel: 91 062 43 28 mvasconcelos@trustinnews.pt,
Carla Dinis (Assistente Comercial Porto)
Tel: 91 086 98 33 cmdinis@trustinnews.pt
Marketing e Publicidade: Vânia Delgado (Diretora Comercial e Marketing) – vdelgado@trustinnews.pt
Marketing: Joana Hipólito (gestora de marca) – jhipolito@trustinnews.pt
Publicidade: Telefone 218705000 (Lisboa)
Maria João Costa (Diretora Coordenadora Publicidade) – mjcosta@trustinnews.pt
Mariana Jesus (Gestora de Marca) – mjesus@trustinnews.pt
Rita Roseiro (Gestora de Marca) – rroseiro@trustinnews.pt
Florbela Figueiras (Assistente Comercial Lisboa)– ffigueiras@trustinnews.pt
Elisabete Anacleto (Assistente Comercial Lisboa) – eanacleto@trustinnews.pt
Delegação Norte – Telefone: 220990052
Margarida Vasconcelos (Gestora Marca) – mvasconcelos@trustinnews.pt
Carla Dinis (Assistente Comercial Porto) – cmdinis@trustinnews.pt
Digital e Parcerias Hugo Lourenço Furão (coordenador) hfurao@trustinnews.pt
Branded Content – Carolina Almeida (coordenadora) cmalmeida@trustinnews.pt

VISÃO BS A **VISÃO BS** é a unidade de produção de conteúdos patrocinados para parceiros da VISÃO, com coordenação do TIN Brand Studio.
Produção, Circulação e Assinaturas: Vasco Fernandez (Diretor), Pedro Guilhermino (Coordenador de Produção) Nuno Carvalho, Nuno Gonçalves, Paulo Duarte (Produtores) e Isabel Anton (Coordenadora de Circulação), Helena Matoso (Coordenadora de Assinaturas)
Serviço de apoio ao assinante: Tel.: **21 870 50 50** (Dias úteis das 9h às 19h)
Custo de chamada para a rede fixa, de acordo com o seu tarifário
Impressão: Lisgráfica – Estrada de São Marcos Nº 27
S. Marcos – 2735-521 Cacém
Distribuição: VASP MLP. Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt
– Tel.: 808 206 545
Tiragem média do mês de abril: 24 700 exemplares
Registo na ERC com o nº 112 348
Depósito Legal nº 127961/98 – ISSN nº 0872-3540

APOIO AO CLIENTE/ASSINANTE
apoiocliente@trustinnews.pt

Estatuto editorial disponível em **www.visao.pt**

A Trust in News não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedade dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade, são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias. **Interdita a reprodução, mesmo parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob qualquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais.**





Esta revista utiliza papel produzido por empresas certificadas segundo a norma ISO14001 (Certificação de sistemas de Gestão Ambiental)
CUIDE DO MEIO AMBIENTE
Utilize melhor esta revista depois de a ler
Colabore com a sua reciclagem

PUB

NOVIDADES

ACQUA DI PARMA APRESENTA CHAPEAU!

UMA VELA DE EXPERIÊNCIA OLFACTIVA POLISSENSORIAL

Acqua di Parma apresenta Chapeau!, uma vela com uma abordagem engenhosa da coleção da Maison de objetos de design polissensorial, que enche o quotidiano de vibração.

*O icónico frasco Art Deco de Acqua di Parma transcende as expectativas, revelando não apenas uma, mas duas velas requintadamente trabalhadas no seu interior. Inteligente e surpreendente, o novo conceito foi concebido por **Dorothée Meilichzon**, num impressionante contraste de cores e acabamentos.*



FLY LONDON COM DESCONTOS DE ATÉ 50%

NOS MODELOS MAIS COOL DESTE VERÃO

*A portuguesa Fly London está com descontos incríveis de até **50%** em centenas de modelos!*

*Entre **sandálias, socas, sapatilhas e botas,** são inúmeras as opções que vão tornar os looks deste verão inesquecíveis. E o melhor de tudo? É que a Fly London aposta nos modelos mais **cool e disruptivos,** mas não esquece a **qualidade e conforto** que os pés merecem.*

*No ano em que completa **30 anos,** a marca portuguesa arriscou em modelos típicos dos anos 90, como as socas, que estão também em **promoção**.*

*Explore o melhor para os dias quentes em **shop.flylondon.com** ou nas lojas Fly London, no Porto e Lisboa.*



CASIO

NOVO MODELO DE RELÓGIO EDIFICE EM COMEMORAÇÃO DO 50.º ANIVERSÁRIO DA TOM, INSPIRADO NO SEU PRIMEIRO CARRO DE CORRIDA

A Casio Computer Co., Ltd. acaba de anunciar o lançamento da mais recente adição à linha EDIFICE, relógios baseados no conceito de marca "Velocidade e Inteligência". O TOM'S 50th Anniversary Edition EFS-S641TMS apresenta um design inspirado no histórico carro de corrida TOM'S KP47 Starlet, que fez da TOM'S uma equipa sensação pela série de vitórias recordes.





Por **Carolina Celas**

Nascida 12 anos depois do 25 de Abril, licenciou-se em Design e, mais tarde, completou o mestrado de Comunicação Visual, no Royal College of Art. Trabalha como ilustradora, em regime de *freelancer*, para diferentes meios. Autora do livro *Horizonte*, publicado pela Orfeu Negro, tem participado em várias exposições, nacionais e internacionais, nos últimos anos. https://www.carolinacelas.com/

VISÃO Biografia

UM IDEALISTA CARISMÁTICO

NÚMERO 16

VISÃO Biografia

1917 · 1963

KENNEDY

UM IDEALISTA NA CASA BRANCA

COMO UM JOVEM DE UMA FAMÍLIA PRIVILEGIADA MUDOU A FORMA DE FAZER POLÍTICA E CHEGOU A PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, ONDE ENFRENTOU DESAFIOS GIGANTES: A LUTA PELOS DIREITOS CIVIS, A CONQUISTA DO ESPAÇO, A CRISE DOS MÍSSEIS, A GUERRA FRIA E O ATENTADO FATAL

NOVA EDIÇÃO €6 JÁ À VENDA

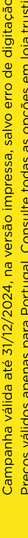
Assine a VISÃO Biografia e apoie o jornalismo de qualidade

PAPEL	1 ANO (3 EDIÇÕES)	~~€18~~ €15,60

Aceda a **loja.trustinnews.pt**

ASSINAR







www.seikowatches.com #SPB381

Crisálida Joalharia (Aveiro) / David Rosas (Norteshopping, Porto - Funchal) / El Corte Inglês (Gaia - Lisboa)
Espiral Relojoaria (Amoreiras, Lisboa) / Galeria da Jóia (Norteshopping, Porto)
Gilles Joalheiros (Vasco da Gama - Colombo, Lisboa) / Paulo Miranda Joalheiro (Faro)
Pure Jewellery by Ana Joalheiros (Oeiras) / Relojoaria Mendonça (Porto) / Rogério Joalheiro (Almada)

*Continua A Avançar

CERTORA: 213 212 600